

## Capítulo 15

### Cristo A Videira Verdadeira. João 15. 1-10.

O agricultor, a vinha, e os ramos: *V. 1) Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. 2) Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto, limpa, para que produza mais fruto ainda. 3) Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado; 4) permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de se mesmo, se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. 5) Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.* Não tem importância, se o Senhor falou estas palavras no pátio da casa em que celebrara a páscoa com seus discípulos, ou no caminho pelo valo do Cedrom. Ele combina nesta parte de seu discurso parábola e aplicação de modo muito impressionante. Deseja tornar claro a seus discípulos a relação que ele tem com os que são chamados a continuar sua obra. Na grande horta, ou vinha, do mundo, Jesus é a verdadeira videira, conforme o eterno conselho da salvação, ali plantada por seu Pai celeste. O próprio Deus Pai é o agricultor, o horticultor, e este está ativa e solícitamente preocupado a respeito do crescimento da vinha. O viticultor tem interesse incessante em cada fase da condição da vinha, e em cada galho que brota do tronco. Cada um dos brotos anuais da vinha que são infrutíferos, que mostra nenhuma indicação de se tornar um galho que carrega fruto, o viticultor tira, corta do tronco. E a cada broto que carrega fruto o horticultor limpa com muito cuidado, retirando todos os rebentos, desbastando todos os brotos que sugam o vigor do ramo. O objetivo é conseguir que cada galho alcance os resultados mais ricos possíveis. Agora Jesus faz a aplicação a seus discípulos. Estes estão limpos, livres de mácula interna. Estão na condição de bons galhos, prontos para carregar fruto; e isto por meio da palavra, por causa da palavra que Jesus lhes falou, que lhes ensinou durante seu ministério. Esta palavra do evangelho os purificou. Ela os renovou, ou converteu. Ela os tornou verdadeiros ramos de Cristo. “Ele diz com franqueza: Sois limpos pela palavra que vos falei. Isto é nada outro do que toda a pregação de Cristo, como foi enviado ao mundo pelo Pai, para pagasse por nossos pecados através de seu sofrimento e morte e reconciliasse o Pai, para que todos os que nele crêem não se perdessem nem fossem condenados, mas por causa dele tivessem perdão de pecados e vida eterna (Jo. 3. 16). Esta palavra purifica ao homem ( quando aceita no coração pela fé), isto é, ela traz perdão de pecados e torna aceitável diante de Deus, para que por causa desta fé, pela qual unicamente esta palavra é aceita e assentida, nós, crendo nela, sejamos julgados e considerados totalmente puros e santos diante de Deus, mesmo que, por causa de nossa natureza e vida, ainda não somos o suficientemente puros, visto que pecado, fraqueza e fragilidades, que ainda precisam ser limpas, estejam em nós, porque ainda estamos na terra.”<sup>1)</sup> Por isso é necessário, como Cristo insiste aqui, que os discípulos se empenhem para permanecer na condição à qual a graça de Deus os elevou. Precisam apegar-se a ele pela fé e em confiança. Então ele, por sua vez, habitará neles, os suprirá com poder e energia divinos. Os ramos são realmente ativos, mas só através do poder que receberam do tronco. Tão logo que um galho é tirado da vinha, findou sua capacidade de dar fruto. Bem assim, logo que um discípulo rompe sua conexão com Cristo, que é mantida pela fé, por meio da palavra, ele deixa de estar numa condição em que possa produzir fruto agradável a Deus. Jesus é a vinha, os fiéis são os ramos. Somente enquanto ficam nele, enquanto a força dele flui para eles a cada dia e hora, por meio do Espírito, na Palavra, podem eles produzir fruto em abundância. Mas, permitam que esta conexão seja rompida, deixem que a fé seja quebrada, e todas as boas obras são coisa do passado. Sem Cristo, sem seu poder e vida, sem Cristo e seu Espírito energizador, não há qualquer possibilidade para qualquer espécie de obra realmente espiritual. O resultado em tais casos, mesmo na melhor das intenções, é nada aos olhos de Deus. Agindo por sua própria razão, por sua própria força, os crentes não podem pensar, desejar, falar e realizar nada de bom. Cristo opera a realização do bem por meio do poder da Palavra.

---

<sup>1)</sup> 63) Lutero, 8. 504.

A aplicação séria: *V. 6) Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. 7) Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. 8) Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. 9) Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. 10) Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço.* É enfatizada dez vezes nestes dez versículos a necessidade de habitar em Cristo, a necessidade de guardar uma adesão firme no Salvador por meio do amor. Tanto depende do fato que cada cristão, uma vez implantado na vinha verdadeira, mantenha sua íntima ligação. Pois, se alguém não permanece em Cristo, as conseqüências são desastrosas. É lançado fora como galho inútil, pois está seco. Não é permitido que madeira morta esteja atirada pela vinha da igreja de Deus. Por isso todos os galhos mortos são amontoados e atirados no fogo que os queima. Conforme é comum nestes casos, ocorre então uma destruição inevitável e completa dos ramos mortos. Toda e qualquer pessoa que não permanece em Cristo, depois de uma vez ter alcançado o conhecimento salvador, com isso se torna um membro morto. Ela mesma corta seu suprimento de vida e poder espiritual. E já não está mais capacitado para produzir fruto verdadeiro, ou obras realmente boas. Pode haver alguma ostentação e aparência cristã, mas perdeu-se a realidade de virtude cristã. “Enquanto o galho permanece arraigado no caule ou tronco e seu suco e poder estão nele, seus frutos precisam ser e permanecer bons, mesmo que, de alguma forma, possam ser ferroadas por algum verme ou ser atacados por larvas ou outra praga. Da mesma forma, se uma pessoa continua em Cristo e recebe e guarda pela fé a energia e o poder dele, assim que Jesus nele opera com seu poder e dons do Espírito Santo, então a fraqueza que ainda persiste, a qual é incitada pelo diabo e a atual natureza corrupta, não causarão prejuízo, mas isto, quando ele resiste a ela por meio da constante luta de fé e assim varre fora essa praga. Mas se fores desistir da doutrina da fé ou a subverteres e, deixando a Cristo, quiseres apoiar-te sobre a tua própria santidade, ou viver publicamente em pecado e vergonha, e ainda assim quiseres gloriar-te no evangelho e no nome de Cristo, então debes saber que és um broto falso e não tens parte na videira, mas, mereces ser atirado fora e ser condenado com madeira e frutos ao fogo eterno.”<sup>2)</sup> Mas para aqueles que perseveram em Jesus, ou, o que é idêntico com isto, para aqueles que perseveram na palavra do Senhor, um outro efeito e resultado benfazejo desta bendita familiaridade é a escuta de suas orações por parte de Jesus e do Pai. Jesus permanece em seus discípulos por meio do seu ensino, de seu evangelho, e pelo poder desta mesma palavra eles são capacitados a dar fruto que lhe é aceitável. Mas este mesmo relacionamento também lhes ensina a orar na maneira apropriada. Pois as palavras: *Podeis orar o que quiserdes*, não devem ser entendidas num sentido absoluto ou no sentido duma opção arbitrária. O relacionamento dos fiéis com Cristo exclui uma tal compreensão. A oração dos cristãos sempre será feita conforme o amor e a Palavra de Deus, em conformidade com a nova vida que governa todos os seus pensamentos e ações. Orações assim são a expressão da familiaridade entre Cristo e seus discípulos, e em conseqüência disso são ouvidas. Pois o Pai é glorificado por meio desta concessão da oração que flui do íntimo relacionamento entre Cristo e os cristãos. E o resultado é um fortalecimento dos laços de amor, um aumento da quantia e da qualidade das boas obras, e uma confirmação do discipulado. A obediência dos cristãos não é uma servidão torturante, mas uma expressão feliz e alegre de seu amor. A mesma medida de amor que o Pai tem em relação ao Filho, este último tem para com os seus, e assim a união e familiaridade é perfeita, e de todas as maneiras devia ser conservada. Cada pessoa que persevera no amor que Cristo tem por ela e pelo mundo inteiro está em segurança por causa deste amor. Mas esta perseverança é realizada e alcançada pela guarda e pela observação dos mandamentos de Jesus. Isto é que torna plena a posse e o usufruir do amor de Cristo. Tal como Cristo guardou a vontade de seu Pai e a executou, assim os cristãos naturalmente acharão seu prazer na observação de todos os mandamentos, e ditos de seu Mestre, acima de tudo deste um sobre o apego à palavra do Evangelho como sendo a única palavra de salvação. Este perseverar em Cristo, na palavra do evangelho, fidelidade na confissão, é o resultado e a ação da graça de Deus. Aquele que

---

<sup>2)</sup> 64) Lutero, 8. 516.

começou a boa obra em nós por meio do plantar-nos na videira verdadeira, que é Jesus Cristo, também a levará a cabo até ao grande dia da glória.

O Novo Estado Dos Discípulos de Cristo. João 15. 11-27.

A alegria dos cristãos: *V. 11) Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo. 12) O meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. 12) Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. 14) Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando.* A parábola da videira e seus ramos com sua aplicação teve um objetivo definido, a saber, que a alegria que Jesus usufruía, que é sua de modo bem peculiar, esteja em seus discípulos, se torne propriedade deles, sua posse especial e carinhosa. Ele teve a alegria de sua vida na comunhão íntima com seu Pai, com quem está unido em uma só essência, na percepção do amor do Pai, e na observação de sua vontade. Se esta mesma mentalidade fosse encontrada nos discípulos, sentiriam a mesma alegria, e regozijariam na constante comunhão com Cristo e Deus. E por este mesmo sinal sua alegria seria cumprida, tendo eles medida completa de alegria, de felicidade que não lhes poderia ser tirada. Esta alegria alcançada pela percepção de sua união com seu Salvador, então também operará disposição para cumprir o mandamento do amor, assim que o amor fraterno entre eles se tornaria tão pleno e tão perfeito como é pleno e perfeito o amor de Cristo aos cristãos. E para enfatizar uma total abnegação e total esquecimento do eu, como sendo o tom da manifestação de verdadeiro amor, dá-lhes um exemplo, um caso específico de amor a toda prova. Nenhuma pessoa tem maior amor do que este, que ela dá e entrega sua vida por seus amigos. Esta verdade geral teve uma aplicação muito específica no caso de Jesus: Ele entregou sua vida por aqueles que ele escolheu como seus amigos. No seu caso se sobressai a idéia de resgate, de substituição. Em lugar dos, em vez dos, culpados ele entregou sua vida, resgatando-os desta forma das conseqüências de atos que eles deviam ter carregado. “Isto se chama um amor imenso e poderoso se uma pessoa dá à outra em seu infortúnio mil ou dez mil reais, ou paga por ele todas as suas dívidas. Mas com grande seria isto se um rei ou um príncipe desse a um mendigo miserável um ducado ou principado, sim, até mesmo seu próprio reino ou terra e povo? Então o mundo inteiro cantaria e falaria dum amor jamais ouvido. Mas isto é somente coisa pequena quando comparado com isto, que Cristo dá sua vida e corpo por ti, que de fato é o amor mais sublime que qualquer pessoa na terra pode mostrar ao outro. Pois, servir com dinheiro e bens, sim, com o corpo, também se chama amor. Mas não há ninguém que não fosse dar antes seu dinheiro e bens, sim, sua terra e povo, do que se morresse pelo outro. E se o fizesse, não seria nada frente ao fato que o Filho do próprio Deus desce do céu e se apresenta em teu lugar, e voluntariamente derrama seu sangue e morre, ainda que tu tens sido seu inimigo e uma pessoa condenada. Este é o amor que é muito maior e mais sublime do que céu e terra e tudo o mais que possa ser mencionado.”<sup>3)</sup> O próprio Cristo faz esta grande aplicação. Se a evidência de suas obras no cumprimento de seus mandamentos indica a fé de seus corações, seus discípulos são seus amigos. Ele os encarava como seus amigos pelos quais ele tencionava morrer. Eles, porém, por sua vez, deviam mostrar e praticar autonegação amando e servindo seu próximo, e um ao outro. Notemos: É um nome que honra muito aos cristãos, serem chamados amigos de Jesus, do Salvador, e ter uma evidência tão maravilhosa da amizade de Cristo em sua morte.

O significado da amizade de Cristo: *V. 15) Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. 16) Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao pai em meu nome, ele vo-lo conceda.* O Senhor expõe este novo caráter dos discípulos mais amplamente. Ele faz a diferença entre servos e amigos. Um servo não sabe o que seu senhor faz; mas recebe ordens para realizar uma tarefa que foi distribuída, mas não tem idéia do objetivo que o senhor tenha na designação; não tem interesse pessoal no que faz. Mas os discípulos de Jesus são doravante seus amigos; estão em sua confiança, são admitidos no íntimo círculo de seus confidentes, em sua companhia bem

---

<sup>3)</sup> 65) Lutero, 8. 551.

achegada. O único nome que agora lhes há de servir é o de amigos, pois o Mestre lhes revelou os segredos do Pai, sua essência e em especial seu plano de amor pela salvação da humanidade. Esta é uma honra tão grande porque não se pode começar com a existência de qualquer termo de comparação entre ele e eles. A amizade brota espontaneamente entre pessoas da mesma categoria. Neste caso, porém, era pura graça e misericórdia da parte de Jesus que o moveu a escolhê-los. Na mente dos crentes não houve a menor idéia para eleger Cristo como seu Salvador ou para eles se enfileirarem ao seu lado. Esta escolha foi feita unicamente por ele. Tudo o que é feito na fé pelos cristãos é o resultado da eleição graciosa de Cristo. É por causa disso que eles foram designados, apontados, para o objetivo de saírem, de se mostrarem perante o mundo inteiro e fazerem boas obras. E estes frutos de sua fé e de sua eleição não deveriam passar ou ser evanescentes, mas deviam ter um valor permanente e duradouro. Como cristãos crentes eles tem esta capacidade, e deviam empregar esta energia e este poder que Cristo lhes deu pela fé. Isto, por sua vez, significa estar numa familiaridade tão próxima com o Pai, que os cristãos trazem livremente suas petições e orações a ele. Eles oram em nome de Jesus, confiando em sua redenção, que os restaurou em sua correta posição como filhos de Deus, sabendo que Deus há de ouvir sua oração e há de dar as bênçãos de que necessitam. Cristo e o Pai são aos cristãos um manancial e uma fonte constante de força espiritual. Devem tudo o que são, tudo o que têm, e todo o bem que fazem, a Cristo e ao amor de Cristo.

O resultado da vocação do cristão: *V. 17) Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros. 18) Se o mundo vos odeia, sabei que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. 19) Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário dele vos escolhi, por isso o mundo vos odeia. 20) Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. 21) Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou.* O Senhor resume, mais uma vez, num só mandamento todas as exigências da vida cristã, a saber, que os cristãos amem uns aos outros. Este não é um mandamento no sentido das injunções de Moisés, mas uma admoestação verdadeiramente evangélica. O amor mútuo que manifestam uns aos outros em tudo o que fazem deve ser a característica principal dos cristãos por meio da qual se distinguem de todas as pessoas. Mas este comportamento necessariamente implica numa segregação do mundo, das outras pessoas entre as quais os cristãos vivem. Isto traz sobre os cristãos o ódio do mundo, um imortal e perverso, o qual, em certas ocasiões, pode ocultar-se sob a aparência de tolerância, mas que jamais dorme. Sob estas circunstâncias os cristãos não deviam sentir ansiedade e nem espanto, pois odiar aos cristãos está em total concordância com a natureza do mundo, assim como odiou a Cristo, o Senhor, antes deles. Há o contraste inextirpável entre Cristo e seus discípulos, dum lado, e o mundo, os descrentes, doutro lado. Se os cristãos fossem do mundo, se tivessem a natureza, o modo, a caráter do mundo, o mundo reconheceria imediatamente a afinidade e os trataria assim. Jesus, porém, escolhendo-os, separou os cristãos do mundo. Por isso o resultado natural é este ódio característico dos descrentes, certas vezes só expresso em veladas insinuações, mas, em outras, em franca inimizade. Por isso, os discípulos de Cristo de todos os tempos devem guardar na memória a palavra que o servo não é maior do que seu senhor; o servo não pode aguardar ter de experimentar um trato melhor do que recebe seu mestre. O Senhor Jesus sofreu perseguição da pior maneira possível durante sua estada terrena: seus discípulos não devem esperar menos. Doutro lado, se guardaram, observaram, e praticaram a palavra do Mestre, o mundo será capaz de conceder o mesmo trato ao ensino deles. Isto sempre é um raio de esperança no ministério que, no mais, tem pouco que o recomende a quem é desejoso pelo serviço de Cristo. A razão e a explicação do ódio e da perseguição aos discípulos é muito simples. Em primeiro lugar, os filhos do mundo odeiam o próprio nome de Jesus como o Salvador do mundo. A idéia dum Redentor dos pecados não lhes é só repugnante, mas completamente odioso. A seguir, não tiveram conhecimento do Pai que enviou Jesus ao mundo com o alvo e objetivo que confessou como seu. Tivessem eles conhecido a Deus, sem dúvida, teriam reconhecido em Jesus Cristo o Enviado e o Filho de Deus. Esta explanação é o consolo dos discípulos em quaisquer perseguições que lhes possam sobrevir, também nesses últimos dias.

O ódio do mundo e o testemunho do Espírito: *V. 22) Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas agora não têm desculpa do seu pecado. 23) Quem me odeia,*

odeia também a meu Pai. 24) Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas agora não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim, como a meu Pai. 25) Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo. 26) Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarem da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; 27) e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio. A posição dos judeus descrentes no tempo de Jesus foi muito semelhante à de Paulo, Rm. 7. 7. Se Jesus não tivesse vindo e se revelado ao mundo como o Messias, se não tivesse ensinado e pregado como o fez, então seu pecado imenso, sua descrença, não teria sido cometido. Depois da revelação de Cristo, depois da pregação pública do evangelho diante do mundo, não mais qualquer excusa para descrever. Isto aqui é revelado como o pecado dos pecados, pois Cristo alcançou e ofereceu plena expiação para todos os pecados, e eles, rejeitando-o, também rejeitaram sua expiação, com o que os pecados deles retornaram sobre eles com impacto total de condenação. E, odiando a Jesus, também odiaram ao Pai, carregando, desta forma, sobre si uma medida ainda maior de culpa. Isto é o auge da inimizade contra Deus, que o mundo despreza e rejeita o amor de Deus, o amor de Deus em Cristo, que os filhos da desobediência odeiam ao Deus que lhes oferece misericórdia e paz. A situação está perfeitamente clara. Jesus não somente pregara do Pai repetidamente, mas também se revelara por meio de suas obras, por meio de seus milagres. Eles em sua impiedade haviam rejeitado esta revelação. Tendo visto o Pai na pessoa do Filho, eles haviam odiado a Cristo e por isso também ao Pai, com o qual ele é um. Não há desculpa para o mundo, mas aos discípulos há boa medida de consolo no fato que o ódio do mundo já fora profetizado, Sl. 69. 4. Sem ter qualquer motivo justo, mas por mera obstinação odiaram a Cristo, e hoje odeia aos cristãos. É escusável a rejeição deles a Cristo, de sua palavra e dos seus seguidores.

Mas, em contraste com todos este ódio e inimizade do mundo, permanece a promessa consoladora de Cristo a respeito do Espírito Santo e seu testemunho. O Consolador, o Amparador, o Guia, que ele lhes prometeu, virá com certeza. Cristo o enviará da parte do Pai, pois este é seu poder, como o Filho exaltado de Deus. Ele é o Espírito da Verdade; sua obra principal é o ensino do evangelho eterno e a revelação de sua glória e belezas aos corações dos cristãos. Ele é enviado pelo Filho, mas também procede do Pai. Reina a mais maravilhosa intimidade entre as diversas pessoas de Deus. Testemunhar do Salvador Jesus: este é o ofício do Espírito; por este motivo ele leva o nome Espírito da Verdade. “Eu lhes darei, diz Jesus, o Espírito que vos tornará firmes e certos da verdade, que não mais vos atreveis a duvidar em relação a isso ou aquilo que se refere à vossa salvação, mas estejais firmes sobre o assunto e possais ser juizes, e mesmo julgar todas as demais doutrinas.”<sup>4)</sup> Notemos quão fortemente é destacada aqui a Trindade de Deus: Jesus, aquele que fala, como uma das pessoas, enviará o Consolador da parte do Pai, sendo uma pessoa que subsiste por si mesma; e este Consolador, por sua vez, é distinto do Pai e do Filho. Com o auxílio deste Consolador e Amparador os discípulos seriam capazes de testemunhar, de proclamar a redenção da humanidade pela obra de Cristo. E o testemunho deles teria tanto mais peso e valor, porque eles haviam estado deste o princípio com o Senhor; podiam falar do que haviam visto e ouvido. Com um testemunho tão maravilhoso do alto a suportar e fortalecê-los, não havia qualquer razão para os discípulos não realizarem a obra com toda energia e poder, assim como esta mesma atitude deve caracterizar hoje seu trabalho. “Não há, por isso, nenhuma outra maneira ou meio de confortar, fortalecer e instruir as consciências, e para proteger e defender a si mesmo, do que pela pregação e o testemunho do Espírito Santo.... Esta é a Palavra de Deus, pregada no mundo pelo Espírito Santo, conhecido também aos filhos, que também as portas do inferno não derrotarão.”<sup>5)</sup>

**Resumo:** Jesus conta a seus discípulos a parábola da videira e dos ramos como sua aplicação, explica e urge o mandamento do amor fraterno, e falar do ódio do mundo contra os discípulos de Cristo.

## Capítulo 16

---

<sup>4)</sup> 66) Lutero, 8. 599.

<sup>5)</sup> 67) Lutero, 8. 603, 605.

A intensidade do ódio do mundo: *V. 1) Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. 2) Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isto tributar culto a Deus. 3) Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim. 4) Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse. Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco.* Jesus, tanto advertira seus discípulos sobre a perseguição o ódio, como lhes dera encorajamento para enfrentarem toda esta demonstração. E todas as afirmações haviam sido feitas com o objetivo de salvar os discípulos contra o fato de se ofenderem, ou seja, que as preditas futuras tribulações os fossem escandalizar. Todos eles agora sabiam que todas estas coisas acontecem conforme o conselho e a vontade de Deus ou por sua permissão. O ódio do mundo, dos filhos da desobediência, pode ter várias formas ou graus. Em primeiro lugar, eles excomungarão os fiéis em Cristo, hão de expulsá-los de toda e qualquer participação externa. O ostracismo dos verdadeiros discípulos de Cristo, tanto na igreja como na sociedade, é, até aos nossos dias, um método favorito para manifestar inimizade contra Cristo. Virá o tempo, diz Jesus, quando a intolerância e o ódio contra Cristo e seus seguidores não se satisfará com estas medidas, mas, nem mesmo recuará diante do próprio assassinato. Cada um dos inimigos, como um representante muito apropriado de toda classe, terá a idéia que com isso está realizando um ato especial de culto a Deus. Cada um haverá de crer que sua intenção e realização assassinas são uma obra de grande mérito e muito agradável a Deus. Estas palavras se cumpriram e se cumprem continuamente. Os cristãos sempre têm sido considerados uma companhia louca e malvada. Mas a razão para este ódio, para sua intensidade e expressão, é achada, como Jesus observara antes, no fato que os descrentes não conhecem nem o Pai e nem ao Filho. Jesus, desde o começo, tentara destacar a relação entre ele e seu Pai de modo muito forte; tanto suas palavras como suas obras proclamavam a união entre eles, e, ainda assim, continuou a deliberada cegueira dos judeus descrentes. “Mas isto é dito sobre nosso consolo e fortalecimento contra esta excomunhão e assassinato, para que não demos atenção a isso nem nos escandalizemos. Pois aqui temos o testemunho e a glória, que eles próprios nos precisam dar por sua própria confissão, a saber, que eles não nos perseguem por causa de coisas tais, que pudessem mencionar uma prova pública, que nisso fizessem justiça, como nos casos em que o mundo tem direito e razão para condenar e castigar, como nos casos de notórios patifes, ladrões, assassinos e rebeldes, mas eles nos perseguem nas coisas em que nada sabem nem entendem, a saber, que nós pregamos de Cristo e do Pai, a quem não conhecem, e, ainda assim, em sua cegueira, se opõe a essa pregação e contra ele esbravejam.”<sup>6)</sup> Por isso, o que Jesus dissera aos discípulos servirá tanto como advertência como consolo, para que as provações e perseguições vindouras não ocasionem surpresa e ofensa. Não fora necessário a Jesus dar-lhes uma descrição tão plena no começo de seu ministério; pois naqueles dias, e desde então, estivera com eles como seu amigo e protetor, guardando-os tanto contra a fraqueza como contra a perseguição.

O consolo da partida de Cristo: *V. 5) Mas agora vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? 6) Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração. 7) Mas eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei.* Jesus estivera tanto tempo com eles como guia e protetor, mas agora chegou o tempo de partida. Mas este anúncio, em vez de provocar todas as maneiras de inquirições, estonteou-os de tristeza. O Senhor cumpriu a missão para a qual foi enviado, e, por assim dizer, vai prestar contas duma tarefa corretamente realizada. Mas suas palavras sobre sua partida não encontraram atenção da parte dos discípulos quanto ao bem-estar futuro dele. A atitude deles cheira fortemente a egoísmo diante da perda do Mestre e de dor diante de sua partida. São insensíveis quanto ao verdadeiro problema envolvido. Por isso dá-lhes a conformação confortadora e animadora que sua partida lhes é conveniente, que ela lhes resultará em vantagem, que eles tão só colherão benefício dele. Se ele fosse permanecer corporalmente em seu meio, então o outro evento, que é maior, não seria possível: o Consolador não poderia vir.

<sup>6)</sup> 68) Lutero. 8. 624, 625.

O envio do Espírito dependia do fato que Cristo entrasse na glória de seu Pai segundo sua natureza humana. Ele, como o exaltado Filho do homem, teria e empregaria seu poder para lhes enviar o Consolador. “Este é o significado destas palavras: Se eu não partir, isto é, se eu não morro e seja afastado desta essência e vida corporal, então nada está ganho, mas vós permanecéis onde estais agora, e tudo permanecerá no modo antigo como foi antigamente e ainda é: os judeus sob a lei de Moisés, os gentios em sua cegueira; todos sob o pecado e a morte, e disso nenhum pode ser resgatado nem ser salvo. Se assim fosse, nenhuma escritura seria cumprida e eu teria vindo em vão, e tudo seria sem sentido, tanto o que os santos pais antes de vós, e vós mesmos, creram e esperaram. Mas se eu partir e morrer e realizar o que Deus tem decidido em seu desígnio para realizar por meu intermédio, então o Espírito Santo virá a vós, e atuará em vós, e vos dará a coragem que vos tornareis meus agentes e co-participantes, mudeis o mundo inteiro, ab-rogueis a lei ou o judaísmo, destruais a idolatria gentia, e repreendais e mudeis o mundo inteiro, assim que vossa doutrina há de permanecer e penetrar eternamente, ainda que isto desagrade ao diabo e o mundo inteiro. Este é o dom e a glória que minha partida vos traz.”<sup>7)</sup> Notemos: Estas palavras de Cristo mostram que nós cristãos de hoje temos mais benefício da obra do Consolador, o Espírito Santo, do que tiveram os discípulos da presença pessoal e visível do Senhor, quando ele habitou entre eles na forma de servo.

A repreensão do mundo: *V. 8) Quando ele vier convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: 9) do pecado, porque não crêem em mim; 10) da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; 11) do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.* E esta pessoa, o Espírito Santo, quando vier ao mundo, sentenciará o mundo. Esta é uma função a atividade especial do Espírito, sentenciar o mundo descrente em três enquadramentos, em relação ao pecado, à justiça e ao juízo. O Senhor expõe isto. Quando ao pecado, o mundo está em juízo, acusado e incapaz de negar a acusação que não crê em Cristo, porque voluntariamente escolheu não crer. Este é o pecado principal do mundo, dos descrentes, que eles rejeitam Cristo e seu evangelho. Todos os demais pecados não entram em consideração, se uma pessoa tão somente crê no perdão de pecados. Por isso a incredulidade, que se recusa aceitar o perdão de pecados, se corta deliberadamente da salvação. O Espírito fixa este fato nas mentes e nos corações dos descrentes. “O mundo não quer ouvir uma pregação de que todos sejam pecadores diante Deus, e que suas obras pias não têm valor diante dele, mas que, ao contrário, precisam obter misericórdia e salvação por meio do Cristo crucificado. Tal incredulidade contra Cristo se torna o montante e a substância de todos os pecados que levam uma pessoa à condenação, assim que não lhe resta mais socorro.”<sup>8)</sup> Em íntima conexão com este fato está a seguinte verdade que o Espírito sentencia o mundo incrédulo sobre a justiça, visto que Jesus estava indo ao Pai e não mais estaria com eles segundo sua presença visível. A verdadeira justiça consiste nisso, que Cristo, por seu ir ao Pai, por seu sofrimento, morte e ressurreição, alcançou e preparou a justiça que é aceitável a Deus. Mas o mundo nada quer com o sangue e a justiça de Cristo, preferindo sua própria virtude. E assim, como o Espírito lhes inculcará, tanto a justiça como a salvação são lhes perdidas por causa da incredulidade. Ele, por fim, os sentenciará do juízo, porque o governante deste mundo está julgado e condenado. A redenção de Cristo selou o destino do diabo, que perdeu a força e o direito em relação à humanidade, visto que o pecado foi vencido por Jesus. O Espírito Santo testifica isto aos corações dos descrentes, mostrando-lhes que, por causa de sua incredulidade, precisam participar da ruína do diabo, que, por rejeitarem ao que venceu a Satanás, estão condenados. Isto também serve para o conforto dos cristãos, visto que sabem que, mesmo agora, o mundo está sentenciado.

A obra de Cristo em favor dos cristãos: *V. 12) Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; 13) quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir. 14) Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar. 15) Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.* Resta muito a ser dito, Cristo gostaria de dizer muito mais aos discípulos, mas na atual situação de pequena fé, de imatura espiritualidade, misturada com tristeza e dor sobre sua partida, não seriam aptos de pegar e entendê-lo. De fato,

---

<sup>7)</sup> 69) Lutero, 8. 645.

<sup>8)</sup> 70) Lutero, 8. 654.

Jesus contara aos seus discípulos tudo que precisavam para sua salvação, e não houve qualquer necessidade para revelações arbitrárias posteriores, não importando as fontes das quais aleguem provir. Mas os discípulos necessitavam de mais instrução para entender a instrução já haviam recebido do Mestre. E isto seria providenciado pelo Espírito da verdade, pelo Espírito cuja função essencial seria o ensino da verdade, da palavra de Deus. Ele os ensinará, lhes servirá de guia em sua condução à plena verdade. Ele levará seus corações e mentes à verdade, os fará familiares com ela, os fará compreender e apegar a verdade, os levará a se darem conta da graça de Deus em Cristo Jesus. O Espírito, fazendo isto, não ostentará uma atividade arbitrária e independente. A relação entre as pessoas de Deus é a intimidade da unidade e exclui essa possibilidade. O Espírito pode e quer conduzir os cristãos a toda verdade, porque não trará uma revelação e evangelho separados e independentes, mas falará o que ouvira no conselho de Deus. A garantia do ensino do Espírito é que ele proferirá as palavras que são do Deus Triuno. “Aqui ele torna o Espírito Santo um professor, para que ninguém fique de boca aberta ao céu (como o fazem os espíritos frívolos e os entusiastas) e se afaste da palavra oral ou do ministério da pregação, mas saiba e aprenda que ele deseja ser com e na Palavra, e nos conduzir por meio dela a toda a verdade, para que tenhamos fé nela, e com ela pelejemos, e sejamos guardados contra todas as mentiras e o engano do diabo, e sejamos vencedores em todas as tribulações.”<sup>9)</sup> Desta forma, na Palavra o Espírito revela e torna claros os mistérios de Deus e o céu. E, visto que ele é o Espírito da profecia, também contará sobre coisas que estão por vir, que agora estão ocorrendo. A salvação futura também pertence ao conselho de Deus: a vinda de Cristo para o juízo, a consumação da redenção no reino da glória. E, em relação a todos estes fatos, o Espírito dará a informação correta. Além do mais, fazendo isto, sua obra redundará na glória do Salvador, visto que a verdade, que ele revelará com o objetivo de ser pregada, ele receberá de Cristo. Retratando Cristo aos olhos e corações dos cristãos, o Espírito Santo provê e dá a Cristo a glória que lhe é devida na qualidade de Salvador. E ao buscar no Filho a sua doutrina, o Espírito incidentalmente recebe sua doutrina do Pai, pois, tendo eles em comum a Divindade, também têm em comum o divino conhecimento. Aqui Jesus faz uma afirmação muito audaciosa, como afirma Lutero, asseverando o que nenhuma pessoa comum podia fazer. Tudo o que o Pai tem, diz ele, é meu. Ele não só o tem ao seu cuidado; não só está em sua posse por breve tempo, mas tem poder total sobre sua disposição, visto que ele e o Pai têm tudo em comum. O Espírito tem o poder pleno da Divindade da qual pode extrair, mas tudo no interesse dos cristãos. Esta é a obra do Espírito em favor dos cristãos e dentro deles, que eles os ensina a conhecer Jesus Cristo, o Salvador, de modo correto e com clareza sempre crescente.

*O Consolo Do Segundo Advento de Cristo.* João 16. 16-33.

O consolo da breve separação: *V. 16) Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e me vereis. 17) Então alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis e outra vez um pouco, e me vereis; e: Vou para o Pai? 18) Diziam, pois: Que vem a ser esse – um pouco? Não compreendemos o que quer dizer.* Faltava só mais um pouco, algumas poucas horas, e o Salvador estaria oculto aos olhos de seus discípulos na escuridão do túmulo, e ele não teriam a capacidade de observá-lo. Mas, a seguir, novamente seria pouco tempo, algo de poucos dias, quando seus olhos seriam alegados pela sua reaparição como seu Salvador vivo. A intenção do Senhor, porém, parece ser comunicar também outra grande verdade aos seus corações, visto que diz que está indo ao Pai, fazendo desta afirmação a base das demais. Sua ascensão só distava alguns dias, depois da qual não mais gozariam do conforto de sua presença pessoal e física; seu retorno à glória ocorreria pouco depois. De qualquer forma, as palavras estavam cheias de consolo e ânimo para os discípulos. Mas estes últimos nada entenderam da feliz mensagem. Foram despertados de sua inércia só até ao ponto de discutirem entre si o provável significado do que Cristo dissera. O resultado de sua discussão foi que, francamente, constataram sua incapacidade de entender, de saber o significado dado pelo Mestre. Estavam totalmente desorientados e alarmados; um sentimento terrível sobre um desastre iminente tomou conta de seus corações.

---

<sup>9)</sup> 71) Lutero, 8. 676.

A consoladora garantia de Jesus: *V.19) Percebendo, Jesus, que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disso que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e me vereis? 20) Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. 21) A mulher quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem. 22) Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar.* Jesus esteve plenamente consciente da ansiosa desnorteação e embaraço dos discípulos, e que estavam envergonhados de perguntar por uma explicação. Ele, por isso, em sua usual benignidade, vai em seu auxílio, constatando a dificuldade que agitava suas mentes. Tinham dificuldade em conformar-se com a idéia de que ele os deixaria e fosse ao Pai, também não entenderam completamente o que estava incluído nestas declarações, como também não que ele devia ser removido da presença visível deles por um pouco de tempo e, da mesma forma depois de pouco tempo, ser visto por eles novamente. “Destá forma ouvimos muitas vezes o que significa ‘ir para o Pai’; que, de fato, não é uma expressão comum, uma como as pessoas usualmente empregam e como eles em geral a entendem, mas é a linguagem de Cristo o Senhor e de seus cristãos. Que Cristo veio do, ou foi enviado pelo, Pai significa nada mais do que que ele, o verdadeiro Filho de Deus desde a eternidade, se tornou um verdadeiro homem, e se revelou na terra em natureza, essência e forma humanas, permitiu que fosse visto, ouvido e sentido, comeu, bebeu, dormiu, trabalhou, sofreu e morreu, como qualquer outra pessoa. Além disso, que ele vai para o Pai, significa que ele será glorificado por meio de sua ressurreição da morte, que ele está assentado à direita de Deus e reina com ele em eternidade, como o Deus eterno e todo-poderoso. Pois pela sua descida ou vinda do Pai ele se revelou e atestou um homem verdadeiro e natural; mas por seu retorno ao Pai ele se declara ser verdadeiro e eterno Deus, nascido de Deus Pai, e assim numa só pessoa ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, e assim deve ser conhecido e crido.”<sup>10)</sup> Jesus, de modo muito impressionante, diz aos discípulos o resultado natural de seu afastamento deles, em especial nas condições que logo a seguir seriam evidentes. Eles chorariam e lamentariam diante da amargura de sua paixão, sua crucificação, e sua morte, enquanto o mundo, representado pelos judeus incrédulos, em especial os chefes da igreja, exultaria de alegria. Mas, suas almas, sufocadas pela tristeza, rapidamente encontrariam maravilhoso consolo, que tornaria sua dor em regozijo. O Senhor acrescenta uma ilustração para mostrar o sentido em que a intensidade e a crueldade duma dor imensa será convertida em jubiloso deleite. Na hora em que a tristeza e as dores da mãe são as maiores e própria morte parece iminente, a crise praticamente já passou; e com o nascimento da criança aparece a alegria sobre o parto seguro e sobre a própria criança, fazendo que se desvança a lembrança da grande tristeza. Assim, a tristeza e dor dos discípulos seriam muito agudas e ásperas, mas com o retorno de seu Mestre sua alegria seria tanto maior; seria uma alegria tão grande que ultrapassaria qualquer felicidade terrena, uma alegria que jamais seria tirada deles. Desde o tempo de Pentecostes com sua revelação maravilhosa, todos os cristãos podem tornar-se participantes desta alegria. Tristeza sobre a morte de Cristo não mais nos pode afetar; agora Jesus vem a nós de modo espiritual, com seu Espírito Santo; ele revela todas as glórias de sua salvação aos nossos corações. Os cristãos vêem e conhecem Jesus pela fé como o Filho de Deus e seu Salvador, e estão tomados duma alegria que persistirá enquanto sua presença continua, ou seja, até o fim do tempo.

A oração que nunca falha: *V. 23) Naquele dia nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome. 24) Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi, e recebereis, para que a vossa alegria seja completa. 25) Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora quando não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai. 26) Naquele dia pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós. 27) Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus. 28) Vim do Pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o Pai.* Naquele dia, com a vinda da revelação através do Espírito, não haverá mais necessidade de pedir qualquer coisa ao

---

<sup>10)</sup> 72) Lutero, 8. 691.

Senhor. Ainda que o intercurso pessoal entre eles e seu mestre havia terminado, teriam o benefício e a certeza duma comunhão direta através da obra do Espírito. Jesus lhes assegura solenemente que sua relação com o Pai será duma natureza que lhes permite ir diretamente a ele com todos os seus desejos e suas necessidades, pois todas as preces deles serão feitas no nome de Jesus. Porque a expiação de Jesus realizou paz com o Pai, restaurou os cristãos à sua posição de filhos de Deus, eles só precisam referir-se a Jesus e sua obra, apelar à sua redenção, para estarem certos da escuta de suas orações. A obra do Mediador e Salvador ainda não havia sido completada, e por isso os discípulos não haviam orado em seu nome. Agora, porém, a estrada ao coração do Pai foi aberta, e eles entrarão, pedirão, sabendo que receberão, e assim ter também a realização de sua alegria. A eficácia de pedir depende da fé no Salvador como o Substituto da humanidade, por meio do qual temos livre acesso ao Pai. Para comprovar, de modo ainda mais forte, esta verdade aos discípulos, o Senhor lhes diz com franqueza que seu ensino, em grande parte, fora feito em ditos proverbiais e parabólicos. Mas está chegando a hora, depois que ele tiver entrado em sua glória, quando ele lhes falará sem figuras ou imagens difíceis, por meio da obra do Espírito. Então também lhes ensinará, lhes anunciará francamente, o que é expresso com conhecer o Pai, tendo a correta compreensão do seu amor e de sua misericórdia. Durante todo esse tempo orar no nome de Jesus será tão forte, tão eficaz, que não haverá mais necessidade para sua intercessão especial por eles. Isto é necessário, naturalmente, para estabelecer a correta relação entre Deus e os cristãos. Cf. Rm. 8. 34. Mas tão grande é o amor do Pai, que foi evocado pelo amor dos cristãos em Cristo e pela sua fé inabalável que ele veio ao mundo para revelar o Pai, para ser seu embaixador, que o Pai deseja lidar diretamente com seus filhos e deseja conceder-lhes as orações. Disso os discípulos deviam está mais uma vez certos: Jesus saiu do Pai e entrou no mundo para realizar realidade o plano da salvação de toda a humanidade. E agora ele deixa o mundo e vai para o Pai, o que significa que a obra que ele tencionou realizar foi consumada. Este fato estabelece a relação entre Deus e os cristãos, e torna todas as suas orações em nome de Jesus aceitáveis diante dele. Notemos: Tudo o que os cristãos pedem a Deus em nome de Jesus, pela fé em seu mérito, ele lhes dará. Pois eles oram como os filhos de Deus, que têm a natureza e o modo de ser de seu Pai. É lógico, por isso, que eles pedem só por aquelas coisas que agradam ao Pai, 1.Jo. 5. 14. Isto inclui, acima de tudo, que eles deixam o tempo e a maneira do atendimento à sua sabedoria paterna.

A conclusão do discurso: *V. 29) Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. 30) Agora vemos que sabes todas as coisas, e não precisas de que alguém te pergunte; por isso cremos que de fato vieste de Deus. 31) Respondeu-lhes Jesus: Credes agora? 32) Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo. 33) Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.* A afirmação final de Jesus fora tão clara e inconfundível, a respeito do amor do Pai, da vinda de Cristo, e de sua ida ao Pai, que os discípulos julgaram terem-no entendido perfeitamente. Não havia parábola nem provérbio nestas afirmações, e tiveram a convicção, que também expressaram com franqueza, que ele tinha pleno conhecimento de tudo, e que seu ensino esteve livre de qualquer obscuridade. A implicação dos discípulos e que não precisam esperar por mais alguma manifestação e revelação futura, quando tudo estivesse claro em suas mentes. Agora já haviam sido persuadidos de sua condição de Filho de Deus. Mas o entusiasmo dos discípulos foi prematuro; ainda não viera o Pentecostes; primeiro eles precisam experimentar tristeza e sofrimento. Jesus lhes diz que a provação de sua fé, da qual se sentiam tão seguros, estava bem próximo. O resultado seria muito decepcionante. Seriam dispersos, fugiriam de perto dele, deixariam-no abandonado em sua terrível paixão. Suas primeiras considerações seriam seus próprios interesses, sua vida e sua segurança. Eles o abandonariam na hora crítica. Quanto a ele, porém, a perspectiva não o encheu de pavor; ele não estaria sozinho, visto que seu Pai estaria com ele. Sua presença seria em todas as ocasiões suficiente para todas as necessidades. A seguir, o Senhor resume mais uma vez numa breve sentença suas afirmações amáveis da noite. Ele lhes dissera, deu-lhes a completa certeza, para que nele tivessem paz. Ele coloca a si e sua esfera de atividade em contraste ao mundo e à esfera de influência e atividade deste. Os discípulos têm sempre tribulação no mundo, em meio aos descrentes; destes eles só podem esperar perseguição e tormento. Esta é a sina inevitável dos confessores de Cristo. Ainda assim eles deviam sentir-

se alegres e de bom ânimo. Pois em Jesus eles têm paz. Os cristãos, em meio à toda turbulência, ódio e perseguição destes últimos dias, têm paz com Deus, paz em Cristo o Salvador. Pois ele, Jesus, nosso Herói, venceu o mundo, mesmo que sua verdadeira paixão ainda não começara. O Senhor sabe que será o Vencedor na luta com o pecado, a morte, e o inferno, e que todos os seus inimigos serão tornados o descanso de seus pés. E por isso ele fará as necessárias provisões para que não sejam derrotados pelo inimigo e a perseguição. “Vede, esta é a terna despedida e confortadora palavra final que Cristo deixa a seus discípulos; falou-lhes de modo resignado aos corações. Mesmo que os apóstolos, na ocasião, não o entenderam e mesmo que nós não o entendemos,... nós, ainda assim, vimos, pela graça de Deus, que o Espírito Santo recordou muitos corações destas palavras quando a batalha irrompeu, e os encorajou que, na memória desta vitória, suportaram a tudo, e adormeceram em paz. Socorra-nos Deus e nos dê a vontade que também nos fixemos a este fato quando em infortúnio e morte.”<sup>11)</sup>

**Resumo:** Jesus ensina sobre o ofício do Espírito Santo, tanto quando repreende como quando conforta, e de sua própria ida ao Pai, e os resultados benditos que com isso viriam sobre os cristãos.

## Capítulo 17

### A Magnífica Oração Sacerdotal De Cristo. João 17. 1-26.

Cristo roga por sua própria glorificação: *V. 1) Tendo Jesus falado estas coisas levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti; 2) assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. 3) E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. 4) Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; 5) e agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.* Jesus concluiu as palavras de sua última grande incumbência aos discípulos. Agora ele ergue seus olhos ao Pai celeste e derrama sua alma numa oração intercessora extremamente maravilhosa e inspiradora. Com justiça foi ela chamada a magnífica oração sacerdotal, pois aqui Jesus aparece em sua obra como o Mediador, rogando ao Pai celeste, primeiro por si mesmo, depois pelo pequeno grupo de seus discípulos, e finalmente por todos aqueles que seriam reunidos por meio da proclamação do evangelho. Nesta oração tão simples há tanta beleza, conforto e poder, que, ao menos, seus pensamentos principais, caso não o texto todo, deviam ser memorizados. Jesus orou na presença dos discípulos; aquilo que queria contar ao Pai, aquilo que queria suplicar do Pai, era do interesse deles, e do interesse dos fiéis de todos os tempos. “Mas este é o resumo e o motivo deste capítulo. A um bom sermão devia seguir uma boa oração, isto é: Quando alguém proferiu a Palavra, então ele devia começar a emitir suspiros súplices e a desejar que ela também tenha poder e opere frutos. Pois, porque Cristo o Senhor neste momento já anunciou toda sua doutrina e ofício e os completou, e abençoou seus discípulos com o sermão excelente, longo e confortante, ele, por fim, sentiu-se movido a proferir uma oração, tanto para eles como para todos os cristãos, para que pudesse cumprir plenamente seu ofício, como o nosso sumo sacerdote, e nada omitisse daquilo que pudesse servir para os fortalecer e guardar, visto que ele desejava deixá-los para trás no mundo.”<sup>12)</sup> Jesus invoca seu Pai justamente neste uma palavra, dando deste modo à sua oração um tom de intimidade e confiança que deve caracterizar cada oração verdadeira. A hora chegou, aquela uma hora que devia ser o auge e a culminância da obra a que consagrou sua vida, a hora em que ele devia ir ao Pai através de sua morte. Por isso o Pai devia glorificar o Filho, devia fazê-lo realizar o propósito de sua vida através de sua paixão, morte, ressurreição e assentar à direita de Deus. Esta glorificação diz respeito à natureza humana de Cristo; conforme esta natureza ele devia ser contemplado com o exercício ilimitado de todos os atributos divinos. E o objetivo desta glorificação, por sua vez, seria que o Filho glorificasse ao Pai. O cumprimento da vontade do Pai, a reconciliação do mundo, a concessão da redenção a todos os cristãos, todos estes fatos iriam redundar na glória do Pai. A

<sup>11)</sup> 73) Lutero, 8. 734, 744.

<sup>12)</sup> 74) Lutero, 8. 747.

inteira obra de Cristo em seu estado de exaltação é uma glorificação contínua do Pai; seu alvo e objetivo é o louvor de Deus por sua graça e misericórdia em Cristo Jesus. A glorificação do Pai, por isso, está em acordo com a medida do poder dado a Cristo com respeito a toda carne, a saber, que Deus, por causa da obra de Jesus, quer que o Salvador dê a vida eterna a cada um que lhe pertença. O Filho tem a autoridade e o poder de dar a vida eterna àqueles que Deus lhe deu como os seus. Jesus, por meio de seu sofrimento e morte, tem o poder sobre toda carne, visto que ele os ganhou, ele os conquistou para si mesmo, por sua redenção. Nenhum está excluído: todo aquele que pertence à categoria “carne” está incluído no número daqueles pelos quais Jesus pagou com o seu sangue. Deste número todo Deus deu alguns a Jesus. Estes são os que realmente recebem pela fé a salvação de Jesus, são os únicos que realmente se tornam participantes da graça de Deus em Cristo o Salvador. A finalidade da salvação, intentada para todas as pessoas, se realiza só no caso das que crêem. Mas esta vida eterna, que os cristãos recebem das mãos de Jesus, consiste no verdadeiro conhecimento, na correta compreensão de Deus como o único Deus verdadeiro, como o único Senhor, e de Jesus Cristo, o Salvador, tanto em sua pessoa como em seu ofício, como aquele que foi enviado por Deus para realizar a salvação do mundo. O conhecimento e a fé tanto no Pai como no Filho são necessários para a obtenção da vida eterna, pois os dois estão no mesmo nível: o Pai se revelou no Filho, e o Filho tornou conhecido o Pai. A vida eterna é a união íntima e a comunhão com o Pai e o Filho. Esta felicidade e bênção já começam aqui no tempo; todavia, aqui na terra só em parte, mas na vida futura em toda sua plenitude e glória. O Filho, desta forma, glorifica ao Pai, levando os cristãos ao conhecimento correto do Pai. Ele começou esta obra aqui no mundo, tendo sido este um dos objetivos de sua encarnação. O fato que Jesus realizou a obra que lhe foi confiada, que ele cumpriu a vontade do Pai em todos os detalhes, de fato promove a glória e o louvor do Pai. Cada pessoa que foi ganha pelo ensino de Jesus juntará sua voz no louvor do Deus de misericórdia e na súplica a ele em espírito e em verdade. Tendo tudo isto sido alcançado, o Pai, por sua vez, receberia agora o Filho na glória, coroaria sua natureza humana com o pleno e irrestrito exercício de todos os atributos e poderes divinos, que já eram seus, antes do mundo existir, no seio do Pai. Jesus, mesmo em meio à humilhação na terra, foi o possuidor da glória divina; mesmo como homem ele foi onipotente, onisciente, onipresente. Mas ele não fez uso destes atributos divinos, que lhe foram comunicados, exceto em seus milagres e em poucas outras ocasiões, quando os raios de majestade divina se tornaram visíveis às pessoas. Mas, Jesus, por meio de sua paixão, morte e ressurreição quis entrar, também conforme sua natureza humana, no estado da glória, no pleno exercício e desfrute da essência celeste e divina, e de toda a alegria e bênção na presença de seu Pai. Este trecho da oração de Cristo, por isso, inclui uma petição em favor de si mesmo, a saber, por sua própria glorificação como homem; mas, mesmo aqui, ele indica que este auge glorioso também seria em favor das pessoas.

Cristo ora pelos discípulos como aqueles que guardaram a Palavra: *V. 6) Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. 7) Agora eles reconheceram que todas as coisas que me tens dado, provêm de ti; 8) porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste e eles as receberam e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.* A oração do Senhor agora diz respeito a seus discípulos, especialmente aos seus apóstolos. Ele lhes manifestou, revelou, o nome do Pai; Jesus proclamou e ensinou àqueles homens que o Pai lhe dera do mundo para serem seus, toda essência e glória do Pai. Mostrou-lhes qual é o sentir e a intenção do Pai para com os pecadores. Por meio desta pregação e a convocação que ela incluía, certas pessoas foram separadas do mundo pelo Pai e os adotou, deu, a Cristo. Eles eram de Deus por sua escolha e seleção; e no tempo o Pai os deu a Cristo, para que este lhes pudesse dar a revelação e o conhecimento necessários para obterem a vida eterna. Este objetivo foi alcançado; os homens aceitaram e guardaram a palavra do evangelho; a fé que fora operada em seus corações se agarra às promessas do evangelho. Os discípulos, antes de tudo, haviam alcançado a compreensão que Jesus não agia em caráter independente, fora da vontade e do conselho de Deus, mas que todos os dons, poderes e palavras que ele exibiu e ensinou eram do Pai. Também, quando, a seguir, Jesus lhes confiou as palavras que recebera do Pai, eles as receberam em fé. Eles mostraram, por sua aceitação das palavras, dos ensinamentos de Cristo com esta compreensão, mostraram que tinham a verdadeira fé e correta compreensão. Os discípulos, por isso, têm o verdadeiro conhecimento, a certeza da fé, que Jesus, de fato, veio do Pai, que ele

foi o Mensageiro e o Enviado do Pai para a humanidade. Aceitar a palavra de Deus, apegar-se às promessas e afirmações do evangelho, esta é a atitude característica e a obra dos cristãos. Tanto, no caso deles, efetuou o ministério de Jesus e seu testemunho.

A distinção entre os discípulos e o mundo: *V. 9) É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; 10) ora, todas as minhas coisas são tuas e as tuas coisas são minhas; e neles eu sou glorificado. 11) Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.* Aqui Jesus faz uma deliberada distinção. Diz expressamente que está orando por seus discípulos. Sua intercessão só diz respeito a eles. Ele coloca de lado o mundo incrédulo, pois os descrentes, incluídos neste nome, se recusam em aceitá-lo sob quaisquer circunstâncias. “Mas esta é a diferença. Assim, ele não ora pelo mundo, do mesmo modo como ora pelos seus cristãos. Ele ora assim por todos os cristãos e por todos aqueles que ainda serão convertidos, que eles permaneçam na verdadeira fé, nela cresçam e continuem, e dela não se apartem, e que aqueles que ainda estão sem fé abandonem esta sua maneira e também venham. Isto significa orar de modo correto e bom pelo mundo, tal como sempre devíamos orar.”<sup>13)</sup> Jesus ora por aqueles que Deus, por um ato deliberado de misericórdia, lhe deu, e que pertencem a Deus por sua escolha e seleção graciosa. Ele está tão convicto de ser ouvido nesta solicitação, porque os cristãos pertencem a Deus, em que ele naturalmente terá interesse. Aqui Jesus se dirige ao Pai de modo muito ousado: E o que é meu é inteiramente teu, e o que é teu é meu. Calmamente sustenta para si e o Pai absoluta comunhão de interesses e propriedade. Nenhuma criatura pode dizer isto ante Deus. Pois não debes entender isto só daquilo que o Pai lhe deu na terra, mas também de sua própria essência divina com o Pai. Portanto ele não só fala de seus discípulos e dos cristãos, mas inclui numa pilha tudo o que é do Pai, sua eterna e onipotente essência, vida, verdade, justiça, etc., isto é, ele confessa francamente que ele é verdadeiro Deus, porque a palavra ‘tudo o que é teu é meu’ não permite que algo seja excluído. Se tudo é seu, então também é sua a eterna Divindade; do contrário não teria usado esta palavra.”<sup>14)</sup> Jesus, o Filho de Deus, que tem tudo em comum com o Pai, desta forma é glorificado em seus cristãos. Ensinou-os a conhecê-lo. Introduziu sua figura, como o Redentor do mundo, em seus corações. O entendimento deles foi iluminado para capacitá-los a entender, ao menos de certo modo, o objetivo de Deus na salvação do mundo, e a colocar sua confiança em Cristo, tendo a esperança certa que a revelação restante lhes será dada no céu. A carreira de Jesus no mundo agora está chegando ao seu fim. Ele está deixando o mundo para retornar a seu Pai. Os discípulos, porém, ainda estão no mundo, em meio aos descrentes e inimigos do evangelho. Por isto a oração sincera de Cristo é importantíssima, que seu Pai, o Pai santo, que deseja conservar imaculado seu santo nome, conservaria os cristãos em seu nome, na confissão de seu nome, na verdadeira fé, até ao fim. Tão só, quando o próprio Pai cuida dos seus, a união espiritual dos cristãos jamais será perturbada ou anulada. Deus precisa conservar os cristãos na única e verdadeira fé na palavra da sua verdade, a qual revela e ensina seu nome. A preservação na fé é obra de Deus. É a ele que os cristãos precisam olhar em todos os tempos, para que ele os guarde constantes em sua palavra e na fé, até ao fim, tal como é sua vontade graciosa e boa.

Conservando os cristãos em o nome de Deus: *V. 12) Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. 13) Mas agora vou para junto de ti, e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos.* Jesus, enquanto esteve no mundo, na carne, ele pessoalmente cuidou de guardar seus discípulos na fé. Dia após dia ele os ensinou e os admoestou. Sempre de novo lhes revelou o nome do Pai, no evangelho que lhes proclamou. E seu trabalho evangelizador foi de muito sucesso. Ele conservara todos os discípulos que o Pai lhe dera, sua atenta condução e admoestação não haviam sido em vão, a não ser em um único caso, o do filho da perdição, do traidor. Neste caso a Escritura teve que ser cumprida. Cf. Sl. 69. 4; At. 1. 20. Mas agora a estada de Cristo na terra estava chegando ao fim. Ele não estaria presente com seus discípulos, nas condições de um contacto pessoal e visível, ao qual eles se haviam acostumado. Jesus estava retornando ao Pai, e por isso proferiu

---

<sup>13)</sup> 75) Lutero, 8. 790.

<sup>14)</sup> 76) Lutero, 8. 794.

esta oração na presença deles, enquanto ele ainda estava no mundo, para que se convencessem de seu interesse pessoal neles, de sua solicitude imutável por eles. Sua prece premente pela preservação deles na fé devia dar-lhes a certeza, como devia acontecer com os cristãos de todos os tempos, que nada é deixado por realizar que os deverá socorrer em meio a todos os perigos do mundo e de sua própria carne. Isto é uma fonte de maravilhoso consolo aos cristãos, e lhes concede plenitude de alegria. Sua alegria é então uma alegria em Cristo. Estão felizes sobre o fato que são cristãos, e são familiares do Pai. Esta alegria precisa expulsar qualquer restinho de dúvida em referência a permanência da pessoa na fé até ao fim, tal como toda esta parte da oração de Cristo só contém consolo para cada cristão. Onde, dum lado, há uma intimidade como a que existe entre Deus e Cristo, e doutro lado, com os cristãos, precisa sumir-se todo temor e todas as dúvidas. “Se, pois, alguém deseja saber se é eleito ou saber a respeito da sua relação com Deus, que só olhe para a boca de Jesus, isto é, para estes e outros versículos. Pois, mesmo que uma pessoa não possa dizer com certeza quem futuramente será eleito e permanecerá até o fim, isto, porém, é certamente verdade, que todo aquele foi chamado e chegou a ele, a saber, para ouvir esta revelação, isto é, a palavra de Cristo, estabelecido que ele a aceita em toda sinceridade, isto é, completamente a tem e crê como o que ela realmente é, estes são os que são dados a Cristo pelo Pai. Aqueles, porém, que lhe são dados, esses ele certamente conservará, e insistirá para que não pereçam.”<sup>15)</sup>

A palavra guarda na fé: *V. 14) Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. 15) Não peço que os tires do mundo; e, sim, que os guardes do mal. 16) Eles não são do mundo como também eu não sou. 17) Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. 18) Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. 19) E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.* Jesus só conhece um meio que, tanto opera a fé, como guarda na fé, e este meio ele deu aos discípulos: a palavra do Pai. Não é preciso seguir os passos dos entusiastas que se jactanciam de novas revelações, da luz interior e de chaves para as Escrituras. A palavra do evangelho, tal como a temos nas Escrituras, é totalmente suficiente para todas as necessidades. Mas, desta forma, a Palavra se torna um fator de distinção, visto que os cristãos a aceitam, mas o mundo, os descrentes, se recusa a reconhecer seu valor e poder. O resultado é que o mundo ateu odeia os cristãos. Sua aceitação do evangelho é uma acusação constante contra a rejeição a Cristo por parte do mundo; isto enfatiza a diferença essencial entre cristãos e descrentes. Os primeiros não têm nada em comum com o mundo, com a natureza e o modo dos filhos do mundo. A atitude em relação à palavra do evangelho é o fator que distingue; a Palavra é a pedra de toque pela qual as pessoas decidem seu destino. Por isso a Palavra é o fundamento sólido da fé do cristão. “Aqui tenho a palavra de Cristo, do meu Senhor, sim, do Pai onipotente do céu; isto sei e disso estou certo, se me agarro a isso, então nenhum poder sobre a terra e nem as portas do inferno me podem prejudicar, visto que Ele ama sua Palavra e sobre ela porá sua mão, e, por isso, também protegerá e defenderá a todos que a ela se agarram.”<sup>16)</sup> Por isso os cristãos estão perfeitamente dispostos e satisfeitos em ocupar a posição em que o mundo por seu ódio os coloca, pois com isto são mais perfeitamente identificados com Cristo. Por isso, Jesus, propositalmente, não pede que os cristãos sejam tirados do mundo, que sejam afastados da proximidade do dano, do perigo e do ódio, mas, só que o Pai os guarde, lhes sirva de escudo contra as astúcias do diabo. Este é o lado da preservação dos cristãos na fé, que é a obra de Deus. Deus os guarda e protege de todos os seus inimigos, do mundo e do diabo, não permitindo que estes inimigos os seduzam, nem os induzam à crença falsa, desespero, ou outra grande vergonha e vício. Este perigo sempre está presente, e muitos cristãos já foram derrotados, porque não confiaram tão somente no poder de Deus. O que Jesus aqui pede, devia ser lembrado sempre por todos os cristãos: Eles não pertencem ao mundo, assim como eu também não sou do mundo. Cristo e o mundo incrédulo nada têm em comum; e por isso os seguidores de Cristo e o mundo incrédulo também não podem ter nada em comum. Os interesses, os objetivos de ambos estão em direções opostas e nunca podem ser reconciliados. Procurar fazer um compromisso com o mundo descrente é fazer a paz com o diabo. A oração de Jesus, por isso, toma este fator em conta. Roga que Deus

---

<sup>15)</sup> 77) Lutero, 8. 779.

<sup>16)</sup> 78) Lutero, 8. 813.

complete a separação entre os cristãos e o mundo, pelo poder da palavra santifique completamente os discípulos, consagrando-os tão só a Deus. Os cristãos são santificados, separados do mundo, tão logo que a fé foi operada em seus corações. Mas é o poder de Deus na palavra que precisa persistir em conservá-los separados e consagrados. E esta santificação e estes frutos de fé não são obra e habilidade nossa, mas misericórdia de Deus e poder divino.<sup>17)</sup> Os cristãos, deste modo posto à parte por meio da palavra, estão prontos para o seu grande ministério. Assim como Deus enviou seu Filho ao mundo para pregar e trazer salvação, assim o Filho, por sua vez, envia os cristãos ao mundo para pregar a redenção que foi adquirida por Jesus. Deviam ser testemunhas da verdade, deviam confessar Cristo. São suas testemunhas perante o mundo, pois todas as pessoas estão incluídas, tanto no pecado como na graça, Jo. 3. 16. Cristo quis edificar sua igreja em meio ao mundo incrédulo. E, para que isto fosse possível, para que a obra dos discípulos pudesse ser feita num sentimento de voluntária e plena consagração, Jesus se consagra, dá a si mesmo como sacrifício pelo mundo todo. Ele está agora por começar sua paixão para operar uma perfeita redenção. E cada cristão que aceita este resgate, esta redenção, com isto se separa do mundo hostil e descrente, e é consagrado na e pela verdade do evangelho. Assim é que os discípulos são santificados e permanecem santificados; eles permanecem na palavra da verdade, em e por meio da qual é perdoado o pecado que continua em atribulá-los, e recebem vigor, tanto para combater o mal como para realizar a vontade do Senhor proclamando aos outros a palavra.

Cristo ora pelos futuros cristãos: *V. 20) Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; 21) a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. 22) Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; 23) eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade para que o mundo conheça que tu me enviaste, e os amaste como também amaste a mim. 24) Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.* O próprio Jesus conquistara cristãos, discípulos, por meio da pregação da palavra. Havia dirigido em favor deles uma grande parte de sua oração a seu Pai celeste. Mas, diante do olho de sua mente, surgiu a figura do futuro, quando o propósito de sua obra no mundo estaria realizado completamente, quando a santa igreja cristã, a comunhão dos santos, estaria reunida de todas as nações. Por meio do testemunho dos discípulos, os quais ele está comissionando como seus mensageiros ao mundo, haverá outros, muitos outros, que nele creriam pela palavra, assim como foi proclamada pelos servos do Senhor. E todos estes cristãos fiéis de todos os tempos serão um. Todos aqueles que têm fé em Jesus Cristo como seu Salvador, e de fato colocam toda sua confiança tão só nele, estão, desta forma, unidos de modo muito íntimo e inseparável. Mesmo que nada saibam uns dos outros, mesmo que pertençam a diferentes denominações cristãs, se tiverem tão somente fé na palavra e no Salvador em seus corações, então são verdadeiramente e internamente uma só comunhão dos santos. Esta unidade da igreja de todos os lugares e de todos os tempos se realiza em Deus, no Pai e no Filho. Ela é tão real e íntima como o é a união que reina entre estas duas pessoas de Deus. E a influência deste corpo imenso e unido, mesmo que em si mesmo invisível, será de tal forma que forçará o reconhecimento do mundo sobre o fato que Cristo ter sido enviado pelo Pai ao mundo para operar a salvação para todas as pessoas. Há tantas manifestações do poder de Deus na obra da igreja, que em todos os tempos, ao menos, alguns do mundo são convencidos e ganhos para Cristo. A igreja cristã faz boa parte da obra missionária por sua própria existência. Junte-se a isto a confissão e o testemunho dos cristãos, e muito poderá ser alcançado para o Salvador e sua glória. Foi para este fim que Jesus deu a seus discípulos a glória que ele recebera do Pai. Os cristãos, pela vocação de Cristo, possuem, por causa de sua regeneração e santificação, um bom tanto de natureza divina, de poder divino. Eles manifestam este viver divino em todo seu modo de ser. Cada palavra e ato seu serve para impressionar as pessoas com o poder da palavra de Deus que está neles. Mas isto serve especialmente para tornar perfeita esta comunhão de seus corações e mentes diante do Senhor, visto que os coloca em oposição ao mundo. E é assim que o mundo descrente mais uma vez consegue alguma idéia da verdade da religião cristã e de seu

---

<sup>17)</sup> 79) Lutero, 8. 821.

poder sobre-humano. Alguns deles sempre, farão, pela graça de Deus, as conclusões corretas quanto à missão de Cristo e quanto à certeza do amor de Deus a eles, estando em sinceridade e poder à altura do amor com Ele ama o Filho. Por isso Jesus, em sua onisciência observando a assembléia da igreja, tal como ela será congregada até o fim dos tempos, faz um pedido ousado: Pai, quero que onde eu estou, também estejam comigo aqueles que tu me deste. Aqui está expressa a confiança do Redentor, cuja obra vicária é suficiente para todas as pessoas. Os eleitos de Deus são de Cristo, e os conserva resguardados contra todos os inimigos, para que estejam com ele por toda a eternidade. Sua intrepidez para este pedido é tanto maior, visto que eles lhe foram dados, porque o Pai amou seu Filho desde a eternidade, antes que fossem lançados os fundamentos do mundo. E a participação dos cristãos será a consumação da bênção cristã, conforme esta oração do Senhor, visto que verão a glória de seu Redentor; eles contemplarão a fronte que, anteriormente, fora coroada de espinhos, agora adornada com honra eterna e com poder como o eterno Filho de Deus. Este é o objetivo final da fé, o propósito final da eleição da graça - a vida eterna, a glória eterna em e com Cristo.<sup>18)</sup>

A conclusão da oração: *V. 25) Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. 26) Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja.* É o Pai justo a quem Cristo se dirige, e, por isso, aquele que cumpriu toda justiça pode certamente esperar que ele atenda uma oração sobre a plena redenção do mundo. O mundo descrente não conhece ao Pai, e não quer conhecer ao Pai. Mas o fato que o Filho o conhece fará que esta petição seja concedida, e o fato que os cristãos lançam sua confiança na missão e na expiação do Filho os coloca numa posição que lhes assegura o atendimento da oração. É correta a fé e o entendimento deles, e tem como resultado o relacionamento íntimo sobre que eles baseiam sua esperança. O ensino de Cristo, pelo qual ele revelou o nome, a palavra e a vontade do Pai não foi em vão. Esta obra de Cristo também continuará no estado de exaltação, por meio da pregação de seus discípulos, até o fim do tempo. Em qualquer lugar onde o nome de Deus é pregado, lá sua honra e glória serão exaltadas. “Marca também que ele não só diz: Eu declarei a eles o teu nome, mas também acrescenta: Eu o declararei, não só quero ter um começo e deixá-lo assim, mas quero continuar sempre, e fazer incessantemente esta mesma coisa, tanto por meio de palavra como por meio de Espírito, para que as pessoas não busquem nada diferente ou mais alto, mas sempre tenham o suficiente em que se apegar sempre de novo e mais firmemente. Pois nisso está o poder, que aprendamos a conhecer bem ao Pai pela fé, de um modo tal que o coração, tomado de consolo e alegre confiança em toda misericórdia, esteja em pé diante dele, e não tema qualquer ira.”<sup>19)</sup> Só deste modo será alcançado o objetivo final da salvação de Cristo, para que o amor do Pai em Cristo habite nos cristãos, e o próprio Cristo se unido com eles por toda a eternidade. Toda esta oração de Cristo é uma expressão maravilhosa de seu amor.

**Resumo.** Em sua oração sacerdotal Cristo ora, primeiro, por sua própria glorificação, após por seus atuais discípulos, e finalmente pelos futuros cristãos, pedindo que o poder gracioso de Deus se manifeste pela união deles aqui na terra e na final consumação de glória e bênção no céu.

## Capítulo 18

### *A Prisão De Jesus.* Jo. 18. 1-14.

Através do Cedrom ao Getsêmani: *V. 1) Tendo Jesus dito estas palavras saiu juntamente com seus discípulos para o outro lado do ribeiro Cedrom, onde havia um jardim; e aí entrou com eles. 2) Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos. 3) Tendo, pois, Judas recebido a escolta e, dos principais sacerdotes e dos fariseus, alguns guardas, chegou a este lugar com lanternas,*

<sup>18)</sup> 80) Cf. *Theol. Quart.*, Oct., 1915; Jan. 1616.

<sup>19)</sup> 81) Lutero, 8. 843.

*tochas e armas.* É irrelevante, se Jesus dirigiu seus últimos discursos aos discípulos e proferiu sua grande oração sacerdotal no pátio da casa onde celebrara a páscoa, ou se o fez pelo caminho quando saiu da cidade. Agora, porém, é dito expressamente que saiu, deixou a cidade, com seus discípulos. Tomou o caminho que seu ancestral Davi uma vez tomou em sua fuga de Jerusalém, através do desfiladeiro profundo e escuro do ribeiro Cedrom, que era um córrego do inverno, correndo só no inverno ou na época de chuva. “Em nossa língua chamamos Cedrom a um ribeiro preto ou escuro. O ribeiro Cedrom fica próximo à cidade de Jerusalém. Não é volumoso, mas flui só quando chove. Recebeu o nome Cedrom pela razão que se fica em lugar tão profundo e escuro, cercado de mato e capoeira, por causa dos quais é difícil enxergar suas águas.... O evangelista quer dizer que Cristo sobre o realmente escuro ribeiro, sim, em minha opinião ele sobre o ribeiro preto. Ele nada diz sobre o Monte das Oliveiras e este lugar belo e agradável, mas tão só se refere a este escuro ribeiro, como aquele que melhor se adapta a esta maneira da prisão e morte de Cristo.”<sup>20</sup>) No lado leste deste desfiladeiro, nas encostas inferiores do Monte das Oliveiras, havia um jardim, Getsêmani, no qual Jesus entrou juntamente com seus discípulos. O evangelista afirma expressamente que Judas, o traidor, estava bem familiarizado com a localização deste jardim, bem como com o costume de Jesus em freqüentar este lugar isolado, onde podia, ao menos de certo modo, gozar de algumas horas de descanso e de ocasionais retiros. Notemos, que Jesus, como Lutero observa, não buscou a cruz, mas também não fugiu dela. Ele enfrentou voluntariamente sua paixão, mas não desafiou o martírio. Foi aqui no Getsêmani que o Senhor foi tentado com o terror da morte, que ele lutou em oração com seu Pai, que seu próprio sangue foi pressionado pelos poros por causa da intensidade do seu sofrimento, mas onde também corajosamente recuperou a força e a coragem para enfrentar ulterior sofrimento. Enquanto isso, Judas, que concluiu que Jesus pudesse ter escolhido este lugar isolado, fizera os arranjos para sua captura. No Castelo Antônia havia uma parte do grupo, da coorte, da guarnição romana: Representava o governo. Além desses homens, que os saduceus provavelmente haviam conseguido para impedir o risco dum levante popular, havia os homens da guarda do tempo e os servos do sinédrio. Todo este grupo, composto de elementos tão múltiplos e diversos, foi conduzido por Judas, e estava bem equipado com tochas, tanto das que eram feitas de madeira resinosa, como das que queimavam óleo e mais se pareciam com lanternas. Queriam estar equipados para qualquer emergência, mesmo esta que Jesus tentasse ocultar-se no matagal da ravina. Aqui Jesus aparece como um inimigo de Cristo. Ele é o traidor que delatou aos judeus o lugar onde Jesus podia ser encontrado. Ele em pessoa é o guia do grupo, uma criatura indigna até mesmo aos olhos dos cronistas temporais.

Uma demonstração de majestade divina: *V. 4) Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? 5) Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles. 6) Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra. 7) Jesus de novo lhes perguntou: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o Nazareno. 8) Então lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes; 9) para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste.* Os componentes do grupo se poderiam ter poupado muita da incomodação, pois, nesta hora chegara a hora de Jesus, e ele se entregou voluntariamente em suas mãos. Ele estava ciente de todas as coisas que lhe deviam acontecer, e foi para encontrar os homens que o procuravam. Quando estavam por encontrá-lo, ele não era só o Deus onisciente que sabia tudo que lhe devia acontecer, mas ele também era o Deus onipotente. Segundo a descrição de João as atribuições dos perseguidores e do perseguido podiam ser reversas. Pois é Jesus quem desafia o grupo: A quem buscais? A resposta deles é: Jesus, o Nazareno. E Jesus, em inimitável dignidade e efeito, responde: Sou eu. Uma confissão maravilhosa e abrangente! “Os cristãos, ao considerando esta palavra ‘sou eu’, deviam assinalar bem quem Cristo é, qual é sua vontade, qual é sua intenção, e quão grande é aquele que foi capturado, crucificado e morto pelos judeus. E também, por que foi que Cristo sofreu e morreu assim. Isto serve para fazer uma distinção entre o sofrimento de Cristo e o de todos os demais santos. Pois, quando é feita esta distinção, então a paixão de Cristo tem valor e transcende a de todos os profetas, apóstolos, mártires, etc. Mas, quando perguntas sobre quem é Cristo, então ficarás sabendo que ele é o homem que, pouco antes, no capítulo imediatamente anterior, v. 10,

---

<sup>20</sup>) 82) Lutero, 8. 849.

diz: Pai, todos os que são meus são teus, e todos os que são teus são meus.”<sup>21)</sup> Quando Jesus fez sua sonante confissão, Judas, o traidor, como o evangelista propositalmente observa, esteve com eles. Ele se juntara às fileiras deles, e atirara sua sorte com os inimigos do Senhor. E por isso o poder onipotente de sua sublime confissão também acertou a ele junto com todo o grupo: todos recuaram e caíram por terra. Houve aqui uma prova da majestade divina de Cristo, que devia ter servido para lhes abrir os olhos quanto à real natureza do homem que estavam querendo prender. Com todas as suas tochas e lâmpadas e armas de diversas formas e tipos, não puderam subsistir diante Cristo, sendo que uma única palavra de sua boca amontoou-os a todos. Jesus, tendo dado esta evidência de seu poder onipotente, mais uma vez faz soar seu desafio: A quem buscais? Agora oculta os raios de sua majestade divina, e, mais uma vez, se torna o homem submisso e humilde. A resposta truculenta dos inimigos deve ter sido proferida com mais rancor ainda, visto que se sentiram inferiores a este homem. E Jesus, novamente, se assinalou como o homem que eles procuravam. Voluntariamente se entregou em suas mãos. Até ao fim, porém, ele fazia pousar sua mão guardadora e protetora sobre seus discípulos, lembrando aos capitães e chefes do grupo que, segundo a afirmação deles mesmos, haviam sido instruídos a prender a ninguém outro do que a ele. Por isso seus discípulos deviam receber a permissão de partir incontestados. O evangelista percebe que Jesus, fazendo isto, esta cumprindo as palavras de sua oração feita a apenas uma hora, cap. 17. 12. “Aqui o evangelista indica, que Cristo com estas palavras se refere a um perder-se terreno. Mas, acima no capítulo 17, versículo 12, o texto coloca claramente que o Senhor fala dum perder-se eternamente. Estes textos, todavia, não se opõem um ao outro, mesmo que assim pareça; pois, se os discípulos tivessem sido presos nesta ocasião, também teriam estado perdidos de corpo e alma eternamente. Neste momento Cristo é seu (patrono) e protetor com as palavras: ‘Sou eu’, e com o que diz ao grupo: ‘Deixai ir estes.’ Ele com estas palavras os conservou, para que não se perdessem nem agora e nem eternamente; também permaneçam eternamente seguros, ainda que eles, depois, no devido tempo, tenham de sofrer em seus corpos, e venham a ser obrigados a glorificar Deus com sua morte.”<sup>22)</sup> Notemos: A cordial bondade de Cristo, da mesma maneira, se preocupa a respeito de todos seus cristãos, e deste modo é sempre ativa e eficiente em nosso favor.

A prisão: *V. 10) Então Simão Pedro puxou da espada que trazia e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita; e o nome do servo era Malco. 11) Mas Jesus disse a Pedro: Mete a espada na bainha; não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu? 12) Assim a escolta, o comandante e os guardas dos judeus prenderam a Jesus, manietaram-no, 13) e o conduziram primeiramente a Anás; pois era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. 14) Ora, Caifás era quem havia declarado aos judeus ser conveniente morrer um homem pelo povo.* Neste ponto a impetuosidade de Pedro, ao lado de sua justa ira diante da audácia do grupo em atrever-se a ameaçar seu Mestre, venceu-o. Puxou da espada como que se provera, Lc. 22. 38, e investiu sobre o primeiro do grupo, aquele que lhe estava mais próximo, o servo do sumo sacerdote, cujo nome era Malco. O golpe foi desferido com tanta força que cortou da cabeça do homem a orelha direita. Jesus, porém, reprovou severamente a Pedro por sua interferência no conselho de Deus. Ordenou-lhe guardar a espada na bainha. O método do Senhor para se defender não foi por meio de armas deste mundo. Qualquer uso desautorizado de força, em especial em favor de Cristo e sua Palavra, é severamente desaprovada por Jesus. “Contra tal doutrina e aparente ostentação de direito se deve recorrer a este exemplo de Pedro, e dizer, que existe uma grande diferença entre aquele, a quem foi confiada esta tarefa, e entre aquele, a quem ela não foi confiada.... O que Deus deseja isto ele mandou e ordenou suficientemente. Deus não dorme, nem é ele algum tolo; ele sabe muito bem como deve ser exercido o governo. Por isso, em coisas que não são mandadas a ti, deixa que a espada descance.”<sup>23)</sup> Jesus quis beber o cálice do sofrimento que o Pai agora lhe oferecia para que o bebesse. Esta atitude, a da voluntária obediência, foi essencial para a inteira obra da redenção. Depois deste incidente já não houve mais qualquer delonga. Os soldados romanos, que estavam sob as ordens de seu tribuno, juntamente com os chefes do sinédrio que também haviam

---

<sup>21)</sup> 83) Lutero, 8. 856.

<sup>22)</sup> 84) Lutero, 8. 866.

<sup>23)</sup> 85) Lutero, 8. 869.

chegado, realizaram a prisão, com toda a ostentação de autoridade como se tivessem que lidar com um violento criminoso. A seguir, a escolta levou Jesus, primeiro, a Anás, que, mesmo não sendo mais sumo sacerdote, mas tendo exercido por indicação anual este ofício desde 7-14 AD, ainda era um homem de dominante influência, e o sogro de Caifás, do sumo sacerdote daquele ano. O palácio do sumo sacerdote provavelmente formava um conjunto de edificações que formavam um quadrado, ou uma quadra, numa arquitetura que era uma mescla de judaica e romana, sendo que Anás ocupava um dos lados das construções e Caifás o outro. Jesus foi primeiro conduzido às salas de Anás, em parte por deferência à sua posição, em parte para conservá-lo ali para uma averiguação preliminar, até que todos os membros dos sínédrio pudessem ser convocados. O evangelista indica Caifás como sendo o homem que profetizara, sem ele mesmo o saber, a respeito do fato que Jesus devia morrer pelo povo. Como diz Lutero, Caifás foi, nesta ocasião, muito semelhante à beste de Balaão, por cuja boca o Senhor também falou. É fato que Jesus teve que morrer, não só por este povo, que foi quem o matou, mas pelos pecados de todo o mundo.

*Jesus E Acusado, E A Negação De Pedro.* João 18. 15-27.

A primeira negação: *V. 15) Simão Pedro e outro discípulo seguiam a Jesus. Sendo este discípulo conhecido do sumo sacerdote, entrou para o pátio deste com Jesus. 16) Pedro, porém, ficou de fora, junto à porta. Saindo, pois, o outro discípulo, que era conhecido do sumo sacerdote, falou com a encarregada da porta e levou a Pedro para dentro. 17) Então a criada, encarregada da porta, perguntou a Pedro: Não és tu também um dos discípulos deste homem? Não sou, respondeu ele. 18) Ora, os servos e os guardas estavam ali, tendo acendido um braseiro, por causa do frio, e aqueciam-se. Pedro estava no meio deles, aquecendo-se também.* Quando Jesus foi levado do Getsêmani, todos os discípulos tendo-o abandonado, conforme ele o profetizara, houve dois deles que interromperam sua fuga e a certa distância seguiram aos que haviam prendido a Jesus. Um desses homens foi Simão Pedro. O outro não é citado pelo nome, mas provavelmente foi o próprio João, do qual há outras evidências que ele era bem relacionado com o templo, suas prescrições, seus usos e seus funcionários. É possível que João foi parente de Caifás. Este fato lhe deu acesso livre ao palácio do sumo sacerdote. A entrada conduzia ao pátio, ao redor do qual fora construída a residência, e a palavra era empregada muitas vezes para designar o próprio palácio. Mesmo que o palácio do sumo sacerdote agora pertencia oficialmente a Caifás, Anás tinha nele ainda seus cômodos. Pedro, que era estranho à família, não foi admitido ao pátio. João, porém, logo sentiu a sua companhia, e, retornando até à porta, deu à empregada alguma descrição respeitosa quanto ao caráter de Pedro, e, assim, obteve acesso para ele. Mas, logo que Pedro entrou no círculo iluminado pela luz do fogo, a porteira teve ocasião de encará-lo mais de perto. E, provavelmente sem alguma intenção mais séria, fez-lhe a pergunta: És tu também um dos discípulos deste homem? E a mentira rolou, de modo suave e desembaraçado, dos lábios de Pedro: Não sou. A negação fora dita de modo tão impensado que a consciência de Pedro, provavelmente, só o feriu um pouquinho, levando a recuar a certa distância dos servos e dos guardas que estavam reunidos no pátio. Mas não se retirou. O fogo que os empregados da casa e os agentes do sínédrio haviam acendido na parte aberta do pátio do palácio, era muito agradável nesta noite fria de primavera, e, por isso, Pedro se lhe aproximou lentamente mais e mais, mas isto também para descobrir a direção das observações. Notemos: Sempre é tolice e muitas vezes é perigoso a um discípulo de Cristo juntar-se às fileiras de descrentes que mexeriqueiam. Quando a fé de alguém é desafiada quando engajado no exercício de seu ofício, então a defesa pode ser imediata e segura, mas quando alguém se afilia aos inimigos, então, antecipadamente, entregou a metade de sua defesa.

A audiência preliminar: *V. 19) Então o sumo sacerdote interrogou a Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. 20) Declarou-lhe Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; ensinei continuamente tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto. 21) Por que me interrogas? Pergunta aos que ouviram o que lhes falei; bem sabem eles o que eu disse. 22) Dizendo ele isto, um dos guardas que ali estavam, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: É assim que falas ao sumo sacerdote? 23) Replicou-lhe Jesus: Se falei mal, dá testemunho do mal; mas se falei bem, por que me feres? 24) Então Anás o enviou, manietado, à presença de Caifás, o sumo sacerdote. Anás, enquanto*

se esperava pelos membros do sínédrio, para que se reunissem em sessão extraordinária, o qual aqui é chamado sumo sacerdote por cortesia, como incumbente anterior do cargo que fora, fez que houvesse uma audiência preliminar e privada de Jesus. Este perguntou Jesus a respeito de seus discípulos e a respeito de seu ensino. A informação pode ser valiosa em muitos aspectos. Ele pode ter desejado conseguir os nomes dos discípulos para uso futuro, bem como um resumo do ensino de Cristo com fim de truncar as informações para que conviessem aos seus fins. Anás, por outro, pode, simplesmente, desejado descobrir se Jesus estava fazendo discípulos, à maneira em que os rabis o faziam, ou como o declarado Messias. Em ambos os casos a resposta do Senhor devia ser usada em juízo contra ele. Jesus, por isso, de modo muito apropriado, referiu Anás ao seu falar franco e público diante de todos. Ele falara sem reserva a qualquer um e a todos que se preocupavam em ouvi-lo. O Senhor ensinara tanto nas sinagogas como no templo, sempre que a ocasião se oferecia, onde todos os judeus se reuniam regularmente. Nada ele falara em secreto. Isto se aplica, até, aos discursos que ele fizera só na presença de seus discípulos, pois nestas ocasiões ele lhes ensinara fatos que eles deviam revelar ao mundo no tempo devido. O ensino público de Cristo continha tudo que qualquer pessoa precisava saber para chegar a uma conclusão sobre sua pessoa e seu ofício. “Mas, que Cristo, ocasionalmente, ensinou privadamente algo a seus discípulos, isto não interessa (seu) ofício de ensino e (seu) ministério público. É público o ofício de ensinar, pois ele pregara e ensinar publicamente no barco, na terra firme, sobre o monte, na sinagoga e no templo. Além disso, ele instruiu seus discípulos de modo privado e à parte. Por isso, ambos estão certos, a saber, que Cristo ensinou em público e em particular, mas de tal maneira que seus ensinamentos particulares também pudessem se tornar públicos, e que nada permanecesse nalgum canto, nem às ocultas.”<sup>24)</sup> Foi, por isso, uma demanda justa do Senhor, que Anás nesta ocasião fosse apelar àqueles que haviam ouvido sua pregação e ouvir o testemunho deles. Jesus não queria repetir neste momento o que, tantas vezes, ensinara e de que testemunhara. Ele por três ou mais anos se dedicara a esta parte de seu ofício; mas agora surgira a hora de sofrer e morrer. Notemos: No reino de Cristo tudo tem seu tempo, igualmente o ensino e a pregação pública. Quando numa terra, onde a Palavra foi estabelecida, a maioria das pessoas se recusa a ouvir, então Cristo começa a retirar a pregação pura e a leva para um outro lugar. Por isso, quando uma pessoa negligencia a pregação e a Palavra, ela deverá responder por seu desprezo por meio dum severo ajuste de contas. Uma pessoa assim poderá, em sua hora da morte, querer ouvir daquela uma coisa necessária, mas se achará sem o conforto do evangelho. De Deus não se zomba! Quando Jesus repreendeu ao antigo sumo sacerdote com estas palavras, um dos servos do sínédrio, que estava por perto, teve a falta de vergonha de bater com a palma de sua mão no rosto de Jesus, o que foi um golpe covarde e injustificado. Ele até fez acompanhar seu insulto não autorizado com uma explicação na forma da pergunta: Assim respondes ao sumo sacerdote? Mas Jesus não deixou este golpe sem uma palavra de reprovação para o servo covarde. Se ele tivesse dito algum mal, então o servo deveria ter prestado testemunho sobre o fato, mas não se atrever a, sem autorização, administrar um castigo. Por outro, caso sua defesa tivesse sido correta e boa, como podia ele se atrever a agir de modo tão desautorizado? Foi uma repreensão calma e racional, mas também convincente, e de nenhum modo em desarmonia com o ensino de Jesus sobre o voltar a outra face. Um discípulo de Cristo irá sofrer o que é errado, tal como Cristo também o fez, mas, sob certas circunstâncias, ele pode e deve reprovar a injustiça. “Que ele diz ao servo: Se falei mal, dá testemunho do mal, isto deves entender assim, que há uma grande diferença entre estes dois, a saber, voltar a outra face e repreender com palavras ao que assim nos golpeia. Cristo devia sofrer, mas exatamente da mesma forma é colocada em sua boca a palavra, de que ele devia falar e repreender ao que está errado.”<sup>25)</sup> Enquanto isto o objetivo de esperar fora alcançado, e o julgamento na sala de Caifás podia começar. Agora, por isso, Anás enviou Jesus dos seus apartamentos aos de Caifás. O sínédrio, a côrte espiritual dos judeus, se havia reunido, e o interrogatório formal podia passar a acontecer.

A segunda e a terceira negação de Pedro: *V. 25) Lá estava Simão Pedro, aqueitando-se. Perguntaram-lhe, pois: És tu, porventura, um dos discípulos dele? Ele negou, e disse: Não sou. 26) Um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro tinha decepado a*

<sup>24)</sup> 86) Lutero, 8. 889.

<sup>25)</sup> 87) Lutero, 8. 892.

*orelha, perguntou: Não te vi eu no jardim com ele? 27) De novo Pedro o negou, e no mesmo instante cantou o galo.* Enquanto continuava a audiência nas repartições de Anás, Pedro permanecera no círculo dos servos e guardas próximo ao fogo. Isto foi uma temeridade, pois aquele que propositalmente corteja a tentação e o perigo, via de regra, se vê derrotado pelo perigo. Pedro, na primeira vez, havia negado por causa da pergunta zombeteira da porteira. As suspeições dela, enquanto isso, se haviam irradiado aos outros servos, em especial por meio da ação duma segunda zeladora. Certo número destes zeladores agora se voltou a Pedro com perguntas insinuantes sobre a sua conexão com o prisioneiro lá na sala. A acusação específica foi que Pedro era um discípulo de Cisto. Pedro negou pela segunda vez. Mas a desconfiança continuou. Uma observação sua levou a um outro a chamar atenção ao forte dialeto de Pedro. Por fim um parente de Malco, que foi o homem a quem Pedro cortara a orelha no jardim, disse-lhe francamente, que o vira com Jesus no jardim. Pedro se viu encurralado num canto e sem quaisquer armas para se defender. De modo blasfemo reiterou sua negação, - e então veio a hora do cantar do galo. Ele havia ouvido vagamente o primeiro sinal de advertência, mas agora reconduzido à consciência. Notemos: A familiaridade do evangelista com os assuntos que aconteciam na casa do sumo sacerdote também é indicada nesta secção por seu conhecimento dos parentescos. Notemos também: Uma negação repetida, como a de Pedro neste caso, resulta na perda da fé. Sob circunstâncias lastimáveis, pode acontecer que uma pessoa, sendo envolvida na companhia de zombadores, negue seu Senhor por palavra ou por ato, e ainda retenha sua fé. Mas se uma tal negação e proferida repetidamente e sem dar atenção às advertências da consciência, então não há qualquer possibilidade para que o cristianismo permaneça no coração. Esta foi a condição de Pedro no momento. Se ele tivesse morrido durante o tempo da terceira negação, teria estado perdido. O Senhor, porém, tinha em mente seu discípulo e poro meio dum sincero arrependimento o chamou de volta à fé.

#### O Julgamento Diante Pilatos. Jo. 18. 28-40.

A acusação diante Pilatos: *V. 28) Depois levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a páscoa. 29) Então Pilatos saiu para lhes falar e lhes disse: Que acusação trazeis contra este homem? 30) Responderam-lhe: Se este não fosse malfetor, não to entregaríamos. 31) Repliou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém; 32) para que se cumprisse a palavra de Jesus, significando o modo por que havia de morrer.* As horas da noite, depois do cantar do galo, permitiram algum descanso aos membros do sinédrio, depois do julgamento zombeteiro ocorrido no palácio de Caifás, Mt. 26. 57-68, mas não o permitiram para Jesus, com quem os servos tinham sua diversão. E, mal e mal, o alvorecer irrompia sobre as colinas a leste, quando o sinédrio, tendo confirmado sua resolução da noite numa reunião realizada na sala das pedras polidas, levou Jesus ao pretório, o palácio do governador no forte Antônio, próximo ao templo. Ainda era de manhã bem cedo. Os judeus levaram Jesus ao portão do palácio de Pilatos, entregando-o assim ao poder do governador romano na busca da confirmação e da execução do seu próprio veredito, visto que o haviam julgado digno de morte, mas já não tinham mais a autoridade para impor a pena capital. Os membros do sinédrio foram, incidentalmente, muito cuidadosos sobre seu próprio procedimento. Não queriam tornar-se impuros, tocando, de alguma maneira, qualquer coisa impura ou por entrando em contacto em pessoal com gentios. Queriam permanecer leviticamente puros para poderem comer a segunda *chagigah*, ou sacrifício, desta festa em dobro. Pois a palavra páscoa é aplicada não só à janta do dia 14 de nisã, mas a todas as refeições sacrificiais que haviam sido prescritos aos sete dias da festa, Dt. 16. 2, 3; 2.Cr. 30. 22. Mas o mandamento de Deus não ia a ponto de, na ocasião, proibir entrar na casa dum gentio. Este, por isso, era uma das tradições dos anciãos que os judeus observavam com muita rigidez. Todo este procedimento evidenciou a hipocrisia dos chefes judeus. Não se arrepiavam de cometer brutais assassinatos, mas transgredir um mandamento maluco de seus anciãos era considerado pecado mortal. Visto que os judeus não queriam entrar na sala do julgamento para uma acusação formal e costumeira, Pilatos saiu ao terraço diante do pretório e inquiriu pelas acusações contra o prisioneiro. Esta foi uma concessão da parte de Pilatos, que os judeus podem ter considerado como uma fraqueza. De

qualquer forma, a resposta deles sobre sua inquirição sensata foi um desafio insolente: Se este homem não fosse um malfeitor, nós não o teríamos entregue a ti. Sua atitude foi bastante ameaçadora. Haviam considerado ao prisioneiro como digno de morte, por isso não gostaram que Pilatos fizesse perguntas, não pedisse nem por evidências e nem por testemunho, mas, simplesmente, confirmasse sua decisão e fizesse que seu castigo fosse executado. Por isso lhes replicou à altura de sua resposta insolente. Declarado-se tão bem a par do problema, e sendo um mero problema de transgressão duma lei cerimonial, e não sendo um caso para a justiça criminal do governo romano, então que eles tomassem conta do caso. Deviam levar o acusado e executar o castigo que suas leis eclesiásticas impunham num caso assim. Os chefes dos judeus responderam que seu veredito clamava por um castigo capital, por execução cujo cumprimento não estava em sua autoridade. Estavam silenciando suas próprias consciências com o pretexto de que haviam concluído que Jesus era culpado de blasfêmia, mas haviam resolvido que perante Pilatos iriam insistir na acusação que ele era um criminoso político, ou seja, um perigoso rebelde contra o governo romano. Pilatos, ao contrário, tinha a convicção que o caso em si era coisa de controvérsia religiosa, que, de caso nenhum, dizia respeito ao governo romano. Desta maneira aconteceu no fim, que Jesus, sendo entregue ao poder do governo romano, foi crucificado, o que foi conforme a maneira romana de execução. E, por isso, foi cumprida a profecia do Senhor, não só que ele seria entregue nas mãos dos gentios, mas também que ele morreria por crucificação, cap. 12. 32, 33; Mt. 20. 19. Notemos: O Senhor sabia com exatidão cada passo do caminho, esteve sempre cômico das coisas que lhe iriam acontecer; seu sofrimento e morte foram voluntários e, por isso, de valor tão maravilhoso.

Pilatos começa o interrogatório de Jesus: *V. 33) Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? 34) Respondeu Jesus: Vem de ti mesmo esta pergunta, ou to disseram outros a meu respeito? 35) Replicou Pilatos: Porventura sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?* Não tendo recebido uma acusação formal, mas só vagas intimidações por parte dos judeus, Pilatos resolveu conceder uma audiência ao prisioneiro. Assumiu o caso, ainda que estivesse convicto que Cristo não era um criminoso político. Isto, em si mesmo, já foi uma injustiça por parte do governador, de criar um problema onde ele mesmo acreditava que havia um problema. Mas uma das afirmações dos chefes dos judeus fora que Jesus dissera que era o rei dos judeus. Por isso Pilatos apanha este fato, como sendo aquele que poderia levar a alguma solução. Jesus, porém, em resposta faz uma pergunta muito pertinente: Dizes isto de ti mesmo, ou outros te falaram a meu respeito. “Fazes esta pergunta levado por algum interesse pessoal e sério e com alguma ávida preocupação a respeito das bênçãos ligadas ao reino de Deus, ou simplesmente repetes uma acusação formal que outros trouxeram contra mim?”<sup>26)</sup> “Ele, em primeiro lugar, se desculpa da seguinte maneira: Dizes tu esta coisa por ti mesmo, ou foram outros que o disseram a ti a meu respeito? Isto, mais uma vez, parece como se fosse respondido movido por orgulho; contudo, esta não é uma resposta vaidosa, mas uma defesa muito necessária. Pois, quando alguém é acusado falsamente, não lhe cabe suportar a acusação nem dizer: Eu o sofrirei alegremente e deixarei pesar contra mim por amor de Deus, mas, publicamente, deve protestar sua inocência. Por isso o Senhor rechaça para longe a culpa e a acusação falsa que os judeus lhe impuseram, e diz: Pilatos, tu perguntas se eu sou o rei dos judeus, o que é dizer, se eu sou um rebelde contra o imperador? Eu apelo para a tua própria consciência como testemunha se tu me acusas disso por ti mesmo ou não. Deixa que tua consciência responda, sim, deixa que teus próprios respondam. Vês-me perante ti, capturado e algemado; não fui apanhado num tumulto, e não há alguma massa de gente armada ao meu redor, mas tenho simplesmente o aspecto duma pessoa presa e algemada. Por isso não posso ser acusado duma insurreição contra o imperador. Assim o Senhor apresenta sua inocência em oposição à acusação falsa dos judeus, apelando por testemunho tanto para a consciência como para os olhos do juiz.”<sup>27)</sup> A própria implicação de que ele pudesse ter tido a idéia que lhe expressara, Pilatos a rejeitou com uma demonstração quase de nojo: Eu com toda certeza não sou judeu! Mas o povo ao qual Jesus por nascimento pertencia, a saber os judeus e os principais sacerdotes, o haviam entregue. Por isso Pilatos, de modo um pouco mais áspero, quis saber sobre o caso tratava, o que Jesus cometera para ser

<sup>26)</sup> 88) *Expositor's Greek Testament*, 1. 851.

<sup>27)</sup> 89) Lutero, 8. 908.

trazido desta forma à sua presença. A idéia que ele iria tomar algum interesse no Messias dos judeus, Pilatos a desdenha com zombeteiro deboche.

A defesa de Jesus: *V. 36) Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui. 37) Então lhe disse Pilatos: Logo tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. 38) Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum. 39) É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da páscoa; quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus? 40) Então gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era salteador.* Jesus, depois de ter protestado contra a compreensão falsa do seu caso que os judeus havia trazido na forma duma acusação contra ele, agora continua explicando a Pilatos em que sentido lhe podia ser aplicado corretamente o nome “rei”. Suas palavras redundam numa confissão maravilhosa sobre o reino espiritual do qual ele é a cabeça. O reino de Cristo, a sua igreja, não é deste mundo; ele nem teve sua origem no mundo, e nem tem a natureza, o modo e as características do mundo. Não é um reino temporal; mas é um reino espiritual e celeste. O reino de Cristo e os reinos, os governos, do mundo são duas coisas inteiramente diferentes, que nunca devem ser confundidas ou misturadas. Neste respeito, estão errados, tanto o calvinismo como catolicismo romano, bem como qualquer forma de influência direta dos corpos religiosos sobre a legislação, exceto para precaver-se de leis injustas que iriam interferir no livre exercício da religião. A prova de Cristo para a sua afirmação está nisso, que seus servos, seus seguidores, se o seu reino fosse deste mundo, iriam, na ocasião em que ele se encontrava, pegar nas armas em sua defesa e livrá-lo das mãos dos judeus. Ele, porém, deliberadamente havia impedido qualquer demonstração neste sentido, porque seu reino não é deste mundo. A seguir Pilatos quis uma resposta clara, para poder formar alguma forma de juízo a respeito da alegação a respeito de Cristo. Ele exclama: Então és um rei, exatamente isso! Ele ainda esperava encontrar alguma justificativa para o seu ato, no caso de ser sentir compelido a concordar nas exigências dos judeus. Jesus pacientemente expõe a Pilatos a natureza de sua realeza e o caráter de seu reino. A exclamação de Pilatos foi plenamente justificada, porque ele foi e é, de fato, um rei. Mas, para que o governador não entendesse mal, Jesus afirma claramente o objetivo de sua vinda ao mundo. Ele nasceu para esta finalidade e veio ao mundo com este alvo, para dar testemunho da verdade, tendo em vista o benefício da verdade eterna e imutável. A verdade que foi revelada em Cristo é a graça de Deus que há nele, no Redentor do mundo. Jesus precisa testificar a respeito deste fato, tornando-se assim o rei da verdade, que estabelece e expande seu reino pelos meios da palavra da verdade; ele reina através da palavra. Isto é verdade dele e de seus ministros de todos os tempos. “Nestes dias isto também nos acontece: Se silenciássemos a verdade e não reprovássemos as mentiras, então certamente poderíamos ficar. Mas, visto que abrimos a boca, e confessamos a verdade, mas condenamos as mentiras, cada um nos quer agarrar. Nós pregamos a ninguém outro do que a Cristo, que ninguém é salvo por si mesmo; se nos fosse possível sermos salvos em nós mesmos, não teria sido necessário a Deus enviar seu Filho; mas visto que Deus foi obrigado a enviar seu Filho, certamente segue que nós em nós mesmos não somos capazes de sermos salvos; esta é a nossa pregação e a verdade da qual damos testemunho.”<sup>28)</sup> Dos fatos que Cristo afirma sobre si mesmo e o objetivo de sua vinda ao mundo, também segue que só aquele que é da verdade, que nasceu da verdade, pode e dará ouvidos à sua voz. Somente aquele que nasceu de novo da palavra da verdade, tem o poder de dar provas da verdade que está nele. Por isso a verdade será o meio de uma tal pessoa; ela viverá, se moverá e existirá na verdade. Ela, então, também irá dar ouvidos à voz de Cristo, o defensor da verdade; ela será um cidadão obediente do reino de Cristo. Desta forma está claro que o reino de Cristo tem um caráter inteiramente diferente, um objetivo inteiramente diferente do que qualquer reino ou governo do mundo. Pilatos imediatamente percebeu e sentiu isto da explanação de Jesus. Pilatos, que esteve informado dos esforços dos filósofos gregos e romanos para fixar a verdade com base na razão humana, pensou como tolice, em sua mente cética, qualquer um presumir ter como sua posse o conhecimento da verdade. Por isso fez a pergunta

---

<sup>28)</sup> 90) Lutero, 8. 912.

zombeteira: O que é verdade? e imediatamente saiu até os judeus e lhes anunciou o resultado de seu interrogatório, que não encontrou qualquer falta neste homem Cristo. Não havia qualquer causa, qualquer razão, para um processo criminal. Notemos: A posição de Pilatos é compartilhada por muitas pessoas sábias e cultas deste mundo. Não se preocupam com a verdade, a verdade divina, a Palavra infalível de Deus. As especulações de tolos filósofos têm maior valor em sua mente, como um tatear em busca da verdade, do que a verdade das Escrituras. Quando elas ocasionalmente ouvem a verdade, desviam-se de sua voz convidativa e continuam em seus pecados.

Agora Pilatos devia ter feito um fim à farsa, à qual, nestas circunstâncias, já havia feito demais concessões. Mas ele era de coração covarde, e o povo sentiu esta hesitação. Ele, para se livrar duma concessão desagradável, agora tentou desviar as mentes do povo a um canal diferente. Lembrou-o dum costume existente, que podiam pedir pela soltura de algum prisioneiro por ocasião da páscoa. Por isso lhes deu a escolha entre um certo Barrabás e Jesus, ao qual ele chama o rei dos judeus, adicionando com isto novo combustível ao fogo de ódio que já rugia. Os líderes dos judeus, já bem antes, haviam pensado nesta possibilidade, e haviam instruído corretamente os membros da multidão. A própria oferta de Pilatos foi mais uma injustiça. Pois, visto que Jesus não havia sido condenado em um só ponto, era loucura falar neste caso duma soltura e misericórdia. O povo quis Barrabás e a ninguém mais, e a vacilação de Pilatos favoreceu-o. O evangelista aqui acrescenta a nota: Mas Barrabás era ladrão e assassino. “Barrabás foi um rebelde e um assassino, que foi preso num tumulto, e que havia cometido um assassinato numa revolta do povo; e sítio não só era sabido em toda a cidade, mas Barrabás havia sido preso no ato, e lançado na prisão por Pilatos, que era o governo estabelecido. Jesus, porém, foi justo e inocente, assim que seus acusadores, os judeus, não podiam atribuir qualquer coisa errada. Então, Pilatos, seguindo sua própria linha de raciocínio, conclui assim: Visto que este Jesus nada de errado cometeu, os judeus serão obrigados a pedir que o solte. Além disso, visto que Barrabás é um conhecidíssimo rebelde e assassino, os judeus precisarão exigir que eu o trate conforme a justiça. É assim que Pilatos raciocina, como um gentio racional que é. Mas o diabo se volta e diz: Não assim, mas solta-nos o rebelde e assassino Barrabás, porém crucifica ao justo e inocente Jesus.”<sup>29)</sup> Aqui estão no mesmo plano Pilatos e os chefes dos judeus, tal como os inimigos de Cristo de nossos dias podem ser divididos em duas classes, sendo os dois hostis à Palavra: alguns consideram a religião cristã nada mais do que um fanatismo inocente, outros, porém, insistem que seus adeptos são perigosos ao estado. Mas nos dois casos eles agem sobre suas convicções, tal como acontecimentos recentes o têm mostrado com clareza.

**Resumo:** Jesus é capturado no Getsêmani e levado embora, primeiro a Anás, depois ao sinédrio, sob a presidência de Caifás, enquanto Pedro o nega três vezes; de manhã é levado à sala de julgamento de Pilatos, onde ele testemunha sobre seu reino.

## Capítulo 19

### A Condenação de Jesus. João 19. 1-16<sup>a</sup>

A flagelação de Jesus: *V. 1) Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo. 2) Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e vestiram-no com um manto de púrpura. 3) Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! e davam-lhe bofetadas. 4) outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho nele crime algum. 5) Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem! 6) Ao verem-no os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum.* Tal como Pilatos, em todo o desenrolar, se mostrara um idiota fraco e vacilante, sem o menor senso de justiça e firmeza, assim ele prosseguiu na parte final do julgamento, que a cada momento se tornava uma farsa e caricatura ainda maior da justiça. Ele havia declarado sua crença na inocência de Cristo, e ainda assim

---

<sup>29)</sup> 91) Lutero, 8. 916.

comete a gritante injustiça de fazer açoitar o prisioneiro. Fora um mero capricho de sua parte, para aplacar os judeus e ganhar a aprovação deles. Ele alimentava a vã esperança que eles iriam dar-se por satisfeitos com o pequeno castigo que com isto impusera. É uma orientação errada concordar com uma injustiça menor para evitar uma maior e mais séria. Mas se alguém tem que escolher entre dois males e então escolhe o menor, isto perfeitamente legítimo. Mas, quando uma pessoa carrega sua consciência com a culpa dum pecado menor para, se possível, evitar aquele que é maior, isso sempre deve ser condenado. Foi isto o que aconteceu com o açoitamento de Cristo. Isto foi uma tortura indescritível, pois o prisioneiro era encurvado e atado a um pelourinho, depois do que as costas desnudas eram rasgadas em pedaços com um azorrague trançado numa ponta, mas tendo as cordas soltas tornadas mais pesadas com a colocação de pequenas esferas de chumbo e, às vezes, com ganchos, para lacerar as costas mais completamente. E os soldados, em cujas mãos o preso estava naquele momento, não se deram por satisfeitos com mais esta terrível crueldade, mas eles mesmos inventaram uma brincadeira que fizeram com o Cristo paciente. Tendo trançado ou dobrado uma argola ou coroa de espinhos, pressionaram-na sobre sua cabeça, fazendo com que as pontas agudas penetrassem na pela macia na carne sensível. Para completar a zombaria, pegaram um velho manto, que talvez encontraram nalgum guarda-roupa, e o vestiram nele. Por fim, em zombeteira homenagem, dobraram seus joelhos e o saudaram como o rei dos judeus. Isto também foi uma forma de blasfêmia intentada também para expressar seu desprezo aos judeus. Já cansados de seu esporte blasfêmo, fizeram chover golpes sobre sua cabeça e seu corpo, movidos em parte por crueldade e em parte por ressentimento, visto que ele suportou a tudo com divina paciência. Ele ofereceu suas costas aos que o feriam, e suas faces aos que arrancavam seu cabelo; ele não ocultou seu rosto diante da vergonha e da cusparada, Is. 50. 6. Ele sofreu sem reclamar, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O próprio Pilatos ficou comovido, quando viu o resultado da zombaria cruel dos soldados. Esperou que esta exposição fosse satisfazer aos judeus, e que ele agora poderia mandar Jesus embora, Lc. 23. 16. Indo à frente de Jesus, anunciou aos judeus que trazia para fora o preso para lhes mostrar que não achou nele qualquer culpa. A seguir pôs ao lado do homem coroadado de espinhos e com o desbotado manto de púrpura, simplesmente apontando ao Senhor com as palavras: Eis o homem! Foi um jeito bem calculado para impressionar a multidão sentimental, mas aqui houve uma turba dominada por ódio, na qual a visão de sangue unicamente teve o efeito de enfurecê-la ainda mais. Liderado e atizado pelos principais sacerdotes e os guardas do templo para mais outras tentativas, o povo berrou o que queria: Crucifica! Crucifica! “Isto é o mundo. Ele, primeiro, não consegue agüentar o justo e o inocente. Segundo, prefere ao rebelde e assassino Barrabás a Cristo, o pregador da verdade. Estes são nós duros e ásperos. Mas o terceiro é ainda mais áspero, a saber que o mundo caro e querido ainda não tem o suficiente nem está satisfeito, ainda que a verdade parcialmente é punida. Os judeus não se dão por satisfeitos, nem querem desistir na sua pressão sobre Pilatos e seu gritar contra Jesus, ainda que Jesus, o pregador da verdade, está surrado e flagelado.”<sup>30)</sup> E os chefes da multidão soube exatamente como conservar no máximo a sede por sangue. A repetição desta uma palavra “crucifica!” em infinda monotonia teve o objetivo de matar qualquer protesto e abafar qualquer oposição. Pilatos, tomado de impotente indignação, em óbvio desespero, tenta livrar-se de qualquer responsabilidade, reiterando sua afirmação de que não acha motivo nem falta alguma em Jesus. Mas, a muito passara, o tempo da razão e da argumentação. O que poderia fazer o homem solitário que demonstrara sua fraqueza contra a incessante entoar desta uma palavra, repetida em enlouquecedoura regularidade aos seus ouvidos? Notemos: No resistir ao que é errado, sempre é loucura e suicida fazer concessões. É muito melhor ser martirizado pela causa certa do que se render em assuntos que pertencem à consciência e estão claramente expressos na Palavra de Deus.

Pilatos mais uma vez inquire a Jesus: *V. 7) Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus. 8) Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou, 9) e tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta. 10) Então Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar, e autoridade para te crucificar? 11) Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima*

---

<sup>30)</sup> 92) Lutero, 8. 921.

*não te fosse dada; por isso quem me entregou a ti, maior pecado tem.* 12) *A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo.* Quando Pilatos fez sua declaração diante do povo sobre sua crença na inocência de Jesus, o povo parou sua demonstração barulhenta só o tempo necessário para lhe dar uma resposta que tinha a intenção de tornar sua supersticiosa alma ainda em maior dependência. Calmamente lhe declararam que tinham uma lei, e que conforme esta lei era necessário que Jesus morresse. Queriam impressionar Pilatos e intimidá-lo à sujeição, jogando com sua superstição. Aqui os judeus, sem querê-lo, expressaram uma grande verdade, tal como o fizera seu sumo sacerdote tempos atrás. Era realmente necessário que Jesus morresse, mas não por causa de qualquer culpa pessoal. “Anota aqui que a inocência de Cristo, nosso Senhor, subsiste pela nossa culpa. Pois, ainda que ele foi condenado à morte, sendo inocente, ele contudo é culpado diante de Deus conforme a lei; não por causa de sua pessoa, mas por causa de nossas pessoas. Ele está perante Pilatos, não como o filho da virgem Maria, mas como um malfeitor; e isto, não para si mesmo, mas para ti e para mim.... Desta forma Cristo é inocente por sua própria pessoa, mas estando em nosso lugar, ele é culpado, pois ele ocupou a nossa parte para pagar a nossa culpa.”<sup>31)</sup> A ênfase dos judeus foi sobre este um ponto, a saber, que ele se fizera o Filho de Deus, o qual provocara os hipócritas ao máximo numa fingida indignação. O modo de agir deles indicou que consideravam sua asseveração como totalmente infundada, mas como alguém que, bem por este motivo, merecia ser castigado. Foi um ponto que do ponto de vista dos judeus não tinha qualquer valor, visto que tentavam mostrar que Jesus era um rebelde perigoso. “Uma tal acusação de blasfêmia contra Deus não pesava para Pilatos, visto nada saber da lei dos judeus; e mesmo se os judeus tivessem conseguido este ponto e tivessem conseguido impor a Cristo que ele blasfemara Deus, apesar disso Pilatos poderia ter dito: Por que vós judeus agis contrariamente à vossa própria lei? Vossa lei manda que um blasfemo deve ser apedrejado, e não crucificado; agora, porém, gritais que eu crucifique este homem, ainda que, conforme a vossa lei, a crucificação não é o castigo da blasfêmia. Por este motivo os judeus, mais uma vez, estão furiosos e loucos, mas foram apanhados. Pois, assim deve acontecer a todos os inimigos de Deus que se opõem à verdade, que sempre são pegos em sua própria esperteza.”<sup>32)</sup> Para nós, todavia, há um mundo de consolo neste fato, que Jesus sofreu e morreu como o Filho de Deus. É isto que dá para sua paixão um valor real e duradouro. Os judeus, em sua ansiedade de forçar Pilatos para que se submetesse, que quase lhes pilhou seu próprio objetivo. Pois o efeito de sua declaração sobre a pretensão de Cristo foi amedrontar o governador sobre o castigo dos deuses, caso executasse o que os judeus queriam. Por isso, mais uma vez, entrou na sala e realizou um segundo interrogatório de Jesus. Queria saber se havia alguma verdade quanto ser ele de origem divina. Esta pergunta, grosseira como soa, deve ter sido dita com bastante pasmo. O silêncio de Jesus falou mais alto do que o pudessem fazer palavras, que todo o processo era uma farsa blasfema. Jesus já dera testemunho a respeito de si mesmo, como sendo o rei da verdade, e Pilatos rejeitara as palavras, e as tratara com desprezo. Mas o silêncio de Jesus provocou ao orgulhoso e arrogante romano, que agora procurou impressionar a este miserável prisioneiro com a magnitude de sua autoridade sobre ele. Era quase incrível que este homem não lhe respondesse, a ele o governador, que, segundo ele próprio acreditava, tinha poder absoluto sobre sua vida. Mas a resposta tranqüila de Jesus destacou-lhe seus limites: Não terias nenhum poder sobre mim se ele não te tivesse sido dado do alto. Jesus estava sob orientação divina para realizar o dever divino que pousava sobre ele. Os propósitos de Deus estavam sendo executados no presente processo, e não os caprichos e as fantasias dum homem fraco. A maior culpa pesava sobre os judeus que haviam entregado o Senhor nas mãos dos gentios; o pecado e a culpa deles era de tal natureza que levaria sobre eles destruição temporal e eterna. “Aqui vês que Cristo julga a obra conforme o coração e não conforme o aspecto e a aparência exteriores. Pilatos comete um pecado quando crucifica a Cristo, ainda que não encontra nele qualquer causa de morte. Mas, visto que seu coração não é tão vil como o de Caifás e os dos sumos sacerdotes, por isso seu pecado não é tão grande como o pecado de Caifás e dos sumos sacerdotes.”<sup>33)</sup> Esta foi a impressão que Pilatos obteve deste interrogatório, a saber, que buscou, mais do que nunca, ainda que sem resultado, soltar o

---

<sup>31)</sup> 93) Lutero, 8. 932.

<sup>32)</sup> 94) Lutero, 8. 928.

<sup>33)</sup> 95) Lutero, 8. 928.

Senhor. Mas, como Jesus lhe dissera, o assunto já não mais estava em suas mãos, mas nas de um poder superior.

A condenação: *V. 12b) Mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César. 13) ouvindo Pilatos estas palavras trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gábata. 14) E era a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei. 15) Ele, porém, clamavam: Fora! For! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César! 16) Então Pilatos o entregou para ser crucificado.* Enquanto Pilatos buscava caminhos e meios para efetuar a soltura de Jesus, os chefes dos judeus não haviam ficado ociosos. Deram agora um giro diferente ao caso, levando a multidão gritar para Pilatos: Se soltas a este homem, então não te mostras amigo de César. Sua argumentação ia este curso: Jesus declarara ser ele mesmo um rei; isto implica uma disposição rebelde, caso não uma insurreição consumada, uma rebelião contra o imperador romano, contra a autoridade constituída. Caso Pilatos agora fosse tomar a parte do prisioneiro, então ele iria suportar e acumpliciar, ou pelo menos encorajar fortemente, a um rebelde, iria afiliar-se com ele, ao menos moralmente. Este fato, contudo, o colocaria sob suspeição, caso não sob acusação, de ser pessoalmente inamistoso a César e ao governo romano. O que os judeus deram a entender foi, mesmo que não ameaçassem fazê-lo logo, que iriam fazer uma queixa, e que conseguiriam que ele fosse perde sua posição. Uma tal velada ameaça teve a força de ter grande influência sobre um homem do caráter de Pilatos, dependendo, como era o seu caso, da misericórdia do imperador. Este foi o argumento que, por assim dizer, determinou o dia para os judeus. Pois, agora Pilatos formalmente conduziu Jesus da sala de julgamento e sentou-se sobre a cadeira de julgamento, que fora colocada sobre um soalho ou uma plataforma de pedras, marchetadas, ou dispostas em mosaico, conhecida, por causa de seu aspecto, como o Pavimento, ou, em hebraico, como Gábata, que significa Lugar Elevado. Foi uma sena surpreendentemente dramática que aqui foi apresentada, e da parte de Pilatos feita propositalmente. Todo o seu proceder dizia que ele estava pronto para fazer justiça, que queria pronunciar sua sentença final. Com cuidado, o evangelista registra a hora quando isto aconteceu: era a preparação do sábado, isto é, era sexta-feira, próximo da hora sexta, entre nove e doze horas, segundo a maneira comum então em uso de contar as horas. Cf. Mc. 15. 25. Neste dia e nesta hora foi proferida a sentença sobre Cristo, com o que o mundo foi absolvido de toda culpa e transgressão. Pilatos em todo este problema aparece como um juiz injusto, insensato e fraco, que destrói a justiça e tenta agradar a homens, que não só é influenciado pelos fatos do caso, mas é dominado por interesses pessoais e egoístas. O caso dele também ilustra o curso do pecado. Quando uma pessoa acede e consente mesmo que seja ao menor pecado contra sua inteligência, então rapidamente se tornará o escravo do pecado e será incapaz para resistir mesmo que seja à menor das tentações. Aqueles são da classe de Pilatos que, finalmente, desistem de toda aparência dum viver decente e moral, publicamente rejeitam Cristo e Deus, e se tornam ferramentas voluntárias de Satanás. Os judeus, por sua vez, aparecem nesta história como os inimigos determinados de Cristo. Haviam endurecido seus corações contra qualquer influência para o bem; sua intenção pública foi o assassinato deliberado e implacável. Mas Cristo permaneceu em silêncio; suportou a horrenda fúria sem qualquer palavra de lamento ou protesto. Pilatos deu vasão à sua amargura e à sua frustrada raiva na observação sarcástica e ferina: Eis vosso rei! As palavras foram intencionadas a expressar todo seu ódio e desprezo aos judeus. Era o que fora sua acusação, e estava contido em sua ameaça, e por causa disso quiseram que ele fosse executado, a saber, que se arrogara o título “Rei”. Na situação angustiante atual em que se achava era ele bela figura dum rei! Mas o sarcasmo de Pilatos foi inútil, caso o tencionou para favorecer a Cristo. Pois o apetite por sangue tanto havia inflamado os judeus, que estavam alheios a qualquer apelo racional. Gritam e irrompem em fúria danada: Fora! Fora! Crucifica-o! A réplica de Pilatos foi mais uma ténue tentativa de sarcasmo: Eu deverei crucificar vosso rei? E os principais sacerdotes responderam, numa declaração meramente formal e hipócrita, com o propósito de forçar Pilatos a uma concessão: Nós não temos rei, mas César. Na realidade, tanto saduceus como fariseus, que eram os líderes dos judeus, esperavam pela rápida libertação dos judeus da soberania dos romanos. Aqui, porém, professam uma lealdade que jamais sentiram, com o objetivo de forçar o caso, visto que sua fidelidade ao imperador se destacaria quando comparada com a hesitação de

Pilatos, que denunciariam como alguém que vacilava na fidelidade e devoção ao seu soberano. Por isso Pilatos, finalmente, permitiu que a farsa alcançasse seu auge, na condenação de Cristo: ele deu a sentença pela qual Jesus foi entregue a eles, aos chefes dos judeus, na realidade não nas mãos deles, mas conforme a vontade e o desejo dele, para ser crucificado.

A Crucificação. João 19. 17-30.

V. 17) *Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico, 18) onde o crucificaram, e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio. 19) Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. 20) Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. 21) Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus e, sim, que ele disse: Sou o rei dos judeus. 22) Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.* João omite o relato dos insultos e das crueldades que os soldados infligiram a Cristo. Cf. Mt. 27. 26-30; Mc. 15. 16-19. A morte por crucificação era a sentença, a morte mais vergonhosa conhecida pelos romanos, e que era imposta só aos criminosos da pior espécie. A execução da sentença estava nas mãos dos soldados, que a cumpriam conforme era costumeiro, adicionando ainda aquelas pequenas injúrias e crueldades que, segundo seus próprios impulsos, conseguiam imaginar. Estes levaram Jesus consigo, retirando-o do pretório. E ele mesmo carregava sua cruz, que lhe impuseram, fazendo com que a pesada madeira lhe deve ter machucado de modo muito cruel as costas já laceradas. João nada diz sobre o alívio recebido pelo encontro com Simão de Cirene, visto que este fato já conhecido dos outros evangelhos. A procissão, desta maneira, alcançou um lugar que, conforme seu formato, era chamado Calvário, o lugar da caveira, ou, em aramaico com base na língua hebraica, Gólgota. Nunca foi localizada sua exata localização, apesar das muitas alegações de que isto tenha sido conseguido. E é assim que é melhor, visto que, mesmo hoje, as várias denominações, que têm representantes na Cidade Santa, têm o costume de quase se empenharem em lutas campais sobre os supostos lugares santos. Os soldados então crucificaram Jesus sobre o Calvário, firmando-o nos braços da cruz do lenho da maldição e vergonha, fazendo com que pregos furassem suas mãos e seus pés. A crucificação e a tortura de ser suspenso por sua própria carne causaram excruciante agonia. Mas aqui a vergonha e a desonra foram aumentadas e enfatizadas pelo fato que Jesus foi colocado no meio de dois malfeitores, homens que eram culpados de atos criminosos a que haviam merecido a pena de morte. Foi assim que Jesus se tornou um malfeitor, porque ocupou o lugar dos malfeitores de todo o mundo. Daquilo que nós, pelos nossos pecados e transgressões, nos tornamos culpados – a maior vergonha, maldição e condenação – tudo isto foi colocado sobre ele, para que nós fôssemos salvos. “Desta forma Cristo foi crucificado e pendurado na cruz como o maior ladrão, patife, rebelde e assassino já visto no mundo, e Cristo, o inocente Cordeiro, precisa carregar e pagar culpas alheias; pois é a nosso favor. São os nossos pecados que estão impostos ao pescoço dele; nós somos estes pecadores, ladrões, patifes, rebeldes e assassinos. Pois, ainda que não sejamos tão vulgares em nossas ações, ainda assim, é esta a nossa condição diante Deus. Mas aqui Cristo vem em nosso lugar, e carrega nossos pecados, e os paga, para que nós recebêssemos socorro. Pois, crendo nós nele, então não só nós que evitamos os pecados públicos e grosseiros seremos salvos por meio de Cristo, mas também aqueles que caem em pecados vulgares e públicos são salvos, quando verdadeiramente se arrependem e crêem em Cristo.”<sup>34)</sup> Depois que Jesus fora crucificado, ocorreu alguma dificuldade e discussão sobre o sobre-escrito. Pois Pilatos escolhera a versão: Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus, como aquela que continha a acusação principal contra o Senhor. Incidentalmente, esta de certa forma uma vingança de Pilatos, que considerou Jesus como um tolo inofensivo, e quis que os judeus sentissem que uma pessoa assim era o rei correta para eles. Os chefes dos judeus sentiram o aguilhão das palavras tanto mais, visto que muitas pessoas passavam pelo lugar da crucificação, uma vez que o Calvário ficava próximo dos portões da cidade. Igualmente o fato que o sobre-escrito fora composto por Pilatos nas três línguas que eram correntes na Palestina, em hebreu-aramaico, que era falado pelo povo comum,

---

<sup>34)</sup> 96) Lutero, 8. 966.

em grego, que era a língua do comércio, e em latim, que era a língua do tribunal e do exército, contribuiu muito para que o assunto contido nas palavras se tornasse conhecido. Os principais sacerdotes dos judeus, por isso, protestaram perante Pilatos com o objetivo conseguir que o expresso fosse mudado para alguma forma que lançasse a vergonha sobre Jesus, a saber, que ele fora quem afirmara ser o rei dos judeus. Tal como estava, o sobre-escrito soava como se esta afirmação fosse aceita. Mas Pilatos, com uma firmeza que lhe teria ficado bem algumas horas antes, uma firmeza que aqui foi reforçada por obstinação e teimosia, declinou terminantemente fazer qualquer mudança. Em tudo isto, todavia, deve ser percebida a mão de Deus. Foi dispensação de Deus ter colocado este título sobre a cabeça de Jesus. Este Jesus de Nazaré, que foi crucificado pelos judeus, na verdade, é o Rei dos judeus no melhor sentido da palavra, é o Messias de Israel. Este Messias devia trazer salvação a todas as pessoas de todo o mundo, cujas línguas principais aqui foram usadas. Jesus, pela tortura de sua cruz e pela sua amarga morte, expiou plenamente as transgressões do mundo. E este fato devia ser proclamado a todas as nações da terra, para que coloquem sua confiança em seu Substituto que morreu no Calvário.

Os soldados lançam sortes: *V. 23) Os soldados, pois, quando crucificaram a Jesus, tomaram-lhe as vestes e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e a túnica. A túnica, porém, era sem costura, toda tecida de alto a baixo. 24) Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela para ver a quem caberá – para se cumprir a Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes. Assim, pois, o fizeram os soldados.* Os acontecimentos que se desenrolaram sob a cruz são aqui registrados por João; antes de tudo, o que os soldados fizeram. Estes homens não tiveram interesse pessoal na vítima; o fato de o crucificarem foi só uma parte do trabalho diário. A seguir puseram em prática o privilégio que lhes fora concedido por costume antigo. Parece que os criminosos condenados à morte por crucificação, eram pregados na cruz completamente nus ou quase assim, tendo somente, quando muito, um pano pela cintura. Por isso os soldados tomaram as roupas de Jesus, a veste externa, a faixa, as sandálias, talvez também a camisa de linho, e as dividiram em quatro partes, conforme o número de homens que haviam sido separados para cuidar deste trabalho. Mas a veste interna, a túnica, permaneceu depois que as demais peças do vestuário haviam sido distribuídas. Não a podiam cortar sem destruí-la, visto que era sem emenda, sem costura, mas tecida numa única peça de alto a baixo, sendo provavelmente obra de mãos queridas. Por isso os soldados decidiram dar-lhe seu destino lançando sortes; num jogo de loteria foi-lhe fixado o preço. Também aqui, como em tantas outras instâncias ligadas com a história da paixão, o jogo de loteria foi o resultado do acaso, mas aconteceu de acordo com a profecia do salmista, Sl. 22. 18. O Messias, falando, mil anos antes, pela boca de Davi, disse a respeito deste incidente: Dividiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitaram sortes. Aqui foi claramente indicado, como escreve Lutero, que Cristo pagara completamente a penalidade. Tudo quanto possuía, seu corpo, sua vida, suas próprias vestes, ele o entregou por amor aos pecadores, para lhes obter salvação. Os soldados, porém, jogando como estavam sob a cruz de seu Salvador, são uma figura muito apropriada do mundo frívolo, desperdiçando sua chance de salvação, mesmo estando à sombra da cruz que indica para cima.

O cuidado de Cristo por sua mãe: *V. 25) 25) E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. 26) Vendo Jesus sua mãe, e junto a ela o discípulo amado, disse: Mulher, eis aí o teu filho. 27) Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante o discípulo a tomou para casa.* Uma linda amostra do amor e cuidado filiar do Salvador! Ele, em meio às excruciantes agonias do corpo e em meio às torturas ainda maiores da alma, ainda acha tempo para pensar em sua mãe e nas obrigações que lhe devia como retorno de sua devoção materna. Os amigos de Jesus, como Mateus e Marcos relatam, ficaram à certa distância durante o processo da crucificação. Mas quando as coisas se haviam acalmado um pouco, então estes amigos, principalmente mulheres, as quais se mostraram mais leais e fortes do que os apóstolos nesta emergência, se aproximaram o quanto mais perto possível da cruz. Lá estava Maria, a mãe de Jesus, e sua irmã, ou antes cunhada, Maria, a mulher de Clopas, a mãe de Tiago, e Maria Madalena, todas elas unidas ao Senhor pela fé e por terno amor. Cf. Mt. 27. 56; Mc. 15. 40. A pontuação do texto também pode ser disposta assim que mencione quatro mulheres: a mãe de Jesus, sua irmã Salomé, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Mas de todos os apóstolos só um esteve presente, o

discípulo que Jesus amava, que é o próprio João, o escritor deste relato. Jesus, pois, vendo-os parados juntos em sua compassiva tristeza, voltou-se primeiro à sua mãe, pedindo que ela considerasse João como sendo seu filho, o qual passaria a ocupar o seu lugar visto que estava sendo afastado de sua posição de filho dedicado. E, de modo semelhante, pediu a João considerar Maria como sendo sua mãe, de mostrar-lhe toda ternura e cuidado que um filho deve à sua mãe envelhecida. E João aceitou a tarefa. Maria foi recebida em sua casa com todo o amor que foi capaz de tornar os dias de sua velhice tão agradáveis, como teriam sido, caso Jesus tivesse permanecido na carne e tivesse cumprido as obrigações conforme o quarto mandamento que ele aqui guardou. Como a tradição conta, João, provavelmente, possuía uma casa em Jerusalém, e teve as condições de zelar corretamente pelo cuidado e conforto de Maria, tratando-a como um membro honrado de sua família. Notemos: A providência de Jesus por sua idosa mãe é um exemplo do correto cumprimento do quarto mandamento. Esta obediência de Cristo serve para a nossa salvação; ele cumpriu a lei em nosso lugar. Pode ter parecido algo trivial no tempo quando a redenção esteve em jogo, mas ela caracteriza o amor do Salvador. Este Jesus, o mesmo que morreu na cruz, para salvar nossas almas da condenação, também quer cuidar de nossos corpos, que prover corretamente por sua proteção e segurança. Marquemos também: O grupinho reduzido de discípulos sob a cruz de Jesus é uma figura da igreja cristã. Os cristãos têm seu lugar correto sob a cruz de Cristo. O mundo que os circunda não tem nada mais do que zombaria e blasfêmia com respeito à cruz e o Crucificado, mas os cristãos lançam sua confiança, seja na vida ou na morte, no Homem de Dores.

A morte de Jesus: *V. 28) Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede! 29) Estava ali um vaso de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca. 30) Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.* O evangelista destaca, sempre de novo, este fato, que o sofrimento e morte de Jesus aconteceram segundo a vontade e o conselho de Deus e segundo os ditos dos profetas pelos quais o Messias falou. Foi pelas três horas da tarde, quando findou o sofrimento mais agudo e penetrante de Jesus, quando, durante as trevas que cobriram a terra, ele tomou até aos restos o cálice da ira de Deus sobre os pecados do mundo. Ele permanecera o vencedor na terrível batalha; ele havia vencido todos os inimigos da humanidade; ele havia realizado todas as coisas, levando-as a um final bem sucedido; ele conseguira a salvação da humanidade. Temos aqui uma palavra de maravilhoso conforto para todos os cristãos, em especial para as horas quando os ataques da dúvida são dirigidos contra a certeza da salvação. A redenção da humanidade é completa; nada resta para ser feito, se não somente aceitar este fato e lançar no Salvador uma confiança inabalável. Restava, contudo, ainda uma palavra da profecia do Antigo Testamento, que ainda não tivera seu cumprimento, e, por isso, Jesus, cuja sede se intensificara com a agonia da alma que ele, recém, suportara, exclamou: Tenho sede. Cf. Sl. 69. 21. E aconteceu, tal como ele mesmo o havia predito pela boca de seu servo do Antigo Testamento. Estava ali um vaso que continha vinagre, do qual já lhe haviam oferecido um pequeno gole quando o crucificaram, mas numa forma que intentava agir como um anestésico fraco. Agora um dos soldados pegou uma esponja, mergulhou-a no vinagre, prendeu-a num caniço de hissopo, e alcançou-a à boca do Salvador, aliviando assim, no mínimo ao menos, a sede ardente que acompanhou a crucificação, ainda que em si mesmo também fosse uma crueldade oferecer-lhe este gole. Mas o Santo de Deus suportou pacientemente todas as afrontas, todas as crueldades que lhe aconteceram. Agora, tendo sido completada a grande obra e até a última passagem da Escritura do Antigo Testamento sido cumprida, o próprio Jesus fez o anúncio da conclusão da redenção, exclamando: Está consumado. Estava consumado tudo o que o Messias devia suportar e sofrer, tudo o que pertence à obra da salvação. Sim, até a morte do próprio Cristo esteve incluída nesta afirmação, pois agora estava pronto para, por meio de seu próprio poder, por meio de seu próprio querer, depositar sua vida na morte. Agora ele inclinou a cabeça e rendeu o espírito, entregou sua alma nas mãos de seu Pai celeste. Ele fez tudo isto por meio de seu próprio poder; pois ele não morreu de exaustão, como também o indicam todas as circunstâncias externas da história. Jesus morreu porque ele quis morrer. No caso do ser humano regular, a morte é uma experiência ofensiva, desagradável e horrível, da qual a pessoa humana se arreia e foge. Jesus, porém, quis morrer, quis cumprir a palavra que ele mesmo dissera, cap. 10. 16,17. O fator da voluntariedade na morte de Jesus dá a esta o valor, torna-a

um sacrifício muito agradável a Deus. Notemos também: O homem que morreu na cruz não algum mero homem, mas é o Filho de Deus, e o próprio Deus. Jesus, entregando, como quis, sua própria vida, é o próprio Deus. Este fato remove a culpa do mundo; o grande valor da vida que foi entregue no Calvário faz com que ela, em valor e resgate, seja mais do que equivalente a todos os pecados e culpas de todas as pessoas desde o começo do tempo até o início do último dia.

O Sepultamento De Jesus. Jo. 19. 31-42.

A perfuração do lado: *V. 31) Então os judeus, para que no sábado não ficassem os corpos na cruz, visto como era a preparação, pois era grande o dia daquele sábado, rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas, e fossem tirados. 32) Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele tinham sido crucificado; 33) chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. 34) Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. 35) Aquele que isto viu, testificou, sendo verdadeiro o seu testemunho; e ele sabe que diz a verdade, para que também vós creiais. 36) E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado. 37) E outra vez diz a Escritura: Eles verão aquele a quem traspassaram.* Os judeus, ou seja, seus chefes espirituais, se preocuparam, como sempre, mais sobre a guarda das tradições de seus anciãos, nas quais haviam aplicado Dt. 21. 23, do que sobre o cometer assassinato e outros crimes hediondos, agora enviaram uma delegação a Pilatos com um pedido. Era sexta-feira, o dia da preparação, e o sábado que agora se aproximava era extraordinariamente grande, sendo o dia em que os primeiros frutos do campo eram movidos perante o Senhor e oferecidos como sacrifício. Por isso os judeus não queriam que nesse dia os corpos dos crucificados pendessem da cruz, com medo de profanar seu grande dia de festa. Conforme isto, seu pedido foi que Pilatos recorresse a um método que em certas vezes era empregado para que o morrer do crucificado fosse rápido, a saber, quebrando-lhes os ossos das pernas com uma barra pesada ou com um malho. Aqui com uma vingança se evidenciou a mais abjeta hipocrisia. Sem qualquer sentimento de pesar ao condenarem o justo e inocente Cristo, mas temendo alguma impureza levítica que existia em grande parte só em sua própria idéia, eles se resguardam contra alguma possível contaminação, ao se empenharem por uma morte forçada e uma rápida remoção dos corpos mortos. Tendo Pilatos dado seu consentimento, foi executada a idéia expressa pelos judeus. Os soldados quebraram as pernas do primeiro e depois do outro malfeitor que havia sido crucificado com Jesus. Mas, achegando-se por fim a Jesus, descobriram que ele estava morto, que já havia expirado. Em seu caso não teria tido sentido executar o costumeiro quebrar das pernas, por isso se abstiveram de fazê-lo. A explanação parece bem simples, mas, ainda assim, nada dela foi casual. Os ossos de Jesus não foram quebrados, porque ele é o verdadeiro Cordeiro de Deus, o Cordeiro pascal, do qual todos os cordeiros que desde a antiguidade foram abatidos nesta festa eram meros tipos ou figuras, Ex. 12. 46; Nm. 9. 12. Assim o anjo da morte no Egito ignorou ou omitiu todas as casas que estavam assinaladas com o sangue do cordeiro, assim o sangue deste Cordeiro desviou de nós a ira de Deus. Todos quantos têm os portais de seu coração assinalados com o sangue de Jesus não serão visitados pelo anjo da morte eterna. Aparentemente Jesus estava morto quando os soldados chegaram à sua cruz. Mas quiseram que a certeza fosse dobrada. Um deles, por isso, ou furou seu lado, como parece indicar a mais precisa leitura da palavra, para determinar se ele meramente desmaiara, ou de fato infligiu uma ferida profunda no seu lado, perfurando o coração, sendo assim fatal se Jesus ainda tivesse estado vivo. Mas quando o soldado retirou sua lança, como João relata, tanto sangue como água fluíram do lado ferido do Salvador. Este foi um acontecimento estranho, que o sangue de alguém já morto a algum tempo escorresse como acontece dum corpo vivo, e que, ao mesmo tempo, água proviesse da ferida. Mas João insiste nisso para que não foi possível qualquer engano; ele é uma testemunha ocular, esteve perto demais para não ter certeza dos fatos tal como ele os descreve aqui. Os dois fatos deviam ser impressos nas mentes dos cristãos: que Cristo de fato morreu, e que na perfuração de seu lado ocorreu este estranho fenômeno. Certo comentarista o expressa assim: O sangue que escorreu do lado de Jesus devia servir para o lavar dos pecados do mundo inteiro. É o sangue da reconciliação, o sangue de Deus, com o qual ele purificou todas as pessoas dos seus pecados.

“O sangue de flui do lado de nosso Senhor Jesus é o tesouro de nossa redenção, é a paga e a expiação pelos nossos pecados. Pois, nosso querido Senhor Jesus Cristo, pelo seu inocente sofrimento e morte e pelo seu santo e precioso sangue, derramado na cruz, pagou por todas as nossas culpas, morte eterna e condenação, em que nós, por causa dos nossos pecados, estamos afundados. Este mesmo sangue de Cristo é nosso advogado ante Deus, e clama incessantemente por nós a Deus: Misericórdia, misericórdia; perdoa, perdoa; indulgência, indulgência; Pai, Pai! e assim nos alcança a graça de Deus, perdão dos pecados, justiça e salvação.... Por isso o sangue e a água que fluíram do lado de nosso querido Senhor Jesus Cristo na cruz são o nosso maior consolo. Pois nisso consiste a salvação de nossa alma: no sangue esta nossa redenção e satisfação pelos nossos pecados; na água está nossa diária limpeza e expurgo dos pecados. Devemos estudar isto acuradamente e agradecer de todo coração a Deus, nosso querido Senhor, por seu amor ilimitado e sua benignidade, e ao nosso fiel Salvador Jesus Cristo por seu sofrer e morrer.”<sup>35</sup>) Incidentalmente, como ressalta o evangelista, há outra profecia que em parte se cumpriu no Calvário, no perfurar o lado de Cristo, Sl. 22. 16,17; Zc. 12. 10; Ap. 1. 7. Os judeus incrédulos viram aquele cujo lado foi perfurado pendendo na cruz, e o fato devia ter evocado em suas mentes esta profecia dos salmos e sua importância. Virá o dia quando eles verão o mesmo homem contra o qual voltaram seu desprezo voltando para julgar os vivos e os mortos; então o lamento e as súplicas deles por misericórdia virão tarde de mais.

O sepultamento de Jesus: *V) 38) Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus, rogou a Pilatos lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Pilatos lho permitiu. Então foi José de Arimatéia e retirou o corpo de Jesus. 39) E também Nicodemos, aquele que anteriormente viera ter com Jesus à noite, foi, levando cerca de cem libras de um composto de mirra e aloés. 40) Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas, como é de uso entre os judeus na preparação para o sepulcro. 41) No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido ainda posto. 42) Ali, pois, por causa da preparação dos judeus, e por estar perto o túmulo, depositaram o corpo de Jesus.* Quando os apóstolos, na hora da provação, decepcionaram a seu Senhor, outros discípulos, até então quase desconhecidos, ousadamente professaram sua fidelidade ao Nazareno tão odiado. Um desses homens foi José, um conselheiro, um membro do sinédrio, cuja morada ficava em Rama ou Arimatéia, a cidade de Samuel, 1. Rs. 1. 1,19. Ele conservara em segredo suas convicções sobre Jesus por medo dos judeus. Mas agora ele se adianta ousadamente, vai a Pilatos, e solicita que lhe seja dado o corpo de Jesus. Pilatos, tendo feito as necessárias inquirições sobre a morte do crucificado, concedeu a permissão. José, assim, se dirigiu ao Calvário para baixar o corpo do Mestre. Agora ele foi acompanhado por Nicodemos, do qual o evangelista já falou em dois lugares, cap. 3. 1; 7. 50. Este homem também chegara ao conhecimento da verdade; ele creu em Jesus como seu Salvador. Ele chegou ao Calvário bem preparado para a última obra de amor ao Mestre, levando uma mistura de mirra e aloés, especiarias aromáticas usadas para o embalsamento dos mortos, num total de cem litros ou libras judaicas, quase vinte e seis quilos. Sendo rico, ele esteve disposto a mostrar sua devoção a seu Senhor, sendo o composto de especiarias que trouxe suficientes para ungir o corpo inteiro bem como para impregnar a mortalha. Estes dois homens, tendo descido o corpo da cruz, prepararam-no para o sepultamento, envolvendo-o na mortalha, conforme a maneira dos judeus no preparo dos corpos para o sepultamento. Havia um jardim no lugar da crucificação, adjacente dele ou bem próximo dele, onde José possuía sua própria sepultura numa rocha, a qual jamais fora usada para um sepultamento e por isso ainda não havia sido desconsagrada pelo mau cheiro de carne em decomposição. A razão principal para o sepultamento apressado no sepulcro próximo foi a aproximação do grande dia festivo dos judeus. O dia da preparação terminava com o pôr do sol, depois do qual era proibido qualquer trabalho manual. Notemos: Jesus, depois de toda vergonha e humilhação de seu julgamento e morte, ao menos recebeu um sepultamento honroso: Foi depositado na sepultura dum homem rico e foi enterrado segundo a maneira concedida a um rico. Todos estes fatores apontavam para sua glorificação que se aproximava. Não há qualquer coisa horrível com respeito ao sepulcro de Jesus; ao contrário, ele aparece como um lugar para um sono suave. Jesus Cristo, o Salvador do mundo, santificou por meio do seu sepultamento as

---

<sup>35</sup>) 97) Lutero, 8. 965, 969.

sepulturas dos seus santos, e as tornou lugares de calmo repouso, onde em paz esperam pelo grande dia da ressurreição.

**Resumo:** Jesus, depois da mais zombaria, por Pilatos é condenado à morte, é crucificado no Calvário, entrega sua vida nas mãos de seu Pai celeste, e é sepultado por José e Nicodemos, os quais em secreto já por algum tempo haviam sido discípulos.

## Capítulo 20

### Páscoa De Manhã. João 20. 1-18.

Maria Madalena junto à sepultura: *V. 1) No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu que a pedra estava revolvada. 2) Então correu e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. “No primeiro dia da semana”, segundo a contagem cristã; pois aos cristãos todos os dias são sábados e nenhum deles é especialmente santo, salvo que sejam santificados e consagrados pela Palavra de Deus e a oração. Isto aconteceu no domingo, o terceiro dia depois que Jesus fora posto na sepultura. Nesta manhã várias mulheres do círculo dos discípulos cedo partiram da cidade para o túmulo do Senhor. João menciona delas especialmente Maria Madalena, visto que a história dos outros ter sido narradas por escritores mais antigos do evangelho. Era tão cedo, que, mesmo que o dia estivesse irrompendo, as sombras do alvorecer ainda pousavam sobre a região. Quando Maria Madalena, junto com as outras mulheres, chegou à vista do túmulo do Mestre e viu que a pedra pesada que coubera na fenda ante a entrada e que, de certa maneira, servia para fechar a entrada, havia sido removida, já não esperou por nada mais. As outras mulheres pararam e investigaram o assunto mais de perto, Maria, porém, correu tão rápido quanto pôde de volta para a cidade. Se foi porque ela o quis ou se foi acidente, ela encontrou primeiro a Simão Pedro e João. Ela, rapidamente, descarregou nos ouvidos deles o que vira, e bem assim as suas deduções disso; pois parece que ela teve certeza que o sepulcro fora violado por alguém, talvez, até, pelas autoridades, que tiveram suas próprias razões para a remoção do corpo do odiado Nazareno. Rapidamente ela profere sua mensagem: Levaram da sepultura o Senhor, e não sabemos onde o colocaram. Ela não esteve sozinha em seus apreensivos temores, mas as outras mulheres concordavam com ela. Aqui constatamos o resultados de seguir suas próprias conjeturas e suposições em vez de prestar atenção cuidadosa à Palavra do Senhor. Se todos os discípulos, homens e mulheres, tivessem lembrado atentamente as profecias do Senhor sobre sua paixão e ressurreição, então se teriam poupado muitas tristes angústias. Os cristãos precisam aprender sempre melhor examinar as Escrituras, devem em todas as vicissitudes da vida voltar à Palavra, em vez de seguir suas próprias idéias e sentimentos.*

Pedro e João junto à sepultura: *V. 3) Saiu, pois, Pedro e o outro discípulo, e foram ao sepulcro. 4) Ambos corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; 5) e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia não entrou. 6) Então Simão Pedro, seguindo-o, chegou e entrou no sepulcro. Ele também viu os lençóis, 7) e o lança que estivera sobre a cabeça de Jesus, e que não estava os lençóis, mas deixados num lugar à parte. 8) Então entrou também o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, e viu e creu. 9) Pois, ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos. 10) E voltaram os discípulos outra vez para casa. A mensagem de Maria Madalena estimulou tanto Pedro como João a uma ação rápida. Resolveram imediatamente descobrir a verdade sobre este assunto tão espantoso. Os dois discípulos, de início, correram juntos, lado a lado. Logo, porém, João, o mais jovem e mais lépido, ultrapassou a Pedro e chegou primeiro ao túmulo. Aqui, porém, ele hesitou. Talvez teve um pressentimento do milagre que os discípulos logo iriam testemunhar. Não conseguia decidir-se totalmente para fazer uma investigação mais de perto. Meramente parou e perscrutou para a penumbra do túmulo. Podia distinguir a mortalha de linho nas quais o corpo fora envolto, mas nada mais do que isto; mas não se decidiu para entrar. Mas quando chegou o impulsivo Pedro, então não houve mais um momento de dúvida. Ele entrou no túmulo; olhou atentamente a mortalha,*

certificando-se da identidade delas; observou também o sudário, ou toalhinha, que fora envolvido a cabeça do Mestre. Chamou-lhe a atenção que este pano estava deitado à parte dos demais envoltórios de linho, num lugar separado, e que estava dobrado ou enrolado. Ele, sem dúvida, comunicou a João todas estas descobertas significantes, até que, finalmente, este último também foi induzido a entrar e ver com os próprios olhos a evidência apresentada no túmulo. Com certeza foi suficientemente surpreendedor encontrar todos estes panos deixados com um cuidado tão visível, não havendo qualquer sinal de pressa, como teria sido o caso se o sepulcro tivesse sido violado e corpo sido roubado. O que João viu levou-o a uma única conclusão: O próprio Jesus colocou de lado esta mortalha; ele ressuscitara; ele retornara à vida. E esta convicção dominou a João, ainda que ele, com os outros apóstolos, naquele tempo ainda não haviam alcançado uma compreensão das Escrituras sobre a ressurreição do Mestre, a saber, que ela era parte necessária do plano da redenção, que ela precisava ocorrer para completar a obra da salvação da humanidade. Os mesmos fatos, assim como estas testemunhas fiéis as relataram, sem a menor indicação de se terem tornado coniventes para mentir ao mundo: o túmulo vazio, a ordem cuidadosa na sepultura, a ausência de qualquer e toda indicação de latrocínio, deviam convencer a qualquer crítico sensato da ressurreição de Jesus. Esta é a fé dos cristãos; eles lançam sobre a ressurreição de Cristo sua própria esperança de salvação. A sepultura teve de entregar sua presa. A vitória do sepulcro é tornada em derrota; o aguilhão da morte é arrancado. A vitória é nossa por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. João, ao menos naquele momento, em sua mente deu-se por satisfeito de que seu Mestre retornara à vida. E o tempo se aproximava quando devia ser removido o último resto de trevas espirituais de sua mente. Enquanto isto os dois discípulos se afastaram do túmulo mais lenta e pensativamente do que quando haviam vindo. Voltaram para casa ou ao seu lugar de alojamento em Jerusalém. Notemos: Provas racionais da ressurreição de Cristo não conseguem dar ao coração a fé inabalável que é necessária para a salvação. Sob certas circunstâncias é bom ser capaz de calar a boca dos que contradizem mostrando-lhes a insensatez de sua posição; porém os argumentos mais convincentes são as declarações das próprias Escrituras.

Maria Madalena e os dois anjos: *V. 11) Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se e olhou para dentro do túmulo, 12) e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés. 13) Então eles lhes perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.* Quando Pedro e João correram a toda pressa ao túmulo, Maria seguira mais vagarosamente, chegando somente ao jardim quando Pedro e João novamente haviam partido. Ela tinha a mente ainda tomada de sua primeira conclusão, a saber, que a remoção do corpo do Senhor fora ato de ladrões de túmulo. E ela deu asas a um acesso de choro incontido. Ela ainda permaneceu fora do túmulo em desespero sem amparado e inútil. Incidentalmente, contudo, ela é movida a olhar se o corpo do Senhor realmente se foi do túmulo, ou se tudo é só um sonho. Por isso ela, enquanto suas lágrimas ainda rolam livremente, se adianta para ver o lugar onde, estando ela presente, os homens haviam colocado o Senhor. O amor que Maria Madalena teve ao Mestre é um exemplo apropriado para todos os fiéis de todos os tempos. “Esta Maria é um modelo preciso e lindo e uma excelente exemplo de todos aqueles que se agarram a Cristo, para que seus corações estejam inflamados em amor genuíno e verdadeiro para com Cristo. Pois ela esquece a tudo, tanto sua modéstia feminina como sua pessoa, não se deixa incomodar com o fato de ver perante si dois anjos, e nem se lembra que Anás e Caifás estão cheios de ódio inimigo. Em suma, ela a nada encherge e a nada ouve, se não só a Cristo. Se ao menos pudesse achar ao Cristo morto, então estaria plenamente satisfeita. E por isso o evangelista o indicou de modo tão diligente, para que nós, que o pregamos e ouvimos, com tal exemplo, também obtenhamos desejo, amor e zelo para com Cristo o Senhor.”<sup>36)</sup> Quando Maria se adiantou para olhar para dentro do sepulcro, viu sentados dois anjos em vestes brancas, um deles à cabeça e o outro aos pés, onde o corpo do Senhor jazera. Sentados ali, tiveram um propósito; estiveram prontos para dar informação sobre a verdade da ressurreição a todos que a buscavam. Podem ter sido os mesmos que estiveram presentes uma hora mais cedo, ou foram novos mensageiros do Senhor, que se tornaram visíveis. Parece que, tal como por ocasião do nascimento de Cristo a multidão

---

<sup>36)</sup> 98) Lutero, 8. 985.

das hostes celestes desceu sobre os campos de Belém para entoar seu canto de louvor, houve uma rivalidade amiga no céu sobre o privilégio de ser os guardas do sepulcro do Senhor. Mulher, por que choras? Seu propósito foi abrir os olhos dela para que pudesse ver e ouvir a verdade. Mas o luto de Maria é profundo demais, para que possa perceber a presença de glorioso consolo. Ela estava rodeada das evidências da ressurreição de seu Senhor, o que a deveria ter movido a pular e gritar de alegria, mas dá aos anjos a desesperada resposta: Porque levaram embora o meu Senhor, e eu não sei onde o depositaram. O caso de Maria se repete na experiência de cristãos em todo o mundo. Quando são visitados por qualquer infortúnio real ou suposto, são imediatamente tão monopolizados por sua tristeza que fracassam em ver a multidão de evidências, expostas ao seu redor, que Cristo vive, e que por isso realmente nada os pode preocupar. Confiar unicamente no Salvador ressurreto, isso precisa ser o alvo e o constante empenho dos que crêem no Senhor.

Jesus aparece para Maria: *V. 14) Tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus. 15) Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? a quem procuras? Ela, supondo ser ele o jardineiro, respondeu: Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. 16) Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, em hebraico: Rabôni! que quer dizer, Mestre. 17) Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. 18) Então saiu Maria Madalena anunciando aos discípulos: Vi o Senhor! e contava que ele lhe dissera estas coisas.* Enquanto Maria ainda esteve envolvida em suas amargas queixas aos anjos, talvez ouviu algum ruído atrás de si, passos ou sussurros, que fizeram com que ela se voltasse rapidamente. Notou que atrás dela estava parado um homem, ela, contudo, de alguma forma não associou este homem com seu Senhor. O fato foi, que não só seus olhos estavam turvos de lágrimas, mas Jesus apareceu agora numa forma da qual se havia sumido toda e qualquer humilhação, mas que era glorificada, espiritualizada. Jesus, quando bem queria, podia tornar-se visível ou invisível, ora estar presente num lugar, ora, noutro; ele, ou podia assumir seu aspecto antigo e familiar em que seus discípulos o haviam conhecido, ou lhes podia aparecer como alguém estranho, o qual eles não conseguiam associar com o antigo Mestre. Foi o que aconteceu nesta ocasião. Ele havia mudado, até, sua voz. Por isso sua pergunta compreensiva, expressa nas mesmas palavras como a dos anjos, tão só ocasiona uma nova explosão de ressentimento e luto. Assumiu que Jesus fosse o jardineiro, que foi o homem que certamente devia saber algo sobre o desaparecimento de seu Senhor. Se ele foi o responsável pela tirada do corpo, então que ele imediatamente lhe desse a necessária informação, para que ela pudesse ir e levá-lo embora. Maria, talvez, teve a idéia que o jardineiro pudesse ter achado bom levar o corpo para alguma outra sepultura próxima, porque esta devia ser usada por algum outro corpo. Notemos o amor de Maria: A mulher fraca que é, quer assumir sozinha a tarefa de levar embora o corpo de seu Mestre querido. Jesus, porém, sentiu que chegara a hora para que ele se revelasse. Na antiga voz familiar, a qual todos os discípulos conheciam e amavam, ele disse só esta uma palavra: Maria! A foram daquele que falava pode ter sido estranha, seu corpo pode ter sido glorioso, mas com esta voz Maria o teria conhecido em qualquer lugar. Da profundidade dum coração transportante de alegria ecoou seu grito: Rabôni! meu Mestre! Ele estava ali, vivo e em boa saúde; mais do que isso já não interessava. E ela, talvez, pensou que o antigo e familiar relacionamento seria reassumido novamente, que ela o poderia tocar, e certificar-se totalmente de sua identidade. Mas, agora passara o tempo dum companheirismo íntimo entre Mestre e alunos. Jesus a adverte para que não o toque; este não era seu retorno permanente a uma comunhão visível com seus discípulos. Dá-lhe a razão para esta proibição: Porque ainda não ascendi a meu Pai. Depois que sua glorificação tiver sido plenamente realizada, então seus discípulos poderiam entrar numa comunhão mais íntima com ele do que anteriormente, naquela maneira que ele havia esplanada aos apóstolos nos últimos discursos na noite antes de sua morte. Jesus, por sua ascensão, entrou no uso pleno e ilimitado de sua majestade divina, e, com isso, também de sua onipresença. Por isso, agora ele está mais próximo de seus discípulos do que em qualquer época anterior. Todos os cristãos têm pela fé Jesus em seus corações, o que é uma comunhão muito mais íntima e mais estreita do que, do que jamais foi a que reinava entre

Cristo e seus discípulos no estado de sua humilhação.<sup>37)</sup> É uma mensagem maravilhosamente linda a que Jesus incidentalmente confia para Maria, a qual ela deveria entregar aos seus irmãos: Ascendo para meu Pai e para vosso Pai, para meu Deus e para vosso Deus. Há um mundo de consolo na palavra “irmãos”. “Estas palavras, de modo apropriado, deviam ser escritas em letras imensas e douradas, não simplesmente em papel e nem num livro, mas em nossos corações, para que lá vivam. “Vai, e dize a meus irmãos.” Esta, verdadeiramente, devia ser uma palavra que torna feliz ao cristão, e que desperta e estimula amor a Cristo.... Caso alguém pudesse considerar de modo correto quão ricas e confortadoras são estas palavras, ele ficaria embriagado de alegria e desejo, assim como Maria ficou embriagada de devoção e amor a Cristo. Aquele de nós que de modo seguro e firme fosse crer, que Cristo fosse seu irmão, este andar aos pulos por aí, e dizer: Quem sou eu, para ser tão honrado, e sou, e até chamado, filho de Deus? Pois, eu, certamente, não sou merecedor que um tão grande Rei e Senhor de todas as criaturas me chamasse sua criatura. Nisso ele não o deixa ficar, mas também quer que eu seja seu irmão e assim seja chamado. Acaso não deveria eu estar feliz, visto que este Homem me chama seu irmão, ele que é o Senhor sobre céus e terra, sobre pecado e morte, sobre diabo e inferno, tudo o possa ser mencionado, não só neste mundo, mas também daquele que há de vir.”<sup>38)</sup> As palavras de Jesus são inconfundíveis: Ele concede aos seus fiéis a sublime e grande honra, colocando-os consigo absolutamente no mesmo nível. Este é o fruto e resultado glorioso de sua obra da redenção. Maria Madalena, por sua vez, creu agora. Ficou convencida que a ressurreição de Jesus foi o selo da redenção consumada. E ela trouxe sua mensagem aos discípulos. Afirmou, sem qualquer dúvida ou hesitação, que vira ao Senhor, e que estas eram as palavras dele a eles. Um verdadeiro cristão sempre testemunhará da fé que está em seu coração. Além disso, quando uma tal pessoa é comissionada e chamada pelo Senhor para tornar conhecido o fato da ressurreição aos outros, o testemunho devia ser feito com toda alegria e com a certeza que contém convicção.

*Dois Aparecimentos Aos Discípulos Reunidos.* Jo. 20. 19-31.

Na noite do dia da páscoa: *V. 19 Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! 20) E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegraram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor. 21) Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. 22) E, havendo dito isto, soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. 23) Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos.* Jesus deu a seus discípulos evidências suficientes de sua ressurreição. Ele, naquele mesmo dia, de noite, depois que aparecera a várias pessoas individualmente e a grupos menores, mostrou-se vivo a dez dos apóstolos. Estavam reunidos numa casa em Jerusalém e cuidadosamente haviam travado as portas, para que um ataque repentino dos judeus não os fizesse também vítimas de seu ódio. Mas ao corpo glorificado do Senhor ressurreto nem portas trancadas e nem grossas paredes foram um entrave. Seu ser já não mais esteve circunscrito pelos limites de espaço e tempo. Eles haviam estado a sós, mas passado um instante, e de repente Jesus está no meio deles. E sua saudação foi a do Salvador ressurreto: Paz convosco! Agora estava realizado o propósito de sua vinda, havia sido removida a inimizade entre Deus e o homem. Deus esteve reconciliado com seus filhos obstinados e transviados. A paz do Salvador vivo é o conforto e a alegria de todos os cristãos. “Cristo por este motivo se tornou homem, por este motivo ele morreu na cruz e ressuscitou ao terceiro dia, para que, sempre que nossos corações, o diabo e o mundo inteiro gritem sobre e contra nós por causa de nossos pecados, que não estejamos em paz, que Deus não nos queira, etc., - que ele nos possa dizer: Não, cara pessoa, não assim, mas paz contigo, Deus não está irado; por causa disso não tenhas medo, pois teus pecados foram pagos, eu estrangulei a morte. Consola-te nisso, que eu o fiz; então qualquer falta de paz precisa ter um fim e a paz precisa aparecer.”<sup>39)</sup> Quando os discípulos ficaram surpresos ante a vinda do Senhor

<sup>37)</sup> 99) Lutero, 8. 990.

<sup>38)</sup> 100) Lutero, 8. 991, 992.

<sup>39)</sup> 101) Lutero, 13<sup>a</sup>. 1037.

ressuscitado e tomados de medo supersticioso, como se estivessem vendo um espírito (fantasma), Jesus lhes mostrou as mãos, onde os sinais dos pregos ainda estavam claramente visíveis, e seu lado, onde o golpe de lança do soldado havia deixado um corte profundo. Esta demonstração convenceu aos discípulos. Estiveram felizes que de fato viram ao Senhor. Era o mesmo corpo que estivera preso na cruz e assim conquistou e mereceu redenção para todas as pessoas. Sua ressurreição não é somente uma garantia de nossa ressurreição, mas também do fato que nossos corpos vis serão transformados conforme seu corpo glorificado, e que nós seremos capazes de reconhecer nossos queridos no céu. É dessa forma que no Salvador ressuscitado há para todos os cristãos alegria imensa e suprema. Agora Jesus repete sua saudação como introdução para uma comissão que ele está por lhes dar, como seus representantes. Assim como o Pai o enviara ao mundo, assim ele agora lhes transferiu a autoridade e o poder do seu chamado. Deviam levar a paz de páscoa a todo mundo. Ele enviou pregar o evangelho. Pois este é o resumo e o conteúdo do evangelho, paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. E tendo-os, desta forma, nomeado seus mensageiros, seus embaixadores, o Senhor formalmente os instala neste ofício. Soprou neles, simbolizando desta forma a transmissão e comunicação a eles do Espírito que habitava nele, e ao qual ele tinha a autoridade de outorgar. O poder do Espírito devia estar com eles no mundo; se vós remitis os pecados de alguém, eles lhes são remitidos; se vós os retiverdes a alguém, são retidos. Foi assim que eles receberam o poder de proferir perdão dos pecados; foi assim que foi instituído o Ofício das Chaves. O perdão de pecados que Jesus conseguiu por meio de seu sofrimento e morte devia ser comunicado e dado às pessoas por meio do anúncio do evangelho, tanto em público como em particular, à pessoas isoladas e a grandes congregações. Esta é a absolvição de pecados. Esta é a vontade e ordem de Cristo: Seus discípulos devem pronunciar perdão, devem remover pecados, e então cada um deve saber e crer que por meio desta absolvição seus pecados realmente são perdoados e tirados. O evangelho não é só um relato da salvação conseguida por Jesus, mas é aplicação desta mensagem, é a concessão do perdão de pecados. Somente aquele que não quer aceitar este perdão, esta misericórdia, esta salvação, com isto se exclui da graça de Deus. Quando a uma pessoa dessas é dito esta fato, então com isso seus pecados são retidos. Este poder e esta autoridade não foram prerrogativa só dos apóstolos, nem o é nas mãos de qualquer hierarquia, mas ela acompanha o evangelho, e está contida no mandamento de Cristo a todos os seus discípulos de pregar o evangelho a todas as nações. As chaves são dadas aos cristãos em geral, à congregação cristã que proclama a mensagem do evangelho. Os pastores que exercem esta autoridade fazem isso em nome da congregação.

A incredulidade de Tomé e a segunda aparição aos onze: *V. 24) ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. 25) Disseram-lhe então os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no seu lado, de modo algum acreditarei. 26) Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! 27) E logo disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. 28) Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu! 29) Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram, e creram.* Tomé, chamado Dídimo, o gêmeo, amava seu Senhor com verdadeira devoção, como haviam mostrado suas palavras por ocasião da morte de Lázaro, Jo. 11. 16. Parece, porém, que ele era de um temperamento bastante sanguíneo, com alguma inclinação à melancolia. Ele ou deve ter estado nos níveis mais altos de contentamento ou no estado mais baixo de abatimento. Por algum motivo não esteve presente com os demais discípulos na noite de páscoa, e por isso não vira o Senhor. Os outros discípulos estiveram animados com sua notícia: Vimos o Senhor. Estavam convictos de sua ressurreição, sabiam que seu Mestre vivia, e haviam recebido sua ordem. Tomé, porém, em descrença sacudia a cabeça e expressou sua dúvida em palavras as mais enfáticas possíveis. A prova que exigia da ressurreição do Senhor foi da natureza mais abrangente e conclusiva. Não só quis ver o Mestre ressuscitado, não se deu por satisfeito em meramente olhar as impressões ou marcas em suas mãos onde os pregos haviam sido pregados na carne; ele também quis suportar a evidência duma impressão com a outra, quis sentir a ferida, para que não fosse enganado por alguma ilusão. Também quis colocar sua mão na ferida aberta em seu lado onde havia penetrado o golpe de lança do soldado.

Foram estas condições que exigira para crer o fato da ressurreição, e elas, certamente, mostram o tamanho de sua dúvida. Jesus em sua onisciência, evidentemente, estava plenamente a par desta atitude de Tomé, e arranhou uma segunda aparição aos apóstolos, aparentemente com o expresso objetivo de convencer Tomé e torná-lo uma testemunha adequada da ressurreição. Foi oito dias depois, na noite do domingo seguinte, que os discípulos novamente estiveram reunidos, estando nesta ocasião Tomé em seu meio. E Jesus repetiu os métodos da ocasião anterior, entrando no círculo dos apóstolos enquanto estavam sentados atrás de portas trancadas, e dirigindo-lhes a saudação de paz. O Senhor, a seguir, dirigindo-se diretamente a Tomé, obediente a todas as condições tal como o desconfiado discípulo as fizera, o convida a chegar seu dedo e examinar suas duas mãos, e a estender e colocar sua mão em seu lado. Mas Jesus acrescenta, na forma duma advertência impressionante: Não sejas descrente, mas crente. Sua fé, que estavam balançando violentamente e se debatia duramente com a dúvida, não devia sucumbir por completo. O Senhor esteve inteiramente pronto a se submeter ao teste, caso com isto houvesse a chance de amparar um discípulo em sua confiança nele. Tomé, porém, não precisou mais dum teste neste momento em que viu diante de si seu Mestre e ouviu sua voz amável. Sua vacilante fé retornou à sua força total com um prazenteiro suporte dado pela palavra do Senhor, o que redundou numa confissão maravilhosa sobre Jesus. Tomé exclamou no tom da mais firme convicção: Meu Senhor e meu Deus. Sua fé não somente sabe que seu Senhor e Mestre está vivo, está ressuscitado dentre os mortos, mas sabe que este homem é o verdadeiro Deus. Jesus, por sua ressurreição dentre os mortos, com poder foi declarado como o Filho de Deus. Sua ressurreição é um selo da total redenção e reconciliação do mundo, pelo que também é estabelecida sua divindade, sem deixar qualquer dúvida. É um milagre que somente Deus pode fazer, tirar da morte a sua própria vida. Jesus não é somente divino, mas é o próprio Deus, verdadeiro Deus com o Pai e o Espírito. Se este homem, nosso irmão segundo a carne, não fosse verdadeiro Deus, em sua morte não haveria qualquer conforto para nós. Mas agora já não pode haver qualquer dúvida quanto à redenção completa e perfeita; pois Deus em Cristo, visto ser Cristo verdadeiro Deus, foi capaz de vencer todos os inimigos, ressuscitar dentre os mortos, e há de viver e reinar por toda eternidade. Mas para alcançar as bênçãos da ressurreição de Jesus, é necessário que cada cristão aprenda a dizer com Tomé: *Meu Senhor e meu Deus*. Esta é a natureza da fé salvadora, que ela se apega a Cristo, ao Salvador, e se apropria de sua redenção com confiança certa e alegre. A seguir Jesus gentilmente repreende a Tomé por causa de sua dúvida tola e perigosa. Ele creu, visto ter visto seu Senhor ressuscitado, e assim se deu por satisfeito e feliz. Mas sempre é verdade, que a bênção e a felicidade da fé perfeita não se apóia sobre as evidências dos sentidos nem sobre sentimentos e razão, mas sobre a palavra do evangelho. Os apóstolos, que foram as testemunhas da ressurreição de Cristo, 1.Jo. 1. 1-3, registraram os fatos sobre Jesus, sua pessoa e sua obra, e da salvação que temos em seu nome. Temos por meio desta palavra comunhão com nosso Senhor; ele vem na palavra a nós e vive em nós. É assim que temos sua bênção plena. “Aquele que deseja saber aquilo que devemos saber, que ouça o que Tomé crê, a saber, que Jesus é o Filho de Deus e o Senhor da vida, que nos ajudará a sair dos pecados e da morte para a vida e a justiça. Esta confiança e esperança são a verdadeira fé, não só sabê-lo, mas também aceitá-lo e se confortar contra a morte e o pecado. Onde há essa fé e confiança, há salvação, e nossos pecados não nos podem estorvar.”<sup>40)</sup>

O objetivo do evangelho de João: *V. 30) Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. 31) Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome*. Depois de registrar as evidências indisputáveis em favor do maior de todos os milagres e a aceitação do milagre pelos discípulos, resume e afirma, aqui, o objetivo de seu evangelho. Ele escreve expressamente que não esgotou a narração dos milagres de Cristo, mas deu um relato só de tantos que são necessários para convencer os leitores do evangelho e operar em seus corações a fé em Jesus o Cristo, o Salvador, o Filho de Deus. Pois esta é sua tese, como ele claramente afirma. Seu alvo foi provar a divindade de Cristo e por meio desta prova operar convicção nos corações das pessoas, para que pudessem crer e ter por meio da fé a vida eterna, que está em Cristo e é por Cristo dada aos que crêem em seu nome. Jesus Cristo, este nome,

---

<sup>40)</sup> 102) Lutero. 13<sup>a</sup>. 1041.

não é algum mero título, ou um som sem significado, mas é ele mesmo evangelho glorioso e belo que dá a vida eterna aos fiéis.

**Resumo:** Depois que Maria Madalena e então Pedro e João haviam inspecionado o sepulcro vazio, Jesus aparece para Maria, na noite do dia da páscoa aos discípulos sem Tomé, e oito dias depois a todos eles, com a confortadora evidência e mensagem da ressurreição.

## Capítulo 21

### O Aparecimento De Cristo Junto Ao Mar De Tiberíades. João 21. 1-14.

A expedição pesqueira: *V. 1) Depois disto, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e foi assim que ele se manifestou. 2) Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos. 3) Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Também nós vamos contigo. Saíram e entraram no barco, e naquela noite nada apanharam.<sup>41)</sup>* Jesus dissera aos seus discípulos que depois de sua ressurreição ele os veria num lugar designado na Galiléia, Mt. 26. 32; 28. 7; Mc. 16. 7. Por isso, algum tempo depois da segunda aparição aos discípulos reunidos uma semana após páscoa, estes últimos viajaram para a província do norte, foram pela estrada que ao longo do Mar da Galiléia, visitando, provavelmente, seus antigos lares. Foi assim que, num fim de tarde, se encontraram junto às praias do lago o qual alguns deles tantas vezes haviam cruzado em sua vocação de pescadores. Era um grupo de sete que aqui esteve reunido: Simão Pedro, Tomé Dídimo, Natanael de Caná, Tiago e João, os filhos de Zebedeu, e mais dois outros discípulos cujos nomes o evangelista não registra. O intervalo entre a ressurreição de Jesus e o milagre de Pentecostes deve ter sido excepcionalmente tentador aos discípulos. Estavam sem um líder, e nem ainda haviam recebido a comunicação extraordinária do Espírito que capacitaria a cada um deles para lutar sozinho. Estavam, neste humor de incerteza, parados junto à beira do mar, quando, de repente, Pedro exclamou: Vou sair para pescar. Provavelmente a vista dos barcos que partiam para a pesca durante a noite despertara o antigo amor pela sua antiga ocupação. E os outros, considerando como justiça suas palavras como um convite para se juntarem a ele, responderam com grande satisfação que o acompanhariam. A excursão prometeu alguma distração e podia resultar nalgum ganho. Por isso embarcaram num barco e partiram. Seus esforços, porém, não foram corados de sucesso. Tal como numa ocasião anterior, trabalharam toda noite e nada pegaram. Notemos: Em qualquer vocação, negócio, ocupação ou profissão a bênção precisa ser dada pelo Senhor; sem ele os esforços mais diligentes e o aparente sucesso são sem valor.

A segunda redada milagrosa: *V. 4) Mas ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia os discípulos não reconheceram que era ele. 5) Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não. 6) Então lhes disse; Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Assim fizeram, e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes. 7) Aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor! Simão Pedro, ouvindo que era o Senhor, cingiu-se com sua veste porque se havia despido, e lançou-se ao mar; 8) mas os outros discípulos vieram no barquinho puxando a rede com os peixes; porque não estavam distantes da terra senão quase duzentos côvados.* Depois duma noite de um trabalho tão árduo, o amanhecer, muito bem, pode ter encontrado os discípulos com falta de coragem, e eles voltaram para mais perto da praia. E eis Jesus em pé na praia, ainda que os homens que estiveram no barco não o reconheceram. Esta foi mais outra revelação de seu corpo espiritual, que possuía a faculdade de se tornar invisível e de mudar suas características. A antiga forma e aparência familiar depois da ressurreição muitas vezes não estava ali para guiar os discípulos, como aconteceu no caso de Maria Madalena e dos peregrinos de Emaus. Jesus não revelou imediatamente sua identidade. Simplesmente falou com eles, assim como qualquer homem se podia dirigir a um grupo de pescadores: Rapazes, tendes algum peixe? isto é: Tivestes sucesso em vosso trabalho? Pegastes algum peixe? A palavra empregada por Jesus indica para qualquer coisa que podia ser comida como adição da

<sup>41)</sup> 103) Sobre a autenticidade do último capítulo de João, veja *Lehre und Wehre*, 1909. 337ss.

refeição regular de pão, ou seja, o alemão *Zukost*. O significado da pergunta é muito simples, visto que, naquelas regiões, isto era via de regra peixe. Sobre a resposta negativa deles o Senhor lhes pede que atirem sua rede no lado direito do barco, pois ali encontrariam peixes. E o resultado foi um apanhado tão grande de peixes, que o esforço conjunto dos homens não bastou para puxar a rede para dentro do barco. O número e o peso conseqüente dos peixes foi demais para a força deles. João foi o primeiro homem dentre os discípulos que fez a conclusão correta deste óbvio milagre. Ele disse a Pedro: É o Senhor. Esta explanação empolgou imediatamente a Pedro, e ele, em seu ardor usual e impetuoso, rapidamente lançou sobre si suas vestes de pescador, ou sua blusa, e se atirou ao mar para nadar até a praia. Um antigo comentarista o tem assim: “João tinha um maior discernimento, Pedro um maior ardor.” Pedro, provavelmente, esteve a remar vestido só duma tanga, podendo o vestuário curto, ou capa, podia ser vestida de modo muito rápida sobre o corpo nu. Os outros discípulos vieram mais devagar do que Pedro, no barquinho leve e pequeno, trazendo de reboque a rede cheia de peixes. Isto lhes foi tanto mais fácil, porque estavam só uns duzentos côvados, uns cento e oitenta metros, da praia. Nesta ocasião todos os discípulos souberam que novamente haviam testemunhado um milagre, na verdade, haviam sido instrumentos do Senhor para realizar este milagre, e a narrativa os retrata como pessoas tomadas de espanto e reverência diante desta nova manifestação de divino poder da parte de Jesus.

A refeição na praia: *V. 9) Ao saltarem em terra viram ali umas brasas e em cima peixes; e havia também pão. 10) Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que acabastes de apanhar. 11) Simão Pedro entrou no barco e arrastou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, não obstante serem tantos, a rede não se rompeu. 12) Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? porque sabiam que era o Senhor. 13) Veio Jesus, tomou o pão e lhes deu, e, de igual modo, o peixe. 14) E já era esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos discípulos, depois de ressuscitado dentre os mortos.* Enquanto os discípulos chegaram à terra, o Senhor, de alguma maneira, havia aceso um fogo e providenciado tanto pão como peixe para o lanche. Notemos a narrativa dos detalhes, algo peculiar a uma testemunha ocular. Notemos também que a providência de Jesus é plenamente capaz de tomar cuidado de todas as necessidades de seus discípulos, sejam elas pequenas ou grandes. Segundo a ordem de Jesus, que deviam trazer dos peixes que haviam pegado e recém arrastado à margem, Simão Pedro entrou no barquinho e, sozinho, arrastou a rede à praia. Seu amor ao Mestre e o entusiasmo da ocasião deram-lhe uma força quase sobre-humana. Muitos trabalhos no benefício de Cristo e da igreja do ponto de vista da avaliação humana tem parecido impossível, mas se mostrou coisa relativamente fácil quando assumido no temor do Senhor e com a inabalável convicção que essa foi a vontade do Senhor. Neste ponto duas informações são enfatizadas pelo evangelista: o fato que a rede conteve um total de cento e cinquenta e três peixes, não pequenos, mas grandes e pesados; e que a rede, apesar do grande peso, não se rompeu. Todos estes detalhes são reunidos para conceder uma ilustração do poder onipotente de Cristo que não pode ser negado pelos inimigos. Este milagre ensina aos cristãos de todos os tempos que o Senhor pode e quer assumir os cuidados de suas necessidades físicas; ele quer prover-lhes o pão diário. A eles cabe unicamente trabalhar com toda fidelidade em sua vocação, e, dum lado, não dar lugar à desocupação e do outro lado à tola ansiedade. O Senhor, tendo provido pela refeição, convidou os discípulos para o lanche. E os discípulos, mesmo com alguma modéstia, estiveram felizes em vir. Enquanto antes de sua paixão haviam estado numa base amigável com seu Mestre, agora uma nova dignidade e altivez forçaram o temeroso respeito deles. Todos eles souberam que era o Senhor, e não se atreveram a fazer perguntas. Agora Jesus se adiantou e assumiu o papel de anfitrião, distribuindo tanto pão como peixe a eles. Quase cada ação do Senhor recordou os discípulos de algum incidente no ministério do Senhor, e fê-los erguer seus corações em prece cheia de gratidão pela bênção de sua presença. Incidentalmente, esta terceira aparição a um grande grupo de discípulos recordou-lhes a vocação imensa que, em breve, deviam assumir. O Senhor não perdeu o contacto com seus discípulos; não permitiu que os pensamentos deles se afastassem completamente da grande tarefa de vida que os aguardava.

A tripla pergunta do Senhor: *V. 15) Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. 16) Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas. 17) Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.* Quando os discípulos, como hóspedes do Mestre, haviam findado seu lanche, Jesus mostrou que teve um motivo especial para aparecer nesta ocasião. Dirigiu-se a Pedro, tomando-o, provavelmente, à parte dos demais. No dia de páscoa o Senhor aparecera só a Pedro, Lc. 24. 34, ocasião em que, sem dúvida, o reinstalou em sua posição como seu discípulo. O Senhor aqui, porém, se dirige propositalmente a Pedro, estando à vista, se não na presença, de seis discípulos que haviam estado presente na noite antes de sua morte. Jesus, de modo muito sério e impressionante pergunta três vezes a Pedro quanto ao seu amor a ele. Ele faz a primeira pergunta de tal maneira que faz uma comparação entre o amor de Pedro e o dos demais. Pedro havia confessado e protestado uma estima mais aficionada a Cristo do que os outros discípulos, Mt. 26. 33, mas, para sua grande tristeza, precisara aprender, quão tolo é confiar em sua própria força. Depois desta afirmação ele houvera negado três vezes seu Senhor. Neste momento, não foi o objetivo de Cristo operar arrependimento, pois a tristeza de Pedro havia sido profunda e genuína, e já antes deste momento fora recebido na graça. A lição que o Senhor aplicou foi, ainda assim, necessária, para conservar Pedro na humildade que, acima de tudo, é exigida do servo do Senhor. O uso de seu antigo nome Simão, e a adição da explicação “filho de João”, tornou a pergunta ainda mais profunda: Amas-me? Estaria Pedro agora pronto a amar seu Senhor e Salvador de todo seu coração, de toda sua alma e de todo seu entendimento? A tripla resposta de Pedro expressa a mudança que ocorrera nele desde aquela noite da negação. Naquela vez o que fora destacado, foi seu próprio eu, sua própria pessoa. Agora, porém, a primeira pessoa é relegada para o fundo, enquanto Pedro apela ao conhecimento de Cristo. Quando ecoou pela terceira vez a pergunta do Senhor, Pedro sentiu-se muito triste. Sentiu a legitimidade da posição do Senhor; e reconheceu que dera motivo para dúvida. Foi a própria ternura da repreensão que tornou a tristeza de Pedro ainda mais aguda e sua declaração solene de amor tanto mais ardente. Ele, finalmente, apela à onisciência do Senhor. Aquele que sabe todas as coisas, que perscruta corações e mentes, poderia e iria ler corretamente o sentimento de seu coração e saberia que o amor que ele tinha ao seu Salvador era genuíno, baseado na fé na redenção do Deus-homem. Esta é uma marca de verdadeira fé, quando cristãos não só confessam diante dos homens que amam seu Senhor, mas quando desafiam ao próprio Deus onisciente para que neste sentido perscrute seus corações. Muitas vezes o amor dos cristãos pode ser fraco e em grande necessidade de amparo, mas, apesar de tudo, precisa ser genuíno. O Senhor reconheceu e retribuiu a sinceridade do amor e da fé de Pedro. Dá-lhe três vezes a significativa ordem de tratar, de ser um pastor, das ovelhas, ou seus cordeiros. As ovelhas de Jesus, como ele próprio explica em Jo. 10, são todos aqueles que o Pai lhe deu, ou seja, os cristãos. E os cordeiros são os pequeninos no reino de Deus, em especial as crianças, Mt. 18; Mc. 10. Foi assim que Pedro recebeu uma vocação especial e foi reinstalado em seu ofício e ministério. Pedro devia ser um daqueles que estão encarregados do rebanho de Cristo, que realizam o trabalho de pastores e guias do rebanho. Pois, tratar as ovelhas, como Lutero diz, é nada outro do que proclamar-lhes da Palavra de Deus, isto é, a verdadeira fé. O comissionamento do Senhor também hoje está em vigor. Todos os verdadeiros pregadores do evangelho, neste sentido, têm o mesmo ministério como tiveram os apóstolos. O requisito principal duma pessoa que tem a seu encargo o rebanho de Jesus é amor genuíno e ardente a Cristo, o grande Pastor de todos. Então este amor achará sua expressão num verdadeiro trabalho pastoral, tanto em público como em particular, que aplica a maravilhosa mensagem da salvação onde quer que esta mensagem possa ser proclamada.

Uma profecia sobre Pedro: *V. 18) Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres. 19) Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me.* A entrevista com Pedro também afetou profundamente ao

Senhor, porque seu amor a seus discípulos era realmente cordial. Referindo-se, provavelmente, à ação de Pedro, ao cingir sua capa em si, quando o Senhor esteve parado na praia, Jesus lhe diz que estas condições ainda lhe são possíveis. Ele ainda tem a liberdade de ir e vir, segundo ele o quiser. Aproxima-se, porém, o tempo, quando já for velho, quando Pedro será obrigado a estender suas mãos, de ser amarrado e algemado e de ir para onde não tinha inclinação natural de ir. Foi uma profecia do martírio de Pedro. Conforme uma tradição que parece correta, Pedro foi morto por crucificação sob o imperador Nero, dando desta forma glória e honra e louvor a Deus, até em sua morte. Tão somente precisa seguir sempre a Cristo, seu Senhor e Salvador, aonde quer que fosse guiado. Notemos: O cristão inabalável, que sela sua fé com sua vida, dá glória e faz que venha glória ao nome de Deus e de Jesus. Sofrer por amor a Cristo pertence às experiências do cristão em geral, mas em especial aos servos da Palavra.

A referência a João: *V. 20) Então Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo o discípulo a quem Jesus amava, o qual na ceia se reclinara sobre o peito de Jesus, e perguntara: Senhor, quem é o traidor? 21) Vendo-o, pois, Pedro perguntou a Jesus: E quanto a este? 22) Respondeu-lhe Jesus: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa? Quanto a ti, segue-me. 23) Então se tornou corrente entre os irmãos o dito de que aquele discípulo não morreria. Ora, Jesus não dissera que tal discípulo não morreria, mas: Se eu quero que ele permaneça até que eu venha, que te importa?* Pedro ainda não estava totalmente curado de sua impetuosidade. Quando ia caminhando com Jesus, não conseguiu conter-se e olhou para trás, e assim notou que João, que aqui se descreve com muita exatidão, também vinha pelo caminho deles. Pedro imediatamente perguntou: Senhor, mas e este homem, que acontecerá com ele? O Senhor repreendeu esta falta de ponderação sincera da parte de Pedro, dizendo-lhe que era assunto completamente seu decidir se João permanecesse até que ele retornasse. Logo que uma pessoa gasta seu tempo cismando sobre o que outras pessoas farão, ela negligencia alguma oportunidade de servir. O supremo Pastor, Jesus Cristo, cuida de sua igreja e quer administrar seus negócios de tal forma que redundem todos para a salvação daqueles que são seus e para a glória de Deus. Qualquer interferência em seu governo é tolice e pecaminoso. Não tem significado maior, se Jesus se referiu à sua vinda no fim do mundo ou àquela vinda que começou com o juízo de Jerusalém, Mt. 16. 28. Mas entendeu-se erradamente a afirmação de Jesus. Alguns dos discípulos acreditaram que João nunca morreria. Ele, porém, corrige esta noção, quando enfatiza as palavras: Se eu quero que ele permaneça. Todas as coisas estão no poder, sob o governo de Jesus, o Senhor e Rei do reino da graça. Uma confiança singela na sabedoria de sua direção sempre devia caracterizar a atitude de todos os cristãos. Devemos estar certos que o Cristo ressuscitado tem o destino daqueles que são seus em suas mãos e sempre os guia naquele caminho que é para a valia e o benefício deles.

Conclusão: *V. 24) Este é o discípulo que dá testemunho a respeito destas coisas, e que as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro. 25) Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.(Amém).* Neste ponto, João, num registro final, defende a fidelidade dos relatos que ele ofereceu em seu evangelho. Ele não escreveu na base de fontes questionáveis, mas sabe que o testemunho que ele com isto dá é verdadeiro. Incidentalmente ele afirma que se os ditos e todos os milagres e sinais de Jesus tivessem sido registrados e descritos, isso seria um volume tão grande, que se poderia dizer, que o mundo não poderia conter todos os livros, não poderiam compreender e captar os milagres que assim oferecidos. Mas o que João relatou isso é plenamente suficiente para o objetivo dele e do Espírito que por ele falou, a saber, de ensinar a divindade e a redenção de Jesus Cristo, o Salvador do mundo, para que todos os que crêem nele não pereçam, mas tenham a vida eterna.

**Resumo:** Jesus aparece a sete discípulos junto ao Mar da Galiléia, dá-lhes mais outra redada milagrosa de peixes, e, numa entrevista profunda, reinstala Pedro em seu discipulado.

(Canoas, 31 de março de 2004.)  
Eugenio Dauernheimer

## **UMA HARMONIA CURTA DA NARRATIVA DO EVANGELHO**

O prólogo do evangelho de João. Jo. 1. 1-18.  
Prefácio do evangelho de Lucas. Lc. 1. 1-4.  
Prometido o nascimento de João Batista. Lc. 1. 5-25.  
A anunciação para Maria. Lc. 1. 26-38.  
A anunciação para José. Mt. 1. 18-25.  
A visita de Maria para Isabel. Lc. 1. 39-56.  
Nascimento de João Batista. Lc. 1. 57-80.  
Nascimento de Jesus Cristo. Mt. 1. 18-25; Lc. 2. 1-14.  
A adoração dos pastores. Lc. 2. 15-20.  
A circuncisão e apresentação de Cristo. Lc. 2. 21-39.  
Simeão e Ana. Lc. 2. 25-40.  
Os magos do oriente. Mt. 2. 1-12.  
A fuga ao Egito e o retorno a Nazaré. Mt. 2. 13-23.  
Infância em Nazaré. Mt. 2. 23; Lc. 2. 39,40.  
O Menino Jesus aos doze anos no templo. Lc. 2. 41-52.  
O ministério de João Batista. Mt. 3. 1-12; Mc. 1. 1-8; Lc. 3. 1-18.  
O batismo de Jesus. Mt. 3. 13-17; Mc. 1. 9-11; Lc. 3. 21,22.  
A tentação no deserto. Mt. 4. 1-11; Mc. 1. 12,13; Lc. 4. 1-13.  
O testemunho de João perante os sacerdotes e levitas. Jo. 1. 19-34.  
Os primeiros discípulos de Jesus. Jo. 1. 35-51.  
O casamento em Caná. Jo. 2. 1-11.  
A primeira purificação do templo. Jo. 2. 12-25.  
O discurso com Nicodemos. Jo. 3. 1-21.  
O último testemunho de João Batista sobre Jesus. Jo. 3. 22-36.  
A partida da Judéia e a mulher de Samaria. Mt. 4. 12; Mc. 1. 14; Jo. 4. 1-26.  
O evangelho em Sicar. Jo. 4. 27-42.  
Aprisionamento de João Batista e o começo do ministério Galileu de Cristo. Mt. 14. 3-5; 4. 12-17; Mc. 6. 17, 18; Lc. 3. 19, 20; Jo. 4. 43-45.  
A cura do filho dum oficial do rei. Jo. 4. 46-54.  
A primeira rejeição em Nazaré. Lc. 4. 16-30.  
Cura do enfermo de Betesda. Jo. 5. 1-18.  
Testemunho de Cristo sobre si mesmo. Jo. 5. 19-47.  
A mudança para Cafarnaum. Mt. 4. 13-16; Lc. 4. 31<sup>a</sup>.  
A vocação dos quatro. Mt. 4. 18-22; Mc. 1. 16-20; Lc. 5. 1-11.  
Um dia de milagres em Cafarnaum. Mt. 8. 14-17; Mc. 1. 21-34; Lc. 4. 31-41.  
Uma viagem de pregação na Galiléia. Mt. 4. 23-25; 8. 1-4; Mc. 1. 35-45; Lc. 4. 42-44; 5. 12-16.  
A milagrosa redada de peixes. Lc. 5. 1-11.  
A vocação de Mateus. Mt. 9. 9-13; Mc. 2. 13-17; Lc. 5. 27-32.  
A pergunta sobre jejum. Mt. 9. 14-17; Mc. 2. 18-22; Lc. 5. 33-39.  
Os discípulos arrancando cereal. Mt. 12. 1-8; Mc. 2. 23-28; Lc. 6. 1-5.  
O homem com a mão mirrada. Mt. 12. 9-14; Mc. 3. 1-6; Lc. 6. 6-11.  
A fama muito difundida de Jesus. Mt. 4. 23-25; 12. 15-21; Mc. 3. 7-12; Lc. 6. 17-19.  
A escolha dos doze. Mt. 10. 2-4; Mc. 3. 13-19<sup>a</sup>; Lc. 6. 12-19.  
O sermão do monte. Mt. 5. 1-8.1; Lc. 6. 20-49.  
A cura dum leproso. Mt. 8. 1-4; Mc. 1. 40-45; Lc. 5. 12-16.  
O servo do centurião. Mt. 8. 5-13; Lc. 7. 1-10.  
A ressurreição do filho da viúva de Naím. Lc. 7. 11-17.  
A última mensagem de João Batista. Mt. 11. 2-19; Lc. 7. 18-35.  
A unção de Jesus na casa do fariseu Simão. Lc. 7. 36-50.  
Os companheiros de Cristo em sua segunda viagem de pregação. Lc. 8. 1-3.  
Advertências dadas aos escribas e fariseus. Mt. 12. 22-45; Mc. 3. 19b-30; Lc. 11. 14-36.  
Os verdadeiros parentes de Jesus. Mt. 12. 46-50; Mc. 3. 31-35; Lc. 8. 19-21.  
As parábolas junto ao mar. Mt. 13. 1-53; Mc. 4. 1-34; Lc. 8. 4-18.  
O acalmar da tempestade. Mt. 8. 18, 23-27; Mc. 4. 35-41; Lc. 8. 22-25.

Os endemoninhados gadarenos. Mt. 8. 28-34; Mc. 5. 1-20; Lc. 8. 26-30.  
A ressurreição da filha de Jairo. Mt. 9. 1, 18-26; Mc. 5. 21-43; Lc. 8. 40-56.  
Os dois homens cegos e o endemoninhado mudo. Mt. 9. 27-34.  
É continuada a terceira viagem de pregação. Mt. 9. 35; Mc. 6. 6b.  
A missão dos doze. Mt. 9. 36-11.1; Mc. 6. 7-13; Lc. 9. 1-6.  
A morte de João Batista. Mt. 14. 1-12; Mc. 6. 14-29; Lc. 9. 7-9.  
A alimentação dos cinco mil. Jo. 6. 1-13; Mt. 14. 13-23; Mc. 6. 30-46; Lc. 9. 10-17.  
Jesus anda sobre a água. Mt. 14. 24-36; Mc. 6. 45-56; Jo. 6. 14-21.  
Discurso sobre o pão da vida. Jo. 6. 22-71.  
Discursos sobre os mandamentos dos homens. Mt. 15. 1-20; Mc. 7. 1-23.  
A mulher siro-fenícia. Mt. 15. 21-28; Mc. 7. 24-30.  
O retorno por Decápolis. Mt. 15. 29-31; Mc. 7. 31-37.  
A alimentação dos quatro mil. Mt. 15. 29-39; Mc. 8. 1-9.  
A exigência por um sinal do céu. Mt. 15. 39-16.12; Mc. 8. 10-21; Lc. 12. 54-57.  
O homem cego perto de Betsaida. Mc. 8. 22-26.  
A confissão de Pedro. Mt. 16. 13-20; Mc. 8. 27-30; Lc. 9. 18-21.  
Cristo prediz sua morte e ressurreição. Mt. 16. 21-28; Mc. 8. 31-9.1; Lc. 9. 22-27.  
A transfiguração. Mt. 17. 1-13; Mc. 9. 2-13; Lc. 9. 28-36.  
O jovem endemoninhado. Mt. 17. 14-20; Mc. 9. 14-32; Lc. 9. 37-43<sup>a</sup>.  
Discurso sobre humildade e perdão. Mt. 18; Mc. 9. 33-50; Lc. 9. 46-50.  
Jesus na festa dos tabernáculos. Jo. 7. 1-52.  
A mulher apanhada em adultério. Jo. 7. 53-8.11.  
Jesus a luz do mundo. Jo. 8. 12-30.  
Discurso sobre a liberdade espiritual. Jo. 8. 31-59.  
A partida final da Galiléia. Mt. 19. 1,2; Mt. 8. 19-22; Lc. 9. 51-62.  
A missão dos setenta. Mt. 11. 20-30; Lc. 10. 1-24.  
O bom samaritano. Lc. 10. 25-37.  
A visita a Maria e Marta. Lc. 10. 38-42.  
A cura do homem que nasceu cego. Jo. 9.  
O bom pastor. Jo. 10. 1-21.  
Cristo na festa da dedicação. Jo. 10. 22-42.  
Discurso sobre a oração. Lc. 11. 1=13.  
Ais contra os fariseus. Lc. 11. 37-54.  
Advertência contra o espírito do farisaísmo. Lc. 12.  
Os galileus mortos por Pilatos. Lc. 13. 1-9.  
A mulher curada num sábado. Lc. 13. 10-21.  
A pergunta se poucos são salvos. Lc. 13. 22-35.  
Discurso à mesa dum dos principais fariseus. Lc. 14. 1-24.  
Sobre o cálculo dos custos. Lc. 14. 25-35.  
Três parábolas da graça. Lc. 15.  
Duas parábolas de advertência. Lc. 16.  
Sobre o perdão e a fé. Lc. 17. 1-10.  
A ressurreição de Lázaro. Jo. 11. 1-46.  
A retirada para Efraim. Jo. 11. 47-54.  
Os dez leprosos. Lc. 17. 11-19.  
A vinda do reino. Lc. 17. 20-18.8.  
O fariseu e o publicano. Lc. 18. 9-14.  
Sobre o divórcio. Mt. 19. 1-15; Mc. 10. 2-12; Lc. 18. 15-17.  
Cristo e o rico jovem soberano. Mt. 19. 16-30; Mc. 10. 17-31; Lc. 18. 18-30.  
Os trabalhadores na vinha. Mt. 20. 1-16.  
Cristo prediz sua crucificação. Mt. 20. 17-19; Mc. 10. 32-34; Lc. 18. 31-34.  
A ambição de Tiago e João. Mt. 20. 20-28; Mc. 10. 35-45.  
Os cegos perto de Jericó. Mt. 20. 29-34; Mc. 10. 46-52; Lc. 18. 35-43.  
A visita a Zaqueu. Lc. 19. 1-10.  
A parábola das minas. Lc. 19. 11-28.  
A unção de Jesus por Maria de Betânia. Mt. 26. 6-13; Mc. 14. 3-9; Jo. 11. 55-12.11.

A entrada triunfal em Jerusalém. Mt. 21. 1-11; Mc. 11. 1-11; Lc. 19. 29-44; Jo. 12. 12-19.  
 A maldição da figueira. Mt. 21. 18, 19; Mc. 11. 12-14.  
 A segunda purificação do templo. Mt. 21. 12-17; Mc. 11. 15-19; Lc. 19. 45-48.  
 A figueira que secou. Mt. 21. 20-22; Mc. 11. 20-25.  
 Desafiada a autoridade de Cristo. Mt. 21. 23-27; Mc. 11. 27-33; Lc. 20. 1-8.  
 Três parábolas de advertência. Mt. 21. 28-22.14; Mc. 12. 1-12; Lc. 20. 9-19.  
 Três questões dos chefes dos judeus. Mt. 25. 15-40; Mc. 12. 13-34; Lc. 20. 20-40.  
 A questão inabalável de Cristo. Mt. 22. 41-46; Mc. 12. 35-37; Lc. 20. 41-44.  
 O discurso contra os escribas e fariseus. Mt. 23; Mc. 12. 38-40; Lc. 20. 45-47.  
 As duas moedinhas da viúva. Mc. 12. 41-44; Lc. 21. 1-4.  
 Testemunho de Jesus sobre sua glorificação. Jo. 12. 20-50.  
 Sobre a destruição de Jerusalém e o fim do mundo. Mt. 24; Mc. 13; Lc. 21.  
 As dez virgens. Mt. 25. 1-13.  
 O juízo final. Mt. 25. 31-46.  
 A conspiração contra Jesus. Mt. 26. 1-5, 14-16; Mc. 14. 1,2,10,11; Lc. 22. 1-6.  
 Jesus lava os pés aos discípulos. Jo. 13. 1-20.  
 A ceia pascal e a instituição da Ceia do Senhor. Mt. 26. 17-36; Mc. 14. 12-26; Lc. 22. 7-30; Jo. 13. 1-30.  
 Os discursos de despedida de Cristo. Mt. 26. 31-35; Mc. 14. 27-31; Lc. 22. 31-38; Jo. 13. 31-16.33.  
 A oração intercessora. Jo. 17.  
 A agonia no Getsêmani. Mt. 26. 30-46; Mc. 14. 26-42; Lc. 22. 39-46; Jo. 18. 1.  
 A traição e prisão. Mt. 26. 47-56; Mc. 14. 43-52; Lc. 22. 47-53; Jo. 18. 1-12.  
 O julgamento diante das autoridades judaicas e a negação de Pedro. Mt. 26. 57-27.10; Mc. 14. 53-72; Lc. 22. 54-71; Jo. 18. 12=27.  
 O julgamento diante Pilatos. Mt. 27. 11-31; Mc. 15. 1-20; Lc. 22. 1-25; Jo. 18. 28-19.16<sup>a</sup>.  
 A crucificação e morte de Jesus. Mt. 27. 32-56; Mc. 15. 21-41; Lc. 23. 26-49; Jo. 19. 16b-37.  
 O sepultamento de Jesus. Mt. 27. 57-61; Mc. 15. 42-47; Lc. 23. 50-56<sup>a</sup>; Jo. 19. 38-42.  
 A guarda junto ao sepulcro. Mt. 27. 62-66.  
 Manhã de páscoa. Mt. 28. 1-15; Mc. 16. 1-11; Lc. 23. 56b-24; Jo. 20. 1-18.  
 O relato da guarda. Mt. 28. 11-15.  
 A ida a Emaús. Mc. 16. 12,13; Lc. 24. 13-35.  
 A aparição aos discípulos em Jerusalém. Mc. 16. 14; Lc. 24. 36-43; Jo. 20. 19-31.  
 A aparição a sete discípulos junto ao Mar da Galiléia. Jo. 21.  
 A aparição aos onze num monte na Galiléia. Mt. 28. 16-20; Mc. 16. 15-18.  
 A aparição final de Cristo e sua ascensão do Monte das Oliveiras. Mc. 16. 19,20; Lc. 24. 44-53.  
 A conclusão do evangelho de João. Jo. 20. 30,31; 21. 25.<sup>42)</sup>

Canoas, 01 de junho de 2004.

---

<sup>42)</sup> 104) Sobre a harmonia interna, cf. Stoeckhardt, *Biblische Geschichte des Neuen Testaments*; Robinson, *A Harmony of the Four Gospels in Greek*; Burton-Stevens, *A Harmony of the Four Gospels; and on the resurrection story, Ber. D. Synodalkonf., 1902.*